

FREIRE E NÓS

Pedagogia da Amorosidade



Ivo Dickmann | Gina Zanini
Juliana Giongo | Cleide Feil
[orgs.]

FREIRE E NÓS:
PEDAGOGIA DA AMOROSIDADE

Ivo Dickmann
Gina Zanini
Juliana Aparecida Giongo
Cleide Terezinha Neumann Feil
[Orgs.]

**FREIRE E NÓS:
PEDAGOGIA DA AMOROSIDADE**

Editora Livrologia
Chapecó - SC
2019

EDITORA LIVROLOGIA

Rua Vicente Cunha, 299
Bairro Palmital – Chapecó/SC
CEP: 89.815-405
Telefone e WhatsApp:
(49) 98916-0719
franquia@livrologia.com.br
www.livrologia.com.br

CONSELHO EDITORIAL

Jorge Alejandro Santos - Argentina
Francisco Javier de León Ramírez - México
Ivo Dickmann - Brasil
Ivanio Dickmann - Brasil
Viviane Bagiotto Boton – Brasil
Fernanda dos Santos Paulo - Brasil

© 2019 - Editora Livrologia Ltda.

Coleção: Cátedra Paulo Freire.
Edição: Editora Livrologia.
Projeto gráfico: Ivo Dickmann.
Arte e projeto da capa: Gina Zanini.
Capa: Ivanio Dickmann
Preparação e Revisão: Cleide T. N. Feil e Juliana A. Giongo.
Diagramação: Equipe Livrologia.
Impressão e acabamento: META

FICHA CATALOGRÁFICA

F866 Freire e nós: pedagogia da amorosidade / Ivo Dickmann, Gina Zanini, Juliana Aparecida Giongo, Cleide Terezinha Neumann Feil (Orgs.). Chapecó: Livrologia, 2019.

ISBN: 978-65-80329-20-5

1. Educação – Filosofia. 2. Educação – Finalidades e objetivos. 3. Paulo Freire – 1921-1998 I. Dickmann, Ivo. II. Zanini, Gina. III. Giongo, Juliana Aparecida. IV. Neumann, Cleide Terezinha. V. Título.

CDD 370.1

Ficha catalográfica elaborada por Karina Ramos – CRB 14/1056

© 2019

Proibida a reprodução total ou parcial nos termos da lei.
Impresso no Brasil.

NOTA: Dado o caráter interdisciplinar desta coletânea, os textos publicados respeitam as normas e técnicas bibliográficas utilizadas pelos autores e autoras. A responsabilidade pelo conteúdo dos textos desta obra é dos respectivos autores e autoras, não significando a concordância dos organizadores e da editora com as ideias publicadas.

© TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial, bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos é punível como crime (art.184 e parágrafos do Código Penal), com pena de prisão e multa, busca e apreensão e indenizações diversas (art. 101 a 110 da Lei 9.610, de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

Sumário

- 9** **Prefácio**
Tania Mara Zancanaro Pieczkowski
- 13** **Cátedra Paulo Freire da Unochapecó:
trajetória e perspectivas**
Ivo Dickmann
- 29** **Reflexões acerca do componente curricular
Tópicos Especiais em Educação
“Cátedra Paulo Freire”**
Alcione Ziliotto
- 41** **Relatos de experiências: princípios de
Paulo Freire no processo formativo**
Altair Antunes do Nascimento
- 52** **Carta pedagógica a Paulo Freire:
pela construção de dias melhores**
Claudemir Stankevski
- 58** **É o amor que educa:
relatos de uma educadora**
Cleide Terezinha Neumann Feil
- 69** **O sentido da palavra em Freire**
Cleonice Lazzarotto
- 76** **Cartas de crianças para Paulo Freire**
Cristiana Padilha

- 90** **Carta de reconhecimento a Freire:
encontro, história e gratidão**
Gina Zanini
- 94** **Entre laços e entrelaços freirianos**
Ivanete Maria Weber
- 109** **A força que brilha atrás dos nossos olhos**
Marcelo Schmitz dos Santos
- 122** **Carta argumentativa sobre gênero
na educação a Paulo Freire**
Marta Zanette
- 130** **Carta do maravilhamento**
Silvana Teresinha Bernieri
- 140** **Relato da atividade da Cátedra Paulo Freire
na FAMA: “vinte anos sem Paulo Freire”**
Claudemir Stanqueviski
- 150** **Visita a Summerhill School:
Leiston, Suffolk, Inglaterra**
Harold Wentz Biasuz
- 158** **Pedagogia da amorosidade:
entrevista com Nita Freire**
*Juliana Aparecida Giongo
Ivo Dickmann*
- 167** **Sobre as autoras e autores**
- 172** **Índice Remissivo**

Prefácio

Agradeço o convite para prefaciar o livro “Freire e nós: pedagogia da amorosidade”, organizado pelas pesquisadoras Gina Zanini, Juliana Aparecida Giong e Cleide Terezinha Neumann Feil e pelo pesquisador Ivo Dickmann.

Trata-se de uma coletânea de quatorze textos de caráter interdisciplinar, que abordam histórias de vida e de resistências políticas, questões contemporâneas, escritos predominantemente por egressos e mestrands do PPGE - Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado em Educação da Unochapecó, resultado de estudos decorrentes da Cátedra Paulo Freire.

Escrever um livro é uma forma de marcar a presença em um processo de formação e, nesse contexto específico, que busca articular competência científica, técnica, política e postura ética. Essa articulação exige um diálogo interdisciplinar, ou seja, a integração do conhecimento. Supõe docentes e discentes comprometidos com as investigações e as indagações acerca dos rumos da educação e da sociedade brasileira contemporânea, sem perder de vista a educação global.

Em tempos em que a educação pública vem sendo atacada e desqualificada no Brasil, o posicionamento de defesa dos educadores é de máxima relevância. Enfrentamos cortes/contingenciamentos de recursos em todos os níveis de educação e também na pesquisa. Reduzir os investimentos da educação e ciência é não investir no futuro de crianças, jovens e toda a população do país, especialmente dos que vivem em condições sociais vulneráveis.

Escrever este livro é uma forma de homenagear Paulo Freire, patrono da educação brasileira, declarado pela Lei nº 12.612, publicada em 2012. É também uma forma de resistência, considerando que vivemos no Brasil tentativas de negação da pedagogia freiriana e dos princípios educacionais difundidos por ele. Freire se posicionou, durante a sua vida de educador, pelo compromisso ético na defesa da existência digna e propaga as ideias de liberdade e autenticidade dos indivíduos, nos provocando a refletir sobre o que o ato de ensinar e de viver requer.

Enfrentamos, atualmente, hostilidade às ciências sociais e humanas, evidenciada no enfraquecimento de políticas de promoção de igualdade social; de respeito e diálogo com grupos minoritários; de promoção da participação de movimentos sociais indígenas, quilombolas, de povos do campo, negros, de pessoas com deficiência, LGBTQI, entre outros.

Nessa esteira aconteceu a aprovação, em diferentes municípios, da chamada “lei da mordaza” que tem criminalizado ou tentado criminalizar um conjunto de ações docentes, provocando uma campanha de “medo” no exercício da docência e crescente onda de violência contra professores e estudantes.

Paulo Freire representa uma referência para a defesa da Epistemologia do Sul, sustentada por Boaventura de Souza Santos, que visa fortalecer os conhecimentos locais e a decolonialização dos saberes e das mentes. Com Freire podemos compreender a educação e a aprendizagem não como um ato de consumo passivo de informações, mas cada vez mais um ato de descoberta, de elaboração do conhecimento, de diálogo, de comunicação, de criação e de melhoria da sociedade. Escrever sobre educação com subsídios freirianos é refletir o nosso tempo e as “verdades” da lógica capitalista que destrói vínculos e multiplica desejos de consumo, que classifica, normatiza e normaliza a população.

Paulo Freire, na Pedagogia da Autonomia, nos fala de uma relação entre “a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria”.

Precisamos nos mobilizar para ações de resistência e de difusão de um mundo possível, com respeito e reconhecimento às diferenças e contra políticas governamentais e educacionais que afrontam a democracia.

Assim, a educação para a cidadania, opção política dos autores deste livro, diferente da escolarização para a exclusão e para a submissão, evidencia uma opção pedagógica que propicie ao educando o domínio de conhecimentos e de capacidades teórico-práticas, que contribuam para o seu pleno desenvolvimento. É dentro dessa perspectiva que o conjunto de textos são apresentados, mostrando que Paulo Freire, que em suas obras fala em amorosidade no ato de educar, vive em cada autor e recebe deles afeto em forma de memórias e de cartas.

Desejo que os leitores dessa coletânea possam transitar caminhos que ajudem a produzir outras formas de pensar e ser, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva.

Um grande abraço!

Prof^a Dr^a Tania Mara Zancanaro Pieczkowski
Coordenadora do Mestrado em Educação da Unochapecó

Novembro de 2019.

Cátedra Paulo Freire da Unochapecó: trajetória e perspectivas

Ivo Dickmann

Primeiras palavras

O objetivo desse texto é registrar o que já foi desenvolvido na Cátedra Paulo Freire da Unochapecó, a história de como a conquistamos, os sujeitos que a pensaram e elaboraram (a profa. Maria Aparecida Lucca Caovilla do Mestrado em Direito, o prof. Edivaldo José Bortoleto e eu, ambos do Mestrado em Educação), e o enfoque que demos para o primeiro momento que é a filosofia da educação latino-americana e caribenha.

Além do que registramos aqui, os demais relatos, textos e cartas pedagógicas desse livro registram muito bem o conjunto de ações que compõe essa trajetória, que esperamos seja longa e profícua, tal qual o legado do Patrono da Educação Brasileira.

Nesse sentido, não vou me alongar nos detalhes do que vêm acontecendo a cada ano, mas vou me restringir a fazer o registro das atividades, os sujeitos que participaram de cada uma, com a esperança de que não esqueça ninguém, nenhum fato ou episódio.

Trajетória e ações desenvolvidas

A Cátedra Paulo Freire da Unochapecó tem uma história que iniciou em novembro de 2015, na ocasião do V SIEPE – Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão, quando o professor José Eustáquio Romão esteve fazendo uma palestra na Unochapecó. Naquela

ocasião começamos a conversar sobre a possibilidade de termos na nossa universidade uma Cátedra para ampliar a divulgação do legado freiriano.

O professor Romão nos motivou a elaborar uma minuta para apresentar no Fórum Internacional Paulo Freire no ano seguinte, em 2016, evento que se realizou em Santiago do Chile. Naquela ocasião, nos juntamos, a professora Cida, o professor Edivaldo e eu, e elaboramos uma proposta para apresentar ao Conselho do evento, na intenção de aprovarmos a Cátedra na Unochapecó.

De 07 a 09 de setembro de 2016 eu fui pessoalmente ao evento no Chile para apresentar a proposta que foi aprovada pelos responsáveis, entre eles o próprio professor Romão, que é o Presidente do Conselho Internacional dos Institutos Paulo Freire. A seguir temos a proposta que foi elaborada por nós e apresentada.

* * *

Cátedra do Oprimido: descolonizando a América Latina

A proposta da Cátedra Paulo Freire (ou Cátedra do Oprimido) é ter uma disciplina no Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGÉ, da Unochapecó, como um espaço-tempo de presença e diálogo profícuo sobre o pensamento de Paulo Freire, mas que esteja intimamente integrado a todos os outros programas de pós-graduação numa perspectiva interdisciplinar - tanto no seu conteúdo como na sua implementação – numa ação de diversos professores, cada um trabalhando as contribuições de Paulo Freire como aporte teórico-prático (práxis) a partir de sua área de conhecimento.

O objetivo específico da disciplina é sensibilizar estudantes, técnicos e docentes acerca da importância da função social da universidade comunitária, estendendo o debate junto à comunidade regional,

contribuindo para a construção permanente da sua identidade na realidade da mesorregião Grande Fronteira do Mercosul e sua inserção na sociedade, como vetor de desenvolvimento econômico, tecnológico, cultural, político, ético e pedagógico.

Considerando o espaço geográfico em que a Unochapecó está inserida e, tendo em vista os sinais de esgotamento de uma cultura eurocêntrica implementada ao longo de uma existência inferiorizada, esculpida aos moldes da hegemonia europeia na América Latina Caribenha, faz-se necessário desencadear processos de ensino-aprendizagem que coloquem em questão nos sistemas de ensino e no espaço acadêmico um modelo epistemológico que privilegiou a formação de conhecimentos produzidos pelo ocidente como os únicos e legítimos, universais. Produzido por meio de um projeto colonizador, para uma sociedade atomizada e colonial, esse projeto ignorou e desprezou a natureza, os povos e as culturas em nome de um sistema capitalista e opressor.

Paulo Freire, em sua "Pedagogia do Oprimido" (*Pedagogia da Libertação*) especialmente quando colocado em diálogo com outros autores latino-americanos que elaboram epistemologias libertadoras, tais como Enrique Dussel (*Ética da Libertação: na idade da globalização e da exclusão*) e Antonio Carlos Wolkmer (*Pluralismo Jurídico: fundamentos para uma nova cultura do direito*), possibilitam uma interpretação clara sobre o contexto latino-americano-caribenho, que chega ao final do século XX, com um sistema formativo que vem negando e empobrecendo as pessoas. A relação de violência e de domínio colonial, resultou numa relação de cima para baixo, de opressor e oprimido, "ser e não-ser", em que a dominação econômica e política, segregou culturalmente toda a América Latina Caribenha, sendo necessário resgatar os comportamentos assumidos nas lutas de resistência e libertação de índios, negros, operários, lavradores, mulheres, jovens e crianças e idosos para a promoção de uma sabedoria compartilha-

da, de uma educação comunitária e da prática de uma justiça que fortaleça a fraternidade, a alteridade e a cooperação, propondo uma filosofia latino-americana-caribenha contra-hegemônica.

Pretendemos uma educação para a pluralidade, para a interculturalidade, para a valorização das identidades, para o "bem viver", para abandonar o método de ensino simbólico, que tem raízes profundas nas formas de dominação e colonização, o qual Freire (1984, p. 66), designa como "educação bancária" em que o educador em vez de educar "faz comunicados" e "depósitos" e os educandos recebem pacientemente, memorizam e repetem, transformando os educandos em "vasilhas", em "recipientes", que vão sendo "preenchidos" pelos que julgam educar.

A proposta da Cátedra Paulo Freire terá 4 (quatro) créditos e será optativa.

Planejamento da Cátedra do Oprimido

Tema: Paulo Freire, Educação Comunitária e Descolonização: contribuições epistêmico-metodológicas para a constituição da identidade latino-americana-caribenha a partir de um projeto emancipador.

Objetivos: Estabelecer diálogos a partir do Pensamento de Paulo Freire com as tradições de pensamentos latino-americano-caribenhos advindos das várias áreas e das várias tradições de pensamento ao longo e ao largo dos mais de 500 anos de história.

Reconhecer os *autênticos movimentos de libertação* (nem cooptados pelo Estado e nem populistas) que emergiram ao longo da história e da cultura latino-americana-caribenha e, que estão a emergir, desde a Pedagogia da Libertação formulada por Paulo Freire no sentido de se estabelecer diálogos dinâmicos e formulação de novo conhecimento.

Promover encontros (projetos, eventos, diálogos, etc.) com movimentos sociais que inserem em suas pautas as identidades (plurais) e que têm o propósito de questionar e refutar as agendas de desenvolvimento calcadas em valores neocoloniais.

Destinação: a disciplina destina-se a todos os mestrandos e mestrands da Unochapecó, com validação de créditos nos seus respectivos programas de pós-graduação, bem como aos professores da Unochapecó e estudantes externos à Instituição (Escolas Públicas, Privadas e Universidades, Movimentos Sociais, Aldeias Indígenas).

Créditos: 4 (quatro).

Metodologia de trabalho: A disciplina se desenvolverá mediante a articulação de ensino, pesquisa e extensão nos programas de Pós-Graduação *stricto sensu* da Unochapecó e poderá envolver estudantes de graduação da Unochapecó e de outras instituições, assim como pessoas ligadas a movimentos sociais. A atuação de docentes e estudantes será subsidiada por leituras e debates acerca da obra de Paulo Freire e de autores que dialogam com a obra freiriana, na perspectiva de promover a revolução da educação e a emergência de novas epistemologias e metodologias que favoreçam a formulação de projetos emancipadores das/nas classes populares. Os encontros semanais terão formato de aulas expositivas dialogadas, relatos de experiências, seminários, rodas de conversa, círculos de cultura, etc., e serão complementados por visitas e intervenções, vídeos e documentários, conforme projetos específicos. Às/aos mestrands/os será demandada a inserção em projeto de extensão da Universidade durante o semestre em que cursa a disciplina. Desse modo, promove um movimento concreto de libertação dos oprimidos e das vítimas do sistema por meio da educação, que a partir de uma consciência coletiva da

realidade local e regional possa soprar novos ventos de transformação a favor dos sonhos e das utopias de uma sociedade diferente, plural, intercultural e democrática, para a superação das injustiças históricas, que se desencadeiam nos caminhos trilhados pelos movimentos sociais para uma educação que se faz na luta e nos anseios dos oprimidos.

Atividades programadas:

Ações junto aos movimentos sociais, na mesorregião Grande Fronteira do Mercosul, com os programas *stricto sensu* da universidade, propondo oficinas de interesse dos integrantes dos movimentos, que articulem o ensino, a pesquisa e a extensão, em temas sobre: educação, direito, políticas sociais, saúde, economia, a fim de proporcionar a troca de conhecimentos e a aproximação das realidades para as mudanças sociais.

Avaliação: processual e dialógica.

Produtos:

- Inserção dos estudantes em atividades junto aos movimentos sociais, a fim de viabilizar a interlocução para uma reflexão político-pedagógica, para repensar o ensino "linear", criando mecanismos para a preparação coletiva, humana e cidadã;
- Criação de espaços interinstitucionais envolvendo Universidade e comunidade que favoreçam a compreensão da complexidade do mundo contemporâneo e o papel da educação e da universidade comunitária no contexto latino-americano;
- Produção de um e-book (ou livro impresso) com uma produção de cada programa de pós-graduação *stricto sensu* relacionando as contribuições do pensamento latino-americano, com a sua área do conhecimento;

- Artigos científicos dos mestrandos e das mestrandas para publicação nas revistas acadêmicas dialogando com a dissertação;
- Dissertações de mestrado que incorporem a perspectiva libertadora de Paulo Freire (pedagogia do oprimido), Enrique Dussel (giro descolonizador) e Antonio Carlos Wolkmer (pluralismo jurídico comunitário-participativo).

* * *

Depois de aprovada a proposta, começamos a pensar em ações possíveis de se realizar dentro da Cátedra, que é muito mais que uma disciplina, ela se compõe como um conjunto de ações articuladas, tanto de ensino (disciplina na pós-graduação e na graduação), pesquisa (dissertações, teses e iniciação científica) e extensão (palestras, cursos presenciais e online).

Assim, decidimos que em 2017 que para iniciar as atividades da Cátedra Paulo Freire na Unochapecó faríamos a proposição de uma disciplina isolada no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, mas que poderia receber estudantes dos outros programas de pós-graduação também, o que de fato aconteceu nessa edição e nas demais, sempre houve a participação de estudantes do mestrado de Direito e de Ciências da Saúde. A proposta foi aceita e como o ano de 2017 coincidia com os 20 anos da morte de Freire e dos 50 anos da publicação do livro *Educação como prática de liberdade*, fizemos a leitura e reflexão da obra, com foco no Método Paulo Freire. Aproveitamos também para convidar lideranças dos movimentos sociais para compartilhar como a pedagogia freiriana está presente na práxis dessas organizações. A seguir apresento o cronograma da disciplina em 2017:

29 de agosto de 2017

Apresentação do projeto da disciplina e explicação de como ela se articula com algo maior, que são as ações que desenvolveremos para além da sala de aula. Rodada de conversa sobre como o projeto de mestrado está articulado com Paulo Freire. Conjunto de possíveis ações a serem realizadas. Filme da última entrevista de Paulo Freire.

05 de setembro de 2017

Aula sobre três pilares da pedagogia freiriana: 1) dialogicidade como método; 2) Ato pedagógico como ato político; 3) contexto como ponto de partida do ato gnosiológico.

19 de setembro de 2017 (aniversário de Freire)

Atividade da aula coordenada pelo Prof. Dr. Edivaldo Bortoleto, do Mestrado em Educação, com uma abordagem da Filosofia da Libertação em Dussel, com foco na América Latina e Caribenha, passando pelo texto publicado na Revista Pedagógica sobre Ermani Maria Fiori.

03 de outubro de 2017

Reflexão coletiva em torno da obra Educação como prática da liberdade, de Paulo Freire, em homenagem aos 50 anos da publicação brasileira. Reflexão sobre a sociedade brasileira da década de 50 e 60, reflexões e debates sobre o Método Paulo Freire.

17 de outubro de 2017

Atividade com os movimentos sociais e pastorais. Relato das práticas pedagógicas do Movimento das Mulheres Camponesas, pela líder Marinês Sotili; exposição das práticas formativas do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra pelo companheiro Ernesto; partilha das vivências na Pastoral da Juventude do Brasil da líder juvenil e ex-liberada nacional, Aline Ogliari.

24 de outubro de 2017

Atividade artística sob orientação da mestrande Gina Zanini, com produção de um "quadro" que represente as vivências na Cátedra de cada um dos participantes. A motivação foi feita a partir do que já foi produzido como síntese numa aula anterior e o momento foi regado por muita música e poesia cantada. As produções serão parte da capa do e-book que resultará da disciplina.

14 de novembro de 2017

Tivemos uma "aula extra" para garantir a presença da professora Cida Caovilla, falando sobre as articulações da visão de Paulo Freire com Enrique Dussel e Antonio Wolkmer.

Além das aulas tivemos a oportunidade de fazer uma intervenção na cidade de Clevelândia – PR, na semana acadêmica da Pedagogia. Nessa ocasião, decidimos que faríamos o registro de todas as atividades desenvolvidas naquela disciplina e no semestre, para que ficas-

sem registradas as ações do primeiro movimento da Cátedra Paulo Freire. Os textos que compõem esse livro são partes desses registros.

Em 2018, fizemos um novo movimento de ter uma disciplina no mestrado em educação – o que está se tornando um padrão – visto que em 2019 já estamos na terceira edição da disciplina. Mas em 2018 tomamos outro caminho na disciplina, e construímos uma dinâmica totalmente inovadora. Organizei a disciplina a partir das influências e heranças teórico-epistemológicas de Paulo Freire, convidando vários especialistas para as aulas, com leituras prévias aos estudantes e usando a dinâmica de em cada aula ter um debatedor. Assim, tivemos encontros presenciais e online com professores convidados, na sequência temos os temas estudados e os responsáveis pela intervenção:

02 de outubro de 2018

Abertura, apresentação do cronograma, dinâmica de apresentação.

09 de outubro de 2018

Prof. Dr. Volmir José Brutscher - UEPB - Educação e Conhecimento em Paulo Freire.

23 de outubro de 2018

Prof. Dr. Ediovani Gaboardi - A presença de Hegel no pensamento de Freire.

30 de outubro de 2018

Prof. Dr. Jaime Zitzkowski – Husserl e a intencionalidade da consciência.

06 de novembro de 2018

Prof. Dr. Diego Chabalgoity - UFF - A ontologia de Paulo Freire.

13 de novembro de 2018

A epistemologia de Paulo Freire.

20 de novembro de 2018

Teologia da Libertação no pensamento de Paulo Freire.

27 de novembro de 2018

Encaminhamentos da avaliação da disciplina, síntese final.

Em 2019, estamos com um novo foco para a disciplina novamente, tratando da perspectiva da reinvenção do Método Paulo Freire a partir da Didática Freiriana, problematizando como os educadores e educadoras podem reinventar o legado freiriano a partir de seus contextos pedagógicos concretos. O destaque para esse ano é a aula online no dia 03 de dezembro diretamente de Nova York, nos Estados Unidos, com o professor Ira Shor, que escreveu juntamente com Paulo Freire o livro dialogado *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Essa atividade foi articulada pelo professor da Universidade de Buenos Aires que faz estágio de pós-doutorado no PPGE, Jorge Alejandro Santos. A seguir temos o cronograma de atividades do ano de 2019, com suas respectivas temáticas:

29 de outubro de 2019

Acolhida, dinâmica de apresentação, apresentação do cronograma.

05 de novembro de 2019

Pedagogia da Acolhida e da Pergunta. Pausa pedagógica. Pedagogia do Tema Gerador e da Contextualização.

12 de novembro de 2019

Pedagogia da Reflexão, da Investigação Temática e Dialética. Pausa Pedagógica. Pedagogia da Práxis, do Diálogo e da Gratidão.

19 de novembro de 2019

Mandala das didáticas freirianas.

26 de novembro de 2019

*Mandala das metas.
Processo de autoformação de educadores freirianos.*

03 de dezembro de 2019

Videconferência com Ira Shor (Estados Unidos). Diálogo com Jorge Alejandro Santos (Argentina).

10 de dezembro de 2019

Atividade final da Cátedra, encaminhamentos da avaliação, lançamento do e-book da Cátedra Paulo Freire de 2017.

Perspectivas futuras, ações possíveis

O principal desafio da Cátedra Paulo Freire da Unochapecó é extrapolar as atividades desenvolvidas dentro do PPGE, ir além da disciplina e articular um conjunto de ações e sujeitos que se identifiquem com o legado filosófico-pedagógico-político de Freire, construindo uma rede de pesquisadores e pesquisadoras que se comprometem com a disseminação e aplicação dos princípios e pressupostos do educador brasileiro.

Os desafios são imensos, embora contemos com apoio total do PPGE, bem como da Universidade, mas cada ano que passa, o atarefamento do cotidiano nos restringe tempo, esforço e ânimo para pensar e desenvolver novas atividades. Creio que os registros e publicações dessas sistematizações contribuirão para que a memória da Cátedra Paulo Freire da Unochapecó não se perca e outros, no futuro, deem sequência a esse trabalho conquistado e construído por muitas mãos.

Referências

BRUTSCHER, V. **Educação e conhecimento em Paulo Freire**. Passo Fundo: IFIBE; IPF, 2005. (Coleção Diá-Logos; 07).

DICKMANN, Ivo et al. (Orgs.). **Pedagogia da Memória**. Chapecó: Sinproeste, 2017.

DICKMANN, Ivo; DICKMANN, Ivania. **Didática freiriana: reinventando Paulo Freire**. *Educere et Educare*, Cascavel, v. 13, n. 28, maio/ago. 2018.

DICKMANN, Ivo; DICKMANN, Ivania. **Primeiras palavras em Paulo Freire**. 3 ed. Chapecó: Livrologia, 2019a.

DICKMANN, Ivo; DICKMANN, Ivania (Orgs.). **365 dias com Paulo Freire**. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2019b.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação**: na idade da globalização e da exclusão. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FREIRE, P. “**Eu quero é ser reinventado**”. *Revista Psicologia Atual*, São Paulo, Ano III, n. 13, p. 14-17, junho, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 37 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. (Org.). **Paulo Freire**: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez, 1996.

ROMÃO, J. E. et al. **Círculo epistemológico**: círculo de cultura como metodologia de pesquisa. *Revista Educação e Linguagem*, São Bernardo do Campo, Ano 9, n. 13, p. 173-195, jan./jun., 2006.

SANTIAGO, M. E. **Cátedra Paulo Freire**: reconhecimento institucional, preservação da memória e espaço de produção e socialização da pedagogia Paulo Freire. *Revista Estudos Universitários (UFPE)*, v. 24/25, p. 65-68, 2009.

SAUL, A. M.; SAUL, A. **Uma prática docente inspirada na pedagogia freiriana**: a experiência da Cátedra Paulo Freire da PUC-SP. *Revista Interterritórios*, v. 2, p. 71-84, 2016.

STRECK, D. **A pesquisa em educação na Região Sul**: percursos e tendências. *Revista Educação - PUCRS*, v. 38, p. 263-271, 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2015.2.19658>

WOLKMER, Antonio Carlos. **Pluralismo Jurídico**: fundamentos para uma nova cultura do direito. 3. ed. rev. atual. Alfa-Ômega, 2001.

Bibliografia Complementar

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Política e Educação Popular**: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. 2 ed. São Paulo: Ática, 1989. (Ensaio; 85).

BOUFLEUER, José Pedro. **Pedagogia Latino-Americana: Freire e Dussel**. Ijuí: UNIJUÍ, 1991.

DAMKE, Ilda Righi. **O Processo do Conhecimento na Pedagogia da Libertação**: as ideias de Freire, Fiori e Dussel. Petrópolis: Vozes, 1995.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FÁVERO, Osmar (Org.). **Cultura Popular e Educação Popular**: memória dos anos 60. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FERNANDES, Calazans; TERRA, Antonia. **40 horas de esperança**. O método Paulo Freire: política e pedagogia na experiência de Angicos. São Paulo: Ática, 1994.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **A compreensão de educação de Paulo Freire: indignação e sonho.** *Revista de Educação Popular*. Uberlândia, n. 1, novembro, 2002, p. 9-16.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire: uma história de vida.** Indaiatuba: Villa das Letras, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FIORI, Ernani Maria. **Educação e Política: Textos Escolhidos.** Volume 2. 2ª. Edição. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014.

FIORI, Ernani Maria. **Metafísica e História: Textos Escolhidos.** Volume 1. Porto Alegre: LP&M, 1987.

LYRA, Carlos. **As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação.** São Paulo: Cortez, 1996.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, set. 2005. (Coléccion Sur Sur). p. 19-20.

STRECK, Danilo (Org.). **Fontes da Pedagogia Latino-Americana: uma antologia.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TORRES, Carlos Alberto. **Pedagogia da luta: da pedagogia do oprimido à escola pública popular.** Campinas: Papirus, 1997.

Síntese do Texto

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo



Ivo Dickmann. *Freireando*. Aquarela s/ canson. 42x29,7cm.
2017. Foto: Amália Candiotto.

Reflexões acerca do componente curricular Tópicos Especiais em Educação “Cátedra Paulo Freire”

Alcione Ziliotto

“Seria uma atitude muito ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que permitisse às classes dominadas perceberem as injustiças sociais de forma crítica”. (Paulo Freire)

Este texto consiste em uma breve reflexão sobre a contribuição da Pedagogia Freiriana para uma educação libertadora no que tange a formação do sujeito. Baseio minhas opiniões a partir das práticas realizadas e das obras estudadas junto ao componente curricular de Tópicos Especiais em Educação “Cátedra Paulo Freire”, do curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação.

Em nosso primeiro encontro da Cátedra, dia 29 de agosto de 2017, assistimos à última entrevista de Paulo Freire, gravada em abril de 1997, onde ele aponta as principais dinâmicas ocorridas nos últimos anos em relação ao campo educacional. A partir da entrevista compreendemos que uma das principais tarefas do educador é formar cidadãos, que se reconheçam e sejam corresponsáveis na construção e na transformação de suas vidas e da sociedade como um todo.

Paulo Freire, a partir de sua prática, nos deixou o testemunho de uma vida de ações e de ideias dedicadas a difundir não apenas teorias, mas um sonho, uma utopia possível. Ele nos aponta um caminho.

Ocorre que, parar e refletir sobre o papel da educação como uma ação transformadora e libertadora na atualidade, não é tarefa fácil. Passamos por um momento de crise, onde vários estigmas: avaliação, competências, sustentabilidade, produtividade, dentre outros; delinham uma educação conservadora e retrógrada.

Por isso a importância da difusão da pedagogia Freiriana, porque ela tem um grande diferencial; ela defende uma educação que desperte no educando a consciência crítica da realidade social, política e econômica em que se está inserido; é verdadeiramente uma Educação como Prática da Liberdade.

E, desta forma, considerando que a educação tem como princípio a conscientização crítica, seria de grande relevância que as políticas educacionais tratassem de temáticas que envolvam diretamente a realidade política e socioeconômica do individual e do coletivo. Infelizmente, na atualidade não é isso que ocorre. São ofertadas ao povo pacotes educacionais prontos, na grande maioria, importados de outros países, não considerando a diversidade sociocultural do Brasil.

O método Paulo Freire não visa apenas tornar mais rápido e acessível o aprendizado, mas pretende contribuir para o sujeito “ler o mundo”, na expressão famosa do educador. “Trata-se de aprender a ler a realidade para em seguida poder reescrever essa realidade. A educação é, para o educador pernambucano, um modo de os desfavorecidos romperem o que chamou de “cultura do silêncio” e transformar a realidade, “como sujeitos da própria história”.

Em um dos encontros da cátedra recebemos a visita de representantes dos movimentos sociais (MST, MMC e Pastoral da Juventude), onde tivemos a possibilidade de realizar uma imersão nas práticas descritas por eles. Em cada detalhe exposto, em cada ação desenvolvida pelos movimentos, conseguimos visualizar várias práticas que são significativas para o contexto atual. Práticas transformadoras, de luta, de dedicação e de alteridade.

Essas falas casam muito bem com as ações desenvolvidas pela educadora e líder do Movimento das Mulheres Camponesas, Marinês Sotili. Ela desenvolveu atividades de conscientização e organização junto às famílias dos alunos da escola onde trabalhava. Essa escola estava localizada no interior do município de Chapecó, sendo que muitos pais não tiveram a possibilidade de estudar em decorrência das dificuldades de locomoção e financeira. Alguns nunca conheceram outras formas de cultivos agrícolas e pecuários. Sentiam dificuldades de organizar a comercialização dos alimentos produzidos na agricultura familiar. Aliado a isso, não sabiam quantificar se estavam investindo o pouco que tinham em uma atividade que não estava lhe rendendo lucro. Analisando toda essa realidade a professora Marinês, em conjunto com os demais professores da escola, organizaram ações baseadas na pedagogia freiriana, que foram aplicadas na escola, e que os alunos conseguiram transmitir os conhecimentos junto às suas famílias. Posteriormente a família também foi inserida nas ações e isso gerou uma transformação e uma maior conscientização por parte de todos. Em muitos casos, a família conseguiu reorganizar as atividades desenvolvidas na propriedade buscando a garantia da sustentabilidade, aliada a conscientização ambiental, de fortalecimento da produção de produtos agroecológicos e plantas medicinais.

No momento da exposição das práticas formativas do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) pelo companheiro Ernesto, este sinalizou que o processo de definição de políticas públicas para uma sociedade reflete os conflitos de interesses, os arranjos feitos nas esferas de poder que perpassam as instituições do Estado e da sociedade como um todo. A pressão e articulação de diferentes grupos sociais no processo de reivindicação de demandas são fatores fundamentais na conquista de novos direitos sociais. O que é muito triste é que hoje esses direitos sociais são cada vez menores.

As pessoas da alta sociedade não querem dividir os mesmos espaços com a diversidade. Nós temos horror em compartilhar os espaços. Acabou-se com a partilha. Somos cristãos, mas temos rancor, desejamos as coisas do outro. Suprimos ódio das pessoas, porque vivemos numa sociedade perversiva.

Infelizmente, nesse tipo de sociedade, não se resolve com diálogo, somente com grandes impasses. Tem de conter a força, avançar nas lutas, nós estamos perdendo espaços. Alavancar o conjunto de forças sociais.

Na Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire estabelece uma teoria de como o ser humano constituído oprimido sai pra se libertar. Ernesto salientou a importância do engajamento, da luta e persistência dos Movimentos Sociais.

Aproveito a oportunidade e utilizo as palavras de Arroyo (2013, p. 53) que tange algumas definições do que os movimentos sociais representam:

“as presenças afirmativas dos coletivos sociais, étnicos, raciais, dos campos e das periferias tratados em nossa história à margem das políticas, como inexistentes. Com suas ações coletivas se afirmam presentes exigindo políticas de Estado. Políticas de reconhecimento, afirmativas”.

Salienta o autor que os movimentos sociais vão além: se afirmam sujeitos de políticas. Não se limitam a exigir o direito à terra, territórios, teto, renda, trabalho, educação, memória, cultura etc. Com suas ações e movimentos pressionam por políticas agrária, urbana, de trabalho, de educação, de saúde, de alimentação, de transporte etc.

Um fato a ser salientado é que durante os governos de Lula e Dilma, os movimentos sociais fizeram parte do processo de gestão, se incorporaram ao governo, por meio de suas lutas conquistaram presença em diversas secretarias, dentre elas: Secretaria de Educação

Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), Conselho Nacional de Educação (CNE), nas Secretarias da Mulher, da Promoção da Igualdade Racial, de Direitos Humanos, no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), no Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea).

Estes movimentos lutam por igualdade de direitos através de uma ação coletiva baseada na justiça social eles articulam-se em torno de identidades conferidas por necessidades e ideais compartilhados dentre os quais destaco: Movimento de Mulheres Camponesas, Movimentos Feminista, Movimentos pelo Respeito à Diversidade, Movimento Sem Terra, Movimento Sem Teto, Movimento Negro, e LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros).

Trazer os movimentos sociais para dentro da universidade, para discutirmos as práticas de lutas e resistência é algo excepcional para o nosso processo de formação enquanto educadores. Coloca-nos a par das situações vivenciadas por esses segmentos que são cada vez mais excluídos, deixados às margens da sociedade classista.

Em vários momentos da Cátedra o prof. Ivo Dickmann comentou sobre os pilares da pedagogia freiriana, sendo eles: dialogicidade como método, ato pedagógico como ato político e o contexto como ponto de partida do ato gnosiológico. O professor assume uma ideologia em sala de aula em que ele fala, ele sabe, ele transmite. Ele não dialoga, por isso que são transmitidas tantas inverdades. A educação sendo um ato dialógico, conseqüentemente ela não é um ato neutro.

Partindo desse pressuposto, a política educacional deveria estar pautada na diversidade e nos direitos humanos, com uma expectativa para o exercício da prática democrática a problematização sobre a construção da igualdade social e a superação das desigualdades existentes. Essa construção pressupõe o reconhecimento da diversidade no desenvolvimento socioeconômico, cultural, econômico e político da sociedade. Por essa razão, a educação como direito fundamental,

universal e inalienável deve ser garantida para todos nos diferentes espaços sociais e geopolíticos em todos os níveis, etapas e modalidades da educação. (PNE, 2013, p. 19)

A transmissão de conteúdos prontos sem problematizar os diferentes usos que se faz e que se pode fazer deles na vida concreta do indivíduo tem sido a prática dominante da educação escolar brasileira há séculos. O pior, é que, a cada ano que passa, essa prática dogmática, autoritária, antidialógica e antidemocrática se intensifica.

Freire explicitou que a educação não é neutra, ao contrário, é sempre a favor ou contra algo, a favor ou contra alguém, a favor ou contra uma dada realidade. Dessa forma, cabe ao educador assumir um caráter político antes de qualquer ato educativo. O educador não pode ser neutro junto ao processo, e sim, aquele que está aberto ao diálogo com os alunos a respeito das suas visões de mundo, problematizando-as e buscando seus fundamentos. Era isso que Freire pregava, ou seja, ensinou-nos a fazer uma educação adequada a uma sociedade democrática e participativa.

O mais preocupante é que no contexto atual prevalece a visão escolar: desiguais em alfabetização em escolarização, em acesso e permanência na escola. Mais recentemente desiguais em resultados de aprendizagem, no padrão de qualidade. Ainda está arraigada a visão de que o ser desiguais em percursos escolares os torna desiguais nos percursos sociais. (ARROYO, 2011).

Nestes casos o indivíduo se vitima e permanece nessa situação, não consegue a superação. É um processo de resguardar a sociedade e jogar a culpa na escola. Os alunos desiguais na origem e nos percursos tornam as escolas desiguais. (ARROYO, 2011).

Em nossa contemporaneidade, as pessoas que não se importam de marchar/lutar junto com outras em busca de ideais de libertação, de garantias dos direitos sociais, por uma educação digna. Vejam o que estão tentando fazer com relação ao educador Paulo Freire, um dos

maiores símbolos da luta democrática do Brasil, inculcando a ele a ação de defensor de uma doutrinação na educação.

Entendo que, devido a retração econômica, não se tem recursos suficientes para a implantação das políticas sociais, principalmente direcionadas à educação, mas como vamos conseguir deixar de lado a rotulação dos desiguais (analfabeto, preto, pobre, índio) se não tivermos investimentos a altura de tal demanda? Como bem diz o ditado popular “é muito mais fácil governar um povo sem estudo”. Pois, o que se espera do pobre, a não ser obediência?

Precisamos parar de homogeneizar certas categorias e/ou classes sociais, e buscar especialidades. Almejar que se extingam as reformas onde os diferentes feitos desiguais sejam deixados de fora do sistema. Pois, não basta reduzirmos as desigualdades, temos de valorizar as diferenças.

Numa sociedade extremamente desigual e heterogênea como a brasileira, as políticas educacionais deveriam desempenhar importante papel na formação do cidadão, em relação à emancipação do sujeito para que este consiga frente a todos esses novos desafios colocados pela sociedade contemporânea e se tornar um agente ativo, proponente de novas agendas, que se integrem às lutas sociais.

O que nos deixou perplexos foram os noticiários dos últimos dias aparecem pessoas com faixas e cartazes solicitando a destituição de Freire como patrono da educação brasileira. As declarações de ódio explícito a Paulo Freire e sua suposta “pedagogia de doutrinação comunista” foi uma das marcas dos protestos ocorridos em vários lugares do Brasil.

A saber, Freire é um pensador/educador brasileiro com reconhecimento mundial, sua obra “Pedagogia do Oprimido” é a terceira mais citada no mundo em trabalhos da área de humanas, segundo levantamento feito no *Google Scholar* (2017). Patrono da educação no Brasil, Paulo Freire é considerado um dos pensadores da pedagogia

mais relevantes no mundo, com sua teoria sobre como aproximar o conteúdo acadêmico do universo dos estudantes, fazendo com que eles se apropriem da educação.

Dessa forma, que não seja a nossa geração que venha acabar com todo este prestígio e reconhecimento. Freire nos ensinou a fazer da educação um instrumento de luta a favor dos mais vulneráveis da sociedade e revelou que a educação hegemônica tem servido aos poderosos.

Vejam a contradição que vivenciamos, onde as escolas particulares mais caras investem em metodologias ativas, considerando os interesses e as individualidades dos alunos, partindo do pressuposto de que eles, alunos, são os protagonistas da aprendizagem. Já escolas públicas de muitos estados brasileiros estão terceirizando sua administração às polícias militares e apostam na disciplina mais rígida e no ensino mais tradicional.

Infelizmente, a educação brasileira cumpre seu papel: o de continuar sendo um dos instrumentos mais terríveis de manutenção da desigualdade social.

Finalizo minha reflexão com as palavras do prof. Ivo, o qual, com o maior encantamento em relação a Freire, nos mostra, convicto, que a originalidade de sua obra está na maneira que ele faz. Não é que ele cria algo totalmente novo, avança do modelo franco africano. O avanço de Freire em relação às demais teorias é que ele leva em consideração o cenário político da palavra. Freire sempre falou “nunca me aplique, me reinvente”.

Comungo um trecho de uma das explanações de Freire (1993, p. 30-31), que demonstra como o ato de transformação do sujeito pode ocorrer a partir do espaço em que eu vivo:

Certa vez, uma alfabetizanda nordestina discutia, em seu círculo de cultura, uma codificação que representava um homem que, trabalhando o barro, criava com as mãos, um jarro. Discutia-se, através da

"leitura" de uma série de codificações que, no fundo, são representações da realidade concreta, o que é cultura. O conceito de cultura já havia sido apreendido pelo grupo através do esforço da *compreensão* que caracteriza a leitura do mundo e/ou da *palavra*. Na sua experiência anterior, cuja memória ela guardava no seu corpo, sua *compreensão* do processo em que o homem, trabalhando o barro, criava o jarro, compreensão gestada sensorialmente, lhe dizia que fazer o jarro era uma forma de trabalho com que, concretamente, se sustentava. Assim como o jarro era apenas o objeto, produto do trabalho que, vendido, viabilizava sua vida e a de sua família. Agora, ultrapassando a experiência sensorial, indo mais além dela, dava um passo fundamental: alcançava a capacidade de *generalizar* que caracteriza a "experiência escolar". Criar o jarro como o trabalho transformador sobre o barro não era apenas a forma de sobreviver, mas também de fazer *cultura*, de fazer *arte*. Foi por isso que, relendo sua leitura anterior do mundo e dos que-fazeres no mundo, aquela alfabetizanda nordestina disse segura e orgulhosa: Faço cultura. Faço isto.

Referências

ARROYO, Miguel. Movimentos sociais e políticas educacionais. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Política educacional, cidadania e conquistas democráticas*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013.

_____. *Políticas educacionais, igualdade e diferenças*. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação-RBPAE – v. 27, n. 1, p. 83-94, jan./abr. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. *Referencial curricular nacional para as escolas indígenas*. Brasília: Ministério da Educação e Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

_____. Ministério da Educação. Fórum Nacional de Educação. Brasília. Disponível em: <http://fne.mec.gov.br/>. Acesso em: 04 ago. 2014.

_____. Plano Nacional de Educação. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm. Acesso em: 06 de ago. 2014.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 3. ed. São Paulo: Olho D'Água, 1993.

Síntese do Texto

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo



Alcione Ziliotto. *Dialogando*. Aquarela s/ canson. 29,7x42cm. 2017.
Foto: Amália Candiotto.

Relatos de experiências: princípios de Paulo Freire no processo formativo

Altair Antunes do Nascimento

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou construção” (Paulo Freire)

O presente trabalho constitui-se como requisito básico de conclusão do componente curricular “Tópicos Especiais em Educação: Cátedra Paulo Freire”, ministrada pelo professor Dr. Ivo Dickmann, desenvolvido na Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ. Assim, objetiva-se apresentar, resumidamente, a biografia de Paulo Freire, suas principais obras e alguns de seus princípios, estudados durante a graduação.

Breve biografia de Paulo Freire

Paulo Reglus Neves Freire foi um intelectual que, desde muito cedo, obteve destaque como um proponente articulado e atuante em diversos projetos, tornando-se referência para diversas pessoas com quem atuava.

Cidadão do mundo, disse em sua dedicatória, na obra “Pedagogia do Oprimido”, que tributou sua vida aos “[...] esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (FREIRE, 1983, p. 17).

Trata-se de um educador, o qual deixou um legado de mestre, que nasceu em Recife – PE, em 1921, formou-se em Direito, mas não seguiu carreira, encaminhando a vida profissional para o magistério. Em 1963, em Angicos (RN), coordenou um programa que alfabetizou mais de 300 pessoas em cerca de um mês.

No governo do presidente João Goulart, esteve à frente do Plano Nacional de Alfabetização, sendo que sua participação neste contexto se mostrou de grande importância, visto que as primeiras experiências de educação popular no Brasil. Não se adaptavam aos propósitos dos movimentos culturais da década de 1960, nos quais se inclui os trabalhos de Freire, pois tais experiências eram dominadas ideologicamente pela elite, que pretendia a educação para fins específicos, buscando-se o controle social e a mobilização política das classes marginalizadas, sendo que os ideais dos movimentos culturais deste período eram projetos educacionais que incluíssem, pelo direito e pelo dever, todas as pessoas.

Freire também lecionou nos Estados Unidos da América – EUA, na Suíça, e organizou planos de alfabetização em países africanos, como Tanzânia, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique. Entre 1989 e 1991, foi secretário municipal de Educação de São Paulo.

Freire é considerado o Patrono da Educação Brasileira. Defendia a ideia de que o objetivo da escola é ensinar o aluno a “ler o mundo” para poder transformá-lo. É considerado um dos pensadores mais notáveis da história da Pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado “pedagogia crítica”.

Faleceu em 1997 deixando um legado de coerência, seriedade e compromisso com a educação, sendo uma pessoa que lutou por um mundo melhor e mais humano, mostrando-se como um inabalável combatente das injustiças sociais a partir de sua atuação como educador e filósofo.

Principais obras de Paulo Freire

Em suas obras, Freire defendia a ideia de que a educação não pode ser um mero depósito de informações do professor para com o aluno, e sim, necessário é respeitar a linguagem, a história de vida, a cultura e a bagagem de conhecimentos que o aluno já possui e, a partir daí, levar os alunos a tomar consciência da realidade em que estão inseridos, de forma crítica.

Freire é autor de muitas obras, tais como: *Prática da Liberdade* (1967), *Pedagogia do Oprimido* (1968), *Cartas à Guiné-Bissau* (1975), *Pedagogia da Esperança* (1992), *À sombra desta mangueira* (1995), *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* (2011), e *A Importância do ato de Ler* (2011).

Cabe destacar, que ao longo desse trabalho, dá-se ênfase às obras: “*Pedagogia do Oprimido*” e “*Pedagogia da Autonomia*”, ambas trabalhadas durante o curso de graduação, deixando marcas significativas e contribuindo na formação do acadêmico, tanto no aspecto profissional quanto na vida pessoal.

Obra “Pedagogia do oprimido”

A obra “*Pedagogia do oprimido*” diz respeito a educadores empenhados na luta em defesa de uma educação humanizadora, que consiste na relação entre opressor e oprimidos. Assim, Freire, ao longo do livro, faz uma discussão sobre a pedagogia de uma perspectiva do oprimido, e deixa visível que a luta pela libertação do homem, que é um ser inconcluso, ou seja, semelhante a um processo histórico, acontece em um processo de reconhecimento do oprimido em relação a si mesmo.

Essa obra busca libertar a educação da ideologia das elites que a viam como forma de mobilizar a sociedade para seus objetivos políticos. A obra traz uma ruptura no que se refere à educação, a partir de um discurso, no qual ela deveria dispor de um enquadramento filosó-

fico e teórico, marcado pela conscientização e libertação, buscando uma desconstrução de mitos e do clima do irracionalismo, que a sociedade estabelece em torno de seus problemas para possibilitar a potencialização das aspirações dos oprimidos (FREIRE, 1987).

Portanto, segundo Freire “assim como o opressor, para oprimir, precisam de uma teoria da ação opressora, os oprimidos, para se libertarem, necessitam de uma teoria de sua ação”. Dessa forma, o opressor elabora a teoria de sua ação, necessariamente sem o consentimento do povo, pois é contra ele, enquanto o povo, por sua vez, que é esmagado e oprimido, introjetando o opressor, não pode sozinho constituir a teoria de sua ação libertadora. Pois, somente no encontro dele com a liderança revolucionária, na comunhão de ambos, na *práxis* de ambos, é que essa teoria se faz e se refaz.

Dessa maneira, a educação passa a ser vista como uma luta política na qual se encontra presente a voz do povo, que denuncia os problemas sociais, se organiza e se mobiliza para buscar uma solução, sendo a educação entendida como um direito. A partir da educação, o povo passa a compreender os dilemas que o afetam e busca criar respostas para seus questionamentos.

Nesse contexto, as preocupações de Freire não ficam apenas nos aspectos educacionais clássicos, mas busca uma politização do povo, reivindicando a organização dessas camadas sociais, tendo a educação como um pressuposto para atingir estes objetivos.

Freire enfatiza a necessidade de o professor ter compromisso com os destinos de seu país, com seu povo e com o homem concreto, e nesse sentido, a pedagogia de Freire se mostra como uma tarefa complexa, pois na sala de aula, o professor deve tomar decisões e ações imediatas, que precisam ser efetivadas, com o intuito de promover mudanças qualitativas no desenvolvimento e aprendizagem dos sujeitos, considerando que a pedagogia deve estar a serviço da libertação e da mobilização popular.

Como afirma Freire (2000, p. 44), o professor deve ser aquele que “[...] ensina os conteúdos de sua disciplina com rigor e com rigor cobra a produção dos educandos, mas não esconde a sua opção política na neutralidade impossível de seu quefazer.

Assim, para Freire (1987), a pedagogia não pode estar separada da política, pois ambas são importantes para que as mudanças possam ocorrer estando ambas em busca de um projeto que traga liberdade aos homens, devendo ser exercitadas para obtenção de subsídios que possibilitem interpretar e atuar na sociedade, a partir de conhecimentos e compreensão do mundo em que se vive, podendo-se, desta forma, libertar o povo das imposições promovidas por setores dominantes na sociedade.

Obra “Pedagogia da Autonomia”

Na obra “Pedagogia da Autonomia”, Freire apresenta reflexões sobre a relação educadores-educandos, orientada para a prática, com base no diálogo político-pedagógico e fundamentada nas virtudes éticas, e faz uma crítica à educação bancária.

Nas palavras de Freire, se faz necessária “[...] uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando” (FREIRE, 2011, p. 12). E continua: “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção” (FREIRE, 2011, p. 24).

Freire ressalta a necessidade de o educador estar aberto para trocar experiências e aprender com os educandos, pois, quando o aluno se descobre como produtor de cultura, o mesmo passa a se ver como sujeito e não como mero objeto da aprendizagem. Além disso, destaca a necessidade da humildade, respeito aos saberes do educando, compreensão e atribui ênfase à curiosidade dos educandos, pois a mesma pode ser um elemento importante para o desenvolvimento da criticidade.

Para Freire (2011, p. 33): “[...] não haveria criatividade sem a curiosidade, que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos”.

Freire entende que os homens devem disputar a consciência da sociedade visando obter um nível maior de criticidade em relação a seus próprios problemas. Para isso, se mostra necessária uma alimentação constante do desenvolvimento da consciência crítica para que as pessoas possam se colocar como sujeitos de suas relações.

Esse pensamento se mostra evidente quando Freire (1975) afirma que a conscientização resulta de um trabalho pedagógico crítico, com base em condições históricas propícias.

Nesse contexto, o trabalho de um curso de alfabetização que, *a priori*, tem como princípios básicos a leitura, a escrita e as noções primárias de matemática, não pode oferecer aos alunos conteúdos descontextualizados. Assim, a aprendizagem deve acontecer de maneira crítica, sendo a discussão gerada a partir do que se tem interesse e necessidade em aprender, no qual os professores devem ouvir os educandos, pois ouvir é um bom método para selecionar as temáticas a serem trabalhadas de forma crítica junto aos educandos.

Como salienta Freire (2000, p. 44):

Não se permite a dúvida em torno do direito que os meninos e as meninas do povo têm de saber a mesma matemática, a mesma física, a mesma biologia que os meninos e as meninas das zonas felizes da cidade aprendem, mas se aceita que o ensino possa dar-se alheio da análise crítica de como funciona a sociedade.

Nesse sentido, um importante elemento destacado por Freire é o currículo, pois o mesmo possui uma perspectiva de libertação. Para o autor, o currículo deve ser motivador, possibilitando a reflexão e o pensamento crítico do educando. Para isso, defende que o currículo

seja baseado na abordagem de temas, denominado por ele de Tema Gerador, ou seja, constituído a partir de problemas reais.

Para Freire, a educação deve ser um esforço que não precisa deixar de lado o pensamento crítico, mas devem andar juntos, principalmente no que se refere à educação junto a pessoas que são marginalizadas, pois busca inserir a educação nos espaços ocupados por essas pessoas, tentando torná-las mais reativas frente aos problemas enfrentados, a partir da atuação dos educadores, no sentido de se obter a partilha pelo poder junto à comunidade, dando a todos, igual participação junto às ações pedagógicas.

Dessa forma, “[...] a prática docente crítica implica pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 2011, p. 39). Assim, as aulas, a partir dos eixos temáticos, precisam ser pensadas antes da sua realização, sendo necessário que o professor identifique o que os alunos já sabem sobre o tema e como suas opiniões foram formuladas para que a discussão possa ser ampliada. Ideias distintas possam ser confrontadas e novos conhecimentos possam ser construídos e/ou reformulados.

Nas palavras de Freire (2011, p. 62):

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos ‘conhecimentos de experiência feitos’ com que chegam à escola.

Neste viés, o diálogo não é apenas um método, mas uma estratégia para respeitar o saber do aluno que chega à escola. Assim, o educando é o sujeito de sua aprendizagem. Freire (2011, p. 50) propõe uma ação educativa que não nega a cultura do educando, mas que o transforma, através do diálogo, pois “onde há vida, há inacabamento”.

Freire busca uma educação ligada aos problemas e conflitos dos educandos, levando-os a construir o conhecimento e a criticidade, não aceitando a lógica dominante de que a conquista dos saberes deve estar atrelada ao que estabelece o poder constituído, que busca docilizar consciências para que aceitem as condições sociais em que se encontram.

Dessa forma, de acordo com Freire, a prática docente deve ser formadora e a responsabilidade do professor é grande, pois precisa dar suas aulas, realizar sua tarefa docente. Mas, para isso, é preciso condições favoráveis, porém, nem sempre é isso que se tem nas escolas. Dessa forma, o autor diz que é preciso lutar por melhores condições, sendo uma delas, a luta contra o desrespeito dos poderes públicos pela educação.

Princípios de Paulo Freire

Uma particularidade de Freire é a de que esse foi, não apenas um educador, mas também um pensador. Isso lhe possibilitou a articulação, com maestria, de suas aspirações e inquietações a partir de suas experiências educacionais.

Freire trabalhou com destaque a concepção teórico-política na educação, empregando o humanismo como filosofia de libertação, optando pela pedagogia do oprimido, discorrendo sobre as problemáticas a ela relacionadas.

Dessa forma, a proposta de Freire é que a educação deve ser libertadora, ou seja, deve possibilitar ao educando o pensamento crítico e, para isso, se faz necessário o diálogo, o respeito à cultura trazida pelo aluno, o respeito à visão de mundo.

Assim, um dos princípios mais importantes para Freire é a liberdade, a qual deve ser manifestada, a partir do processo de se atuar nos domínios da dominação social, composta não apenas pelas questões da desigualdade socioeconômica, mas também no que se refere

ao pensamento e cultura das pessoas, que reforçam a noção de autoridade do opressor, onde busca a liberdade não como fim, mas como meio, sendo essa uma peculiaridade do autor, que não aceita uma liberdade limitada.

Por fim, reitera-se o que já foi dito com a seguinte frase: “[...] a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje” (FREIRE, 2011, p. 140).

Referências

DICKMANN, Ivo. **Biografia do professor**. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4242028A3>>. Acesso em: 01 Dez. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas a outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

Síntese do Texto

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo



Bernardo Emanuel Dickmann. *Sem título*.
Aquarela s/ canson. 29,7x42cm. 2017.
Foto: Amália Candiotto.

Carta pedagógica a Paulo Freire: pela construção de dias melhores

Claudemir Stankevski

Clevelândia, 25 de novembro de 2017.

Por ocasião do encerramento, já com saudades dos encontros da Cátedra Paulo Freire, dentro do programa de mestrado da Unochapécó, fomos desafiados a registrar as marcas que ficaram em nós, devido à aproximação com os conceitos e com a vida, por que não (!) de Paulo Freire. Somos um grupo bastante diversificado, perpassando por várias áreas de conhecimento, as mais variadas, com diferentes campos de atuação, mas em comum o amor pela Educação. Por isso mesmo, encontros muito ricos e com grande grau de emoção e participação.

Confesso que essa não é uma tarefa muito fácil pra nós, pois envolve materializar um sentimento muito nobre e grande, que é o de ser tocado pela força do pensamento freiriano. Tarefa difícil, mas assim como nas nossas aulas, prazerosa! Tento agora registrá-los. Partimos sempre na alegria do encontro. O prazer de ver e abraçar amigos. Como o professor Ernani Maria Fiori, escreve na introdução da Pedagogia do Oprimido, a consciência do mundo não se faz com consciências isoladas, mas sim comunicantes, que expressam a sua visão e confrontam com a do outro numa ética e responsabilidade. “O mundo é um lugar de encontro”, e assim fomos nos encontrando, consciências permeadas pelo conceito freiriano de Educação.

A comunicação legítima o conhecimento e por isso quando o fazemos em comunidade, estamos dando validade aos nossos saberes, pois trazemos para confrontar com um outro saber, nesse encontro do meu com o teu, fazemos o diálogo do Eu com o Tu. Uma exigência existencial. Não posso fazer educação no silêncio. Educar a mim mesmo e ao outro exige expressão da minha palavra. Não pode acontecer no silêncio. Tenho que expressar o que me aflige e o que me causa a dor ou que me inquieta. O cerne de nosso Tema Gerador é Paulo Freire, em toda a sua expressão fenomenológica. Ele nos tira de nosso silêncio em relação ao mundo e nos obriga, amorosamente, mas firmemente a expressar nosso lugar no mundo.

Esse lugar da necessidade de buscarmos entender nossa realidade vivida, inserido num mundo circundante, com problemas e inquietações que lhe são cotidianos. Convidamos e tornamos presente o conhecimento vivo da real necessidade de entendimento do sujeito que quer conhecer e entender as relações, que em última instância nos constitui. O início de toda educação freiriana está no fato de constarmos que somos parte integrante do processo de produção do conhecimento, a partir do momento em que nos identificamos nas situações problemas, tais como as encontramos no nosso espaço de vivências. Cria-se então uma consciência de ser no mundo. Essa consciência é o primeiro passo para entender como nos definimos como homens e mulheres inseridos num contexto social, e que como tal pode atuar sobre ele, transformando-o, criando a possibilidade de um futuro.

Homens como Paulo Freire deveriam ser eternos. Mas, de certa forma, ele se eternizou na sua palavra que ressoou e ainda hoje transforma vida e pessoas. A prova viva disso somos nós! Faz já vinte anos que Paulo nos deixou. Justo agora, em que vivemos dias difíceis. Quando os oprimidos estão cada vez mais oprimidos e ainda confirmando essa condição e alienados dela. Um exemplo, terrível, enfado-

nho e triste exemplo. Uma pequena cidade no interior de Minas Gerais, num dia foi totalmente engolida por detritos de uma atividade mineradora. Uma enxurrada de minério de ferro, barro e lama que soterrou a existência de uma cidade inteira. Muito mais que um ecossistema humano que foi levado, vidas, sonhos e desejos inundados pela ganância. Tudo soterrado em nome de uma exploração desordenada e criminosa da natureza.

Precisamos de tuas palavras Paulo, na condição de oprimidos que precisamos nos expressar e entender o que está acontecendo e, sobretudo, transformar essa realidade numa existência humana verdadeira e consciente. Mas, não somos só nós oprimidos que precisamos de consciência e educação, mas principalmente os opressores, que nunca estiveram numa condição tão alienante de destruição da própria condição de vida que eles possuem. De que adianta ganhar o mundo se o estão destruindo. Há uma desumanização em andamento que impossibilita a realidade ontológica do ser. Não podemos existir num mundo onde a outridade é negada. Onde a natureza é somente “matéria prima” e as pessoas são “mão de obra”.

Também precisamos dizer a nossa palavra sobre esse mundo. E ela não pode ser vazia, nem desprovida de ação, do contrário seria somente demagogia e blá, blá, blá..., mas também não somente ação, e um ativismo inconsequente, sem a perspectiva de um futuro e um dever. É preciso pronunciar uma palavra refletida, de ação consciente, de práxis libertadoras de oprimidos. Também devemos denunciar essa lógica comercial e excludente, desumana de opressores inconsequentes e desconectados com o mundo que os cerca. Esse mundo exige um posicionamento e um pronunciamento, pois não podemos nos calar diante da grandeza do ser humano no mundo. É um direito nosso nos pronunciar. Calar é desumanizante, é diminuidor de nossa potencialidade de sermos mais. Quem pronuncia o mundo, o entende e o traduz para si e para os outros, ganhando e doando significação.

Que não nos falte fé para confiar nas palavras que nos são ditas. Que elas não sejam maculadas com a descrença ou pela mentira. Que o amor pelo outro seja como o que sinto por tudo aquilo que me é mais caro nesse mundo: minha liberdade de poder dizer minha palavra.

Síntese do Texto

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo



Claudemir Stanqueviski. *A luz do conhecimento*.
Aquarela s/ canson. 42x29,7cm. 2017.
Foto: Amália Candiotto.

É o amor que educa: relatos de uma educadora

Cleide Terezinha Neumann Feil

Freire, escrevo-te, consciente da dimensão em que se encontra. Na fé que aviva em mim, nesta data, para dizer-lhe da alegria que em minha alma desperta seu olhar para as pessoas. Especialmente no que contribui seu pensamento filosófico, pensador mundialmente reconhecido, e seu método pelo vetor da amorosidade para com a sua gente.

O amor, seu legado, que nutre a ação educativa se encontra no conceito de Spinoza, que diz: “é como qualquer outra emoção, é uma afecção da alma e consiste na alegria acompanhada pela ideia de uma causa externa”. Ou ainda em Friedrich Schlegel, talvez seja quem melhor expressou esses conceitos: “A fonte e a alma de todas as emoções é o amor. O sentimento, em particular o amor, revela o último mistério do Universo”. Hegel exprimiu com as fórmulas mais rigorosas e pregnantes a esse conceito de amor. Assevera, e endossa que o “verdadeiro amor” é identificado com a “verdadeira unificação”. O amor é superior a todas as oposições e a todas as multiplicidades. “O amor”, diz ele, “exprime em geral a consciência da minha unidade com um outro, de tal modo que eu, para mim, não estou isolado, mas a minha autoconsciência só se afirma como renúncia ao meu ser por si e através do saber-se como unidade de mim com o outro e do outro comigo”. “Esta renúncia a si mesmo para identificar-se com outro, esse abandono no qual o sujeito reencontra, porém, a

plenitude do seu ser, constitui o caráter infinito do amor” ao amor puro, não é senão compaixão, e a compaixão é o conhecimento da dor alheia. O amor como compaixão é a percepção da unidade fundamental (ABBAGNANO, 2007, p. 44).

Encontro-me nesse exercício como um sujeito inacabado. Considera o ato de educar como um processo que ocorre mutuamente uns com os outros, na comunhão das consciências. Nele, cada ser em si se constitui a partir do outro, ou seja, o que nos constitui como sujeito apenas se materializa na relação com o outro. A “amorosidade em Freire” se materializa na ação consciente pela liberdade na condição e formação humana, no acolhimento do *outro no eu*, e em reconhecer do *eu no outro*. A amorosidade, bem como o diálogo, são indispensáveis para que ocorra o processo educativo e, esse, é “o encontro amoroso entre os homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (FREIRE, 1992, p. 43). Essa amorosidade que encontro em você, seu olhar de doçura ao educar. Seu olhar que acolhe sua gente está vivo entre nós.

Isso me inquieta¹ como educadora, me move como sujeito e esse movimento me faz estar matriculada no Mestrado em Educação na disciplina da Cátedra Paulo Freire do PPGE da Unochapecó na condição especialíssima de bolsista CAPES. Nutro profunda “admiração” pelas contribuições filosóficas e pedagógicas freirianas bem como pelo professor Ivo Dickmann pela sensibilidade a educação. E esta se abstém de paixões ou vaidades de inclinação política. Essas analogias estão no campo do amor que a educação acolhe. Essa “admiração” se

¹ Inquietude - Na segunda edição de Ensaio, Locke viu na I. assim entendida o móvel principal da vontade humana. Locke dizia: "Depois de refletir sou levado a pensar que, ao contrário que se acredita, o que determina a vontade não é ter os olhos voltados para um bem superior, mas sim algum mal-estar (geralmente, o mais grave dos que atualmente afligem o homem). Esse mal-estar também pode ser denominado desejo, que é um mal-estar do espírito pela falta de algum bem" (ABBAGNANO, 2007, p. 566).

aproxima da definição de Whitehead quando disse que “a filosofia nasce da admiração.”, ou ainda de Kierkegaard a definia como “o sentimento apaixonado pelo devir” (ABBAGNANO, 2007, p. 18). Essas são algumas aproximações possíveis para o exercício de escrever sobre sua Pedagogia da Amorosidade, é a postura ou “um modo de ser-e-estar no mundo”, onde a amorosidade é, sobretudo, um compromisso existencial com o outro.

Sou educadora da rede pública de ensino. Minha formação acadêmica inicial é licenciatura em Geografia com fortes influências deste que me inspira neste exercício e de seu amigo Milton Santos. Durante estas vivências e experiências profissionais sempre elenquei a “educação humanizada” e voltada para o “cuidado de si”, “do outro” e “do meio”. Trabalhei em muitas escolas desde início da graduação e em muitos projetos, entre eles, classes camponesas da Educação Básica com especial atuação na EJA (Educação de Jovens e Adultos) em diversas localidades. Hoje lamento não ter registros escritos dessas ricas experiências. Pretendo, num próximo exercício, fazer um estudo destes com quem muito aprendi e me fiz como educadora ao longo da caminhada. Fato é, que cada uma dessas pessoas contribuiu e me compõe como sujeito que sou e identidade docente que carrego.

Esse é, portanto, meu primeiro ensaio de registro da minha vida e caminhada nos contextos educativos até este momento. Numa reflexão sobre o ato de educar, Freire (1981), nos traz elementos fundamentais na construção da identidade docente quando cita que “toda prática educativa implica numa concepção dos seres humanos e do mundo”. Minhas práticas sempre estiveram pautadas em inspirar pessoas a se moverem e transformar em suas vidas, colocando-as na condição de protagonistas e superar a posição de coadjuvantes ou expectadoras de suas realidades, possibilidades e caminhos da educação.

Emprego, nesta prática, a reflexão da “consciência de si” como um exercício de construção pelo conhecimento. Educar se faz por sujeitos de consciência “crítica” da realidade. No que concerne aos contextos sociais somos todos sujeitos imersos em relações. É, portanto, tarefa da educação produzir uma pedagogia que nasce do cotidiano das crianças, jovens e adultos. Em seu Método, Freire evidencia que é da vida comum, é que nasce a cultura e o conhecimento. “Ao captar uma realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos desenvolve a consciência reflexiva e contribui no empoderamento do sujeito” (FREIRE, 1979, p. 30).

Extremamente desafiador! Me nutre, me alegra, é minha escolha! E és minha inspiração na prática educativa que acolhe a humanidade da nossa gente.

Somos sujeitos transformadores de realidade. É, portanto, por meio da ação educativa, diz Freire, 1979 que “o homem enche de cultura os espaços geográficos e históricos”. Educar está na perspectiva de construir seus espaços e educar pelas ações, educar e mediar os processos educativos de mudança e transformação e não poder negligenciar os contextos de seus educandos. A amorosidade em Freire propõe que as práticas pedagógicas e educativa devem partir da realidade do educando. Sabemos que nosso aluno traz para sala de aula sua identidade e suas vivências.

Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1987) nos remete à seguinte reflexão: “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”. A primeira forma de conhecimento no ser humano se manifesta pelas sensações, percepções e, após o exercício de análise e reflexão correta, se transforma na interpretação em forma do conhecimento, e que “a reflexão vem primeiro que a razão é a primeira forma de primeiro conhecimento”. Destaca ainda a importância do conhecimento por meio da reflexão e de for-

ma compartilhada, onde o conhecimento é um processo em transformação.

A escola é um espaço privilegiado para tais observações. As crianças relatam suas vivências ou as calam. Portanto, ser educador requer estar consciente da ação educativa. Esses fragmentos presentes na obra: *Paulo Freire para Educadores*, Barreto (2004), nos fornece elementos fundamentais para o ato de educar e chama especial atenção para os sinais e “ao ensinamento fascinante que está ligado ao uso do corpo, bem como à importância da linguagem, tomada como expressividade total e não apenas estritamente linguístico que as crianças apresentam.

Portanto, “ser consciente” da postura educativa e do seu papel na transformação social, propõe estar consciente no exercício da docência. Estar consciente do papel humanizador do ato de educar, é impregnar-se de afetividade e sensibilizar as consciências para uma realidade mais humanizada. Esse é convite que Freire nos faz:

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade (FREIRE, 1996, p. 12).

Freire, és um pensador que transcende as caixinhas do saber, recebe os sujeitos na sua integralidade!

Como educadora me inspira a práticas das quais dedicou sua existência e energia, e onde se vivifica, quando nos diz que:

A educação como é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Somente pela virtude da crença, contudo, tem o diálogo estímulo e significação: pela crença no homem e nas suas possibilidades, pela crença de que somente chego a ser eu mesmo quando os demais também cheguem a ser eles mesmos (FREIRE, 1967, p. 107).

Ainda trazendo em uma breve passagem sobre a Pedagogia da Autonomia nos remete à seguinte reflexão: “Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente”. (FREIRE, 1996, p. 14).

Na obra *Educação com prática da liberdade*, Freire (1967), propõe o exercício da reflexão na perspectiva de “que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é. Para Berticelli (2006), pensador das complexidades “a educação é o incentivo, a abertura, a liberdade para este espaço aberto, total do conhecimento total”.

Quando nos incita à reflexão dos saberes inerente ao ato de educar, nos convida a compreender que “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”:

Pensar certo – e saber que ensinar não é transferir conhecimento é fundamentalmente pensar certo – é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos. É difícil, não porque pensar certo seja forma própria de pensar de santos e de anjos e a que nós arrogantemente aspirássemos. É difícil, entre outras coisas, pela vigilância constante que temor de exercer sobre nós próprios para evitar os simplismos as facilidades, as incoerências grosseiras. (FREIRE, 1996, p. 21).

O exercício do “pensar certo” nessas experiências vivenciadas, muito do que sou e da identidade docente e de sujeito que sou, especialmente quando nos traz os conceitos de criação e recriação como exercício e consciência, nos remete a percepção de que não somos seres de adaptação e sim de transformação. Assim como a educação também não é um processo que impõe ao sujeito a adaptação e sim

desperta para a transformação, para o “devir” e para os horizontes de possibilidades, está no sentido de mediação que tem a natureza para as relações e comunicação dos homens. A cultura como o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. A cultura como o resultado de seu trabalho. Do seu esforço criador e recriador. O sentido transcendental de suas relações. A dimensão humanista da cultura. A cultura como aquisição sistemática da experiência humana. Como uma incorporação, por isso crítica e criadora, e não como uma justaposição de informes ou prescrições “doadas”. A democratização da cultura — dimensão da democratização fundamental. O aprendizado da escrita e da leitura como uma chave com que o analfabeto iniciaria a sua introdução no mundo da comunicação escrita. O homem, afinal, no mundo e com o mundo. O seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto (FREIRE, 1976, p. 108).

“Não tem consciência de seu próprio existir e ainda, um profissional alienado é inautêntico” seu pensar não está comprometido consigo mesmo, não é responsável. O ser alienado não olha para a realidade com critério pessoal, mas com olhos alheios. Por isso vive uma realidade imaginária e não sua própria realidade objetiva. (FREIRE, 1979, p. 35).

É nesse exercício da reflexão crítica sobre a prática que bebo na busca de elementos que me abastecem enquanto sujeito inacabado que me movo a estar neste percurso formativo do Mestrado e na disciplina da Cátedra Paulo Freire.

Minha ação educativa está fortemente pautada na ação educadora emancipatória e humanista. Minha inspiração: Milton Santos e você, Paulo Freire que honradamente deve estar sempre nas ações educativas pelo conhecimento de causa, por serem brasileiros e pelas contribuições ao Brasil e ao mundo através de seus conhecimentos. Sou professora e educadora e me faço com gente educando gente

com atenção especial à educação integral através da avaliação formativa dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Acredito e venho desenvolvendo a prática pedagógica para a educação integral dos sujeitos, para que tenham autonomia e acuidade para consigo, com o outro e com o meio, sensibilizando e construindo a consciência de senso de responsabilidade, valores comprometidos, de participação e diálogos. Segundo Freire “se não há um profundo amor ao mundo e aos homens, não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o funda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo” (FREIRE, 1987, p. 79-80).

Nessas breves e sucintas entrelinhas busco revistar as contribuições de Freire na constituição de sujeito, logo educadora inacabada movida pelo “dever”. As exposições sucintas contêm fragmentos do mover-me enquanto sujeito e profissional que sou. A busca inquietante e saudosa que me move é no intento que carrego em poder contribuir ao cenário da educação, sobretudo a educação integral do ser humano. Pois acredito que o contexto educacional possa contribuir na dignificação humana, inclusive e, sobretudo aos sujeitos oprimidos e marginalizados do qual também sou sujeito em permanente construção.

O sentimento que me move é o de gratidão a você, Freire. Parafraseando Spinoza, que diz: “os sentimentos também contribuem para a regulação da vida, e, em nível mais alto, os sentimentos constituem o pano de fundo da mente” (DAMÁSIO, 2004, p. 35).

Vibrando para que este sentimento que me envolve chegue até você!

Abrços, Freire!

04 de abril de 2019.

Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Martins Fontes. São Paulo, 2007.

BARRETO, V. *Paulo Freire para educadores*. Edição especial. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

BERTICELLI, I. A. *Epistemologia e Educação: da complexidade, auto-organização e caos*. Chapecó: Ed. Argos, 2006.

DAMÁSIO, A. R. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. Editora Companhia das Letras, 2004.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

_____. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. *Ação cultural para a liberdade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Síntese do Texto

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo



Cleide Terezinha Neumann Feil. *Transcendência e plenitude ao educar*.
Aquarela s/ canson. 29,7x42 cm. 2017.
Foto: Amália Candiotto.

O sentido da palavra em Freire

Cleonice Lazzarotto

No prefácio do livro *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2014), Erna-ni Maria Fiori destaca que o homem, ao ser alfabetizado, tem a possibilidade de refletir criticamente acerca das palavras de seu mundo e, no seu devido tempo, **saber e dizer a sua palavra**. Mas, de fato, que sentido tem a palavra?

Etimologicamente, o termo “palavra” origina-se do latim *parábola*, tendo o significado de discurso ou fala. No entanto, tomando como base a abordagem freiriana, a palavra está para além do discurso. “É significação produzida pela práxis, palavra cuja discursividade flui da historicidade – palavra viva e dinâmica, não categoria inerte, exânime. Palavra diz e transforma o mundo.” (FIORI, 1967 apud FREIRE, 2014, p. 28).

Para Freire (2014), palavra é “diálogo existencial”, na medida em que se torna viva, impregnada de sentido e representação sobre o mundo e sobre o reconhecimento do outro e de si mesmo. Sendo assim,

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*. (Ibidem, p. 108).

Portanto, é preciso pensar o sujeito como ser histórico e social, que se forma e forma a sua palavra na pluralidade de relações, encontrando no diálogo sua maneira de expressão e comunicação. Nesse enfoque, Freire (2014) argumenta que dizer a palavra deve ser um direito de todos e não privilégio de alguns homens. Infelizmente, o poder de poucos tem silenciado a voz de muitos, cerceando seus direitos e os tornando assujeitados a palavra (im)posta pela classe dominante.

Para Freire (2011), a dialogicidade está enraizada na criticidade, mas é nutrida pelo amor, pela humildade, pela esperança, pela fé e pela confiança. Amparando-se nesses valores, é possível estabelecer a crítica, a comunicação e uma relação dialógica e de simpatia com o outro. Portanto, o diálogo possibilita ao sujeito dizer a sua palavra, assumindo sua responsabilidade social e política.

Dito de outro modo, “O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos.” (FREIRE, 1977, p. 43). Afirma-se, então, que o diálogo é exigência existencial, que não coisifica o homem, mas o humaniza e o torna sujeito transformador. (FREIRE, 2014).

Na esteira do que fora exposto, a contribuição de Alves (2008) parece pertinente, ao destacar que “As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos.” Destaca-se, no entanto, que esta aprendizagem não é ensinada, mas vivenciada e experienciada por cada sujeito, num processo educativo, contínuo e permanente que se dá na relação consigo mesmo e com o outro.

Segundo Freire (2011), a educação deve fundar-se numa ação libertária, problematizadora e democrática, que respeite o sujeito e contribua para a transformação do mundo e das pessoas. Para tanto, é

necessário promover a leitura do mundo, que demanda a compreensão crítica da realidade. (FREIRE, 2015).

Essa leitura do mundo é anterior a leitura da palavra, uma vez que o contexto histórico-social em que o sujeito se inscreve deve ser valorizado e problematizado, promovendo reflexões críticas e possibilitando novos olhares e sentidos sobre si e sobre o seu meio. Desse modo, o sujeito poderá perceber-se como agente social, compreendendo o sentido da sua palavra no processo de transformação. Portanto,

[...] A consciência do mundo e a consciência de mim me fazem um ser não apenas no mundo, mas *com* o mundo e *com* os outros. Um ser capaz de intervir no mundo e não só de a ele se adaptar. [...] É por isso que não apenas temos história, mas fazemos a história que igualmente nos faz e que nos torna, portanto históricos. (FREIRE, 2015, p. 44).

Contrariando o exposto, práticas pedagógicas centradas na “educação bancária” (FREIRE, 2014) ainda são perceptíveis nas instituições escolares. A centralidade do conhecimento e da palavra do professor silencia o educando, reproduzindo mecanicamente o discurso dominante e elitista que impera na sociedade de classe. O professor exige ser ouvido, mas não oferece sua própria escuta, fazendo da comunicação um simples monólogo, instituindo a “cultura do silêncio” (FREIRE, 2014), que condiciona o sujeito a pensar a partir da ordem dominante, negando-lhe o direito de comunicar, dialogar e dizer a sua palavra.

Para Freire (2014), a “educação libertadora, problematizadora” volta-se para o desenvolvimento da autonomia e da consciência emancipatória do sujeito, de modo que esse reconheça e dê voz a sua própria palavra. Assim, a educação não pode prestar-se ao simples ato de depositar e transmitir conhecimentos.

Gadotti (2002, p. 49), alimentado pelas palavras de Freire, infere crer:

[...] que existe ainda na comunidade humana uma imensa reserva de altruísmo e de solidariedade, um dique que o educador precisa conhecer e potencializar para romper as barreiras do represamento. Educar é empoderar. Não é tanto ensinar quanto reencantar. Ou melhor, ensinar, nesse contexto, é reencantar, despertar a capacidade de sonhar, despertar a crença de que é possível mudar o mundo.

A concepção freiriana de educação desafia o sujeito a ler o mundo e a pensá-lo criticamente, num processo dialético e num diálogo comunicativo entre educando e educador. Isso posto, afirma-se que “[...] a ‘educação como prática da liberdade’ é, sobretudo e antes de tudo, uma situação verdadeiramente gnosiológica. Aquela em que o ato cognoscente não termina no objeto cognoscível, visto que se comunica a outros sujeitos, igualmente cognoscentes. (FREIRE, 1977, p. 78).

Partindo desse viés teórico, a educação configura-se como “[...] um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (FREIRE, 1977, p. 69). Portanto, torna-se importante que educadores e educandos se reconheçam como sujeitos cognoscentes e protagonistas no processo educativo, que se faz também social e político, mobilizando a construção coletiva do conhecimento e a aprendizagem significativa.

Corroborando com as afirmações de Freire, Gadotti (2002) salienta que a educação só se tornará transformadora e emancipadora se estiver centrada na vida das pessoas, em contraponto com a educação neoliberal, demarcada pelo individualismo e pela competitividade. Nessa vertente, educadores e educandos, acreditando na educação como prática libertadora, conscientes de seu compromisso social e mobilizados pelo desejo de melhorar e transformar o mundo, saberão e poderão dizer a sua palavra, possibilitando que ela ecoe para além dos muros da escola, vislumbrando minimizar as desigualdades sociais, políticas, econômicas, culturais, entre outras.

Acreditando nisso, é que as **palavras de Freire**, enquanto ação reflexiva e transformadora, **precisam manter-se vivas dentro de cada um de nós**. Para tanto, é urgente e necessário clamar por um mundo mais justo e solidário, que se fortaleça no amor à vida, às pessoas e ao ambiente em que vivemos. Nossa palavra, verdadeiramente terá sentido, se percebermos que ela só pode ser conjugada no plural, no coletivo, no sentimento nobre de irmandade e companheirismo.

Referências

ALVES, Rubem. *A arte do ensinar*. Curitiba: Nossa Cultura, 2008.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. *Educação como prática da liberdade*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 56. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido*. São Paulo: Cortez, 2002.

Síntese do Texto

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo



Carmelice. *Janelas em mim*. Aquarela s/ canson. 29,7x42cm. 2017.
Foto: Amália Candiotto.

Cartas de crianças para Paulo Freire

Cristiana Padilha

Utilizar uma proposta de ensino que promova reflexão, autonomia e aprendizagem do aluno é o que desejam todos os educadores que compreendem a escola como um espaço de interação social, rico para promover a criticidade e a dignidade humana. A proposta metodológica aqui apresentada seguiu esse ideal e foi realizada no ano de 2017 em uma Escola na Rede Básica de Ensino do Município de Chapecó, com educandos do 3º ano do ensino fundamental, na faixa etária de 8 a 9 anos de idade. Aos alunos, foi lançado o seguinte desafio: produzir uma carta para Paulo Freire, revelando a compreensão da sua importância para o contexto educacional brasileiro.

Não só estudos teóricos sobre educação, mas minhas próprias vivências como educadora do ensino fundamental da rede pública de ensino revelam a importância de Paulo Freire como pensador da educação brasileira. Ele alfabetizava jovens e adultos, ensinando muito mais do que palavras soltas. Ensinava a ler o mundo se libertando das amarras da opressão. Sendo assim, sua história e obra devem ser conhecidas também pelos educandos mais jovens, contribuindo para que os mesmos reflitam sobre a importância desse autor para o cenário educacional brasileiro e, por meio do conhecimento da sua história, percebam a importância da educação na transformação social dos sujeitos.

A atividade que serve de base para a presente reflexão foi aplicada, como já anunciado, com a turma do 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública, composta por 20 educandos filhos de tra-

balhadores de frigoríficos e comércio da região. A atividade inicial da proposta foi realizada à sombra de uma árvore, com um círculo de diálogo para apresentar aos educandos o autor Paulo Freire. A leitura inicial foi a do cordel de Juarês Alencar Pereira², que conta, através de suas rimas, a história de Freire e a sua importância para a educação brasileira. O cenário da atividade foi pensado de modo a fazer lembrar de Freire quando criança, pois “[...] usando com carinho os gravetos como giz e o chão do quintal como lousa (o quadro-negro), ele foi aprendendo a rabiscar as letras, a formar as sílabas. Foi aprendendo a inventar por escrito as palavras que já sabia falar.” (BRANDÃO, 2014, p. 20).

Através do Tributo a Paulo Freire, narrado por Juarês Alencar, percebe-se de forma clara o trabalho realizado por Freire para assegurar a alfabetização de jovens e adultos. Ao longo de sua vida, o educador desenvolveu uma bonita e importante missão de ensinar pessoas oprimidas e analfabetas a serem alfabetizadas e refletirem sobre suas realidades, desejando mudá-la.

Essa perspectiva de uma educação libertadora presente em Freire também pode ser vista quando o autor afirma que:

Se a vocação ontológica do homem é de ser sujeito e não objeto, só poderá desenvolvê-la na medida em que, refletindo sobre suas condições espaço temporais, introduz-se nelas de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço-temporal, mais “emergirá” dela conscientemente “carregado” de compromisso com sua realidade da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas deve interferir cada vez mais. (FREIRE, 1979, p. 61).

² Juarês Alencar Pereira nasceu em Exu-PE, autor do “Projeto Rimas” que Ensinam, vencedor do “Prêmio de Valorização do Servidor do Estado do Tocantins”, em 2010. Informações disponíveis em: <http://juaresdocordel.blogspot.com.br/>

Paulo Freire foi um exemplo de educador que compreendia seus educandos como sujeitos capazes de pensar e modificar a realidade na qual estavam inseridos, apontando como fundamentais a reflexão e a criticidade na educação. Ao conhecerem um pouco mais sobre o autor, quando a ele apresentados por meio do cordel Tributo a Paulo Freire, os educandos mostraram-se interessados a pesquisar mais sobre sua vida e sua história. Assim aconteceu o segundo momento da atividade. Como tarefa de casa, junto com seus familiares, os educandos fizeram uma pesquisa, buscando informações que pudessem contribuir com mais conhecimento sobre Freire. A pesquisa foi orientada por um conjunto de questões sobre o que eles deveriam pesquisar.

Ao longo das atividades, foi convidada uma educadora da própria escola para explicar ao grupo como foi utilizar o método freireano na sua prática pedagógica, em meados dos anos 2000, quando no município a metodologia utilizada na sala de aula era baseada em Freire. A educadora contribuiu relatando sobre as visitas que realizavam nas residências para conhecer a realidade dos educandos. Falou também da escolha do tema gerador e de como esse conhecimento era aplicado na sala de aula, ou seja, uma metodologia que partia da realidade dos educandos, possibilitando refletir e pensar sobre a realidade na qual estavam inseridos. A professora convidada falou sobre a importância do método freireano para uma leitura da realidade, promovendo desejo de transformação. É o que também podemos constatar quando Dickmann e Dickmann (2019, p. 23) apontam:

A educação em Paulo Freire se fundamenta na relação entre sujeitos pelo diálogo sobre o seu mundo. Educação é comunicação entre os sujeitos, o que não implica concordância entre os que se comunicam, mas postura crítica. Educar é problematizar, é dialogar em torno da realidade.

Fica evidente em todas as leituras da obra de Freire a importância do diálogo para compreender as relações sociais e a opressão que existe na sociedade. Dessa forma, possibilitando que os educandos se apropriem dos conhecimentos que os levem para uma mudança interna e social.

Ao socializar sobre o método, a professora convidada para a atividade enfatizou a necessidade de partir de um problema levantado pelo grupo escolar, através de visitas ao bairro e às casas dos educandos, possibilitando conhecer a realidade na qual escola e educandos estavam inseridos. Ocorreu um período de diálogo com perguntas e respostas dos educandos e da professora, mesmo sendo eles ainda crianças. Foi um momento rico de troca de experiências e vivências, que possibilitou ao grupo conhecer sobre o método de alfabetização criado por Paulo Freire.

Ao tratar sobre o tema, Cunha (1985) apresenta que o “método de alfabetização e conscientização de Paulo Freire é, pois, a concretização [dessa proposta], a mediatização do diálogo como método da mobilização da consciência para a ação.” (CUNHA, 1985, p. 49).

Analisar o método freireano de alfabetizar com momento de mediatização e diálogo é perceber a educação e o educando com um olhar mais humano e social, que compreende que todos somos produtos de um meio social e capazes de transformar a realidade na qual estamos inseridos. Esse momento de diálogo com a turma foi bem importante para consolidar com os educandos a importância de Paulo Freire para as lutas brasileiras por uma educação transformadora e libertadora. Ficou evidente para o grupo que a proposta pode ser aplicada nas nossas escolas, contribuindo com um novo jeito de aprender e de ler o mundo que nos rodeia.

Durante o bimestre de desenvolvimento da proposta, trabalhamos com o gênero textual carta. Sendo assim, como atividade final foi definido que os estudantes deveriam escrever uma carta para Paulo

Freire. A produção deveria levar em conta os estudos realizados através do cordel, da pesquisa e da roda de conversa com a professora que apresentou sua experiência pedagógica embasada em Paulo Freire. Essa atividade teve início na escola, porém eles tinham a missão de levar para casa e concluir a escrita com o auxílio dos pais.

Com o retorno das cartas na escola, fizemos a leitura e organização das estruturas gramaticais dos textos. Após, fomos até o laboratório de informática para digitar os escritos.

A seguir, apresento algumas cartas escritas pelos estudantes.

Chapecó-SC, novembro de 2017.

Senhor Paulo Freire.

Estou escrevendo esta carta para demonstrar o quanto estou impressionada com sua linda história.

Um homem de muita honestidade e de origem tão humilde. Me orgulha saber que inicialmente foi alfabetizado por sua mãe, fazendo lições à sombra de uma mangueira.

Depois de uma infância sofrida, tornou-se esse homem que mudou nossa educação, em busca de uma escola mais humana. Pois ajudava pessoas adultas a não serem mais analfabetas e transformar suas vidas.

Descobri que lutou contra preconceitos e foi até preso, por ajudar os pobres, os ensinando a lutarem pelos seus direitos. Sou muito pequena ainda, mas quero ler todas as suas obras, pois com certeza devem ser maravilhosas.

Quando minha professora nos contou sobre sua história de vida, eu me apaixonei, por esse olhar que o senhor tinha com os trabalhadores e pobres.

Já me despedindo quero agradecer por tudo que fez pela educação que transformou o Brasil e o mundo.

Um abraço carinhoso de quem te admira muito.

Aluna A.

Chapecó-SC, novembro de 2017.

Querido Paulo Freire.

Eu e minha turma estamos estudando sobre a sua vida e importância para a educação do nosso país.

Estudei que nasceu em Recife – Pernambuco, no dia 19 de setembro de 1921, e que embaixo de uma mangueira, onde estudava acompanhado de sua mãe, escreveu suas primeiras palavras.

Achei muito interessante descobrir que, mesmo não tendo condições de pagar a escola, sua mãe pediu ajuda para o diretor da escola, que aceitou deixar o senhor estudar de graça. Quando cresceu, começou a ensinar jovens e adultos a ler e escrever, utilizando palavras do dia a dia dessas pessoas, os ensinando a pensar sobre suas vidas.

Foi um grande professor universitário e também secretário da educação. Dizia que deveriam aprender para mudar sua própria mente e sua realidade.

Conheci o título de três obras que criou: Educação como prática de liberdade, Pedagogia do Oprimido e Pedagogia da autonomia. Achei muito interessante conhecer um pouco sobre suas obras, e fiquei com muita vontade de conhecer um pouquinho mais de sua vida.

Era um homem esforçado, que desde menino lia o mundo, ensinou mais de 300 pessoas em Angico a ler e escrever em apenas 40 dias. Paulo Freire, gostaria de saber como fez para ensinar tão rápido assim, pois eu e meus colegas demoramos um montão para aprender a ler e escrever. O senhor deve ter sido um ótimo aluno e professor.

Apreendi que seu nome merece muito respeito e que seu conceito era educar e libertar, para que o povo sofrido também pudesse lutar.

Com muita satisfação fiz essa carta, para dizer muito obrigada por ensinar as pessoas a ler e escrever e ver como o mundo pode ser mais belo.

Com muito carinho. Aluna B.

Chapecó-SC, novembro de 2017.

Caro amigo Paulo Freire.

Olá Paulo Freire, tudo bem?

Pedi para minha professora se poderia escrever uma carta para uma pessoa já morta e ela disse que poderia fazer uma carta de uma lembrança, saudade ou agradecimento. Então, estou escrevendo uma carta para lhe agradecer por ser um homem muito importante para a educação do nosso país.

Nós da turma da 3ª série da escola A estamos estudando um pouco da vida e obra do senhor e também a sua contribuição para a educação brasileira.

Aprendemos muitas coisas interessantes sobre sua vida, uma delas foi que nasceu em Recife- Pernambuco, no dia 19 de setembro de 1921, não tinha uma infância fácil, muito menos condição de ir à escola. Apesar das dificuldades, sua mãe não deixou de lhe ensinar a ler e escrever, nem mesmo quando sua sala de aula era de baixo de uma árvore chamada mangueira.

Quando já adulto passou a ensinar jovens e adultos a ler e escrever, assim, como sua mãe te ensinou, começando uma bela jornada de educador.

Os empecilhos que cruzaram seu caminho foram superados e hoje o senhor é considerado um dos maiores pensadores da educação brasileira. Suas obras são incríveis. Gostaria de conhecê-las mais e, um dia, ensinar para os outros sobre o que aprendi sobre Paulo Freire.

Para concluir, gostaria de agradecer-lhe, pois aprendi muito com seus ensinamentos. Levarei sua história como exemplo para minha vida, e com certeza compartilharei com minha família e amigos. Espero que o senhor possa continuar inspirando as pessoas, como está inspirando nos dias de hoje.

Aluno C.

Chapecó-SC, novembro de 2017.

Querido Paulo Freire.

O senhor foi muito importante para o Brasil inteiro, porque foi um educador e filósofo brasileiro que pensou em uma educação para os pobres e trabalhadores do Brasil. É um dos educadores mais respeitados da história da pedagogia.

Aprendi que o senhor nasceu em Recife- Pernambuco e fiquei curiosa para conhecer sua cidade. Também gostei de saber que aprendeu a ler e escrever embaixo de uma mangueira, e foi assim que nossa professora nos ensinou um pouco sobre a sua vida. Adorei conhecer sua história ao ar livre, do mesmo jeito que você escreveu suas primeiras palavras, gostei de aprender embaixo de uma árvore uma nova história de vida.

Achei muito interessante descobrir que o senhor ajudou muitos jovens e adultos a aprender a ler e escrever com um método diferente e com palavras do dia a dia deles como tijolo, por exemplo, que fazia parte do trabalho realizado pelos trabalhadores. Eu descobri que, na área da educação, nenhum brasileiro tem o reconhecimento internacional que o senhor tem e fiquei muito orgulhosa disso, pois temos um autor reconhecido internacionalmente.

A sua vida foi muito interessante porque o senhor ajudou as crianças e adultos, não apenas a ler e escrever, mas, sim, a lutar pelos seus direitos e transformar as suas vidas. Isso foi um pouco do que eu e meus colegas pesquisamos e estudamos sobre a sua vida.

Obrigada por olhar também para os pobres e trabalhadores do nosso país.

Aluna D

Chapecó-SC, novembro de 2017.

Caro Paulo Freire.

Fiz essa carta para agradecer por tudo que você fez pelas pessoas do nosso Brasil, tudo o que fez foi muito bonito e honesto. Nosso país precisa de mais pessoas iguais você, que realmente se importava com aqueles que menos tinham dinheiro e não tinham escola para ir.

Na minha turma, estamos estudando sobre você. Eu e meus colegas aprendemos muitas coisas interessantes, lemos o “tributo a Paulo Freire”, ali aprendi que você é muito importante e adorado pelo povo brasileiro.

Sua mãe também fez parte disso tudo, pois ela lhe ensinou embaixo de uma mangueira a ler e escrever e olhar para tudo que existia ao seu redor. Isso nossa professora sempre fala para nós, que devemos observar e pensar nas coisas que acontecem ao nosso redor. Paulo Freire, você ajudou as pessoas a lerem não as palavras apenas, mas ler o mundo que existe. Parabéns por ser um ótimo educador.

Você não se tornou um educador reconhecido em outros países por acaso, foi por seu talento, que de um menino pobre se tornou um grande pensador brasileiro.

Então, Paulo Freire, essa foi a carta que fiz para você. Espero que, onde estiver, goste do que escrevi.

Aluna E.

Considerações finais

Ao iniciar essa proposta de trabalho com os estudantes de terceiro ano, não imaginava o extremo interesse que eles teriam pelas atividades propostas. O fato de termos saído da escola para achar uma sombra para a realização do primeiro contato com o autor foi muito importante e um momento muito gostoso, pois foi possível experimentar uma vivência de Freire, ao aprender a ler à sombra de uma árvore. Refletimos, então, que a aprendizagem não acontece apenas entre as paredes da escola e sim que pode ser realizada em qualquer lugar, basta se desejar por isso.

O primeiro contato com o autor foi agradável e com muitos diálogos e reflexões. O segundo, marcado pela socialização da educadora convidada, contribuiu para que a proposta da pesquisa fosse realizada por todos com sucesso.

Eles buscaram informações sobre a vida e as obras de Freire, adquirindo muitos conhecimentos que podem ser facilmente identificado com a leitura das cartas.

A carta fez parte de uma proposta de trabalho com esse gênero textual, tomando-se como base um autor que é reconhecido internacionalmente por suas obras, ensinamentos e de extrema importância para o contexto educacional. Levar os estudantes a conhecer um pouco da vida e da importância do autor foi desafiante e prazeroso. Através da leitura das cartas, consegue-se perceber o envolvimento de todos para sua confecção e criação.

As cartas me fazem refletir sobre a necessidade de que nossos educandos tenham acesso a obras e autores nacionais que tiveram importantes contribuições históricas no processo de ensino. Afinal, se conhecermos a história, entenderemos o nosso futuro com um olhar mais crítico e mais humano, além de promover a admiração e respeito por esses autores.

Promover um espaço de diálogo e de conhecimento coletivo é fundamental para uma rica troca de experiências e vivências individuais que cada um teve com o autor a partir de seus escritos. As cartas promovem um refletir de que hoje Paulo Freire inspira ainda mais pessoas a ler não apenas as palavras mas, sim, o mundo.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *História do menino que lia o mundo*. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

CUNHA, Diana A. *As utopias na educação: ensaio sobre as propostas de Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

DICKMANN, Ivo; DICKMANN, Ivanio. *Primeiras palavras em Paulo Freire*. Chapecó: Livrologia, 2019.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Síntese do Texto

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo



Cristiana Padilha. *Semeando diálogo*. Aquarela s/ canson. 29,7x42cm. 2017.
Foto: Amália Candiotto.

Carta de reconhecimento a Freire: encontro, história e gratidão

Gina Zanini

Noite de sábado, 23 de dezembro de 2017.

Estava eu aqui pensando... Paulo, você nasceu no nordeste, Recife, tão longe do tudo como se estivesse escondido do/no mundo. Eu, no Sul, Santa Catarina, cidade de Chapecó, que, até bem pouco tempo atrás, era apenas um velho oeste.

Aqui, nessa cidade tão longe do tudo, vivi uma infância maravilhosa – solitária, mas maravilhosa – brincando com panelinhas de barro cozido, inventando comidinhas de lama e grama. Esse brincar imaginativo não formou uma adulta com profissão determinada por essas imaginações, não me tornei oleira, cozinheira ou *maitre* de restaurante. No entanto, o tocar, sentir – com todos os sentidos – o imergir na terra, na natureza, no mundo, possivelmente foi a inspiração para o campo das artes.

O tempo foi passando e comecei a brincar de juntar as palavras, e, aos poucos, elas foram se desenhando em histórias. Histórias de gente – que vive, luta e reluta, que cai, levanta, e, no percurso, se tornam fortes (muito fortes), a ponto de serem referência na sociedade. O início do meu percurso com as palavras foi desacompanhado, eu não tinha plateia e muito menos as palmas, e nem por isso esmoreci e abandonei o que amo. Não posso deixar de lado o que sou. Não posso me enquadrar numa obra clássica se minha alma é moderna.

E nesse intuito cresceu o sonho de, através de minhas palavras, contar histórias de artistas esquecidos – pelo tempo, pela sociedade, pelo silêncio deles mesmos. Floresceu a aspiração para dialogar com o mundo sobre pessoas que foram partes integrantes da história das artes visuais da região Oeste de Santa Catarina.

Há alguns meses tive a felicidade de encontrar – através das palavras escritas – quem me fundamenta, meu alicerce: você, Paulo. Com seu jeito carinhoso ao explanar suas ideias para a gente, encontrei minha liberdade, que agora me faz voar.

Gostaria muito de poder ter tido a honra de conhecê-lo em carne, em vida. O que me consola é que em mente, alma e espírito, somos velhos amigos.

Com carinho, Gina.

Síntese do Texto

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo



Gina Zanini. *Amorosidade*. Aquarela s/ canson. 38 cm. 2017.
Foto: Amália Candiotto.

Entre laços e entrelaços freirianos

Ivanete Maria Weber

Início essa abordagem contando um pouco de minha trajetória, para que possam conhecer-me e entender qual o objetivo em mostrar esse corolário a vocês.

Sou professora de escola pública, cursei magistério, que conclui em 1991. A partir de então, tenho muitos contatos com escolas, como docente dos anos iniciais, bem como na gestão, cargos de secretaria, e direção, como eram chamados os colaboradores desses espaços. De 2003 a 2006, cursei Pedagogia com foco nos anos iniciais, e em seguida especializações que me deram suporte para estar no meio escolar, assim como cursos de aperfeiçoamento. Cursos esses que retratam a história da educação, marcos teóricos e ideologias que mostram a práxis do momento. Participei indiretamente da construção da Proposta Pedagógica do Estado de Santa Catarina, bem como, sou usuária deste documento no meu fazer pedagógico. Em relação às experiências profissionais, atuei em escola regular, todas modalidades e escola especial, bem como nas redes municipal e estadual, da qual hoje tenho lotação em uma unidade que no decorrer deste, faço uma abordagem mais assídua, enfocando minha prática.

Nesses caminhos, tive contatos superficiais com leituras freirianas, todas sendo mediadas pela necessidade do contexto, seja da proposta do local em que estava atuando, seja, por questões de aperfeiçoamento.

Em 2017, na busca pelo mestrado, as leituras foram mais intensas: Pedagogia da Autonomia, Pedagogia do Oprimido, Cartas Pedagógi-

cas, entre outras, todas que possibilitaram um entendimento melhorado do que, ou de quem é Paulo Freire na educação brasileira e internacional.

Em 2017/2, já no programa de Mestrado pela Unochapecó, me deparei com a Cátedra de Paulo Freire, Disciplina Optativa, coordenada pelo professor Ivo Dickmann, freiriano de formação e, ousadamente, de mente e coração. Matriculada, pesquisei o que é uma Cátedra? E sem base de pesquisa oficial, vou à Wikipédia e encontro:

Uma **cátedra** (do latim *cathēdra*, por sua vez do grego καθέδρα, “cadeira”) é uma peça de mobiliário que se configura num assento de espaldar alto, poltrona ou trono, que vem dos tempos anteriores ao gótico, mas que entraram mais no uso nessa época, e que seria para as pessoas mais ilustres se sentarem, que podia ser coberto por um baldaquino e ser colocado num local estrado ou mais elevado de um recinto público onde podia ser notada à distância. (WIKIPÉDIA, 04 out. 2017, às 12:00 horas).

A partir dessa básica leitura, entendo que é uma disciplina que traria, exclusivamente, Paulo Freire e suas nuances, o que seria perfeito, pois atualmente onde atuo profissionalmente, uma das referências da proposta pedagógica é ele, e não o conhecia totalmente, o que só veio a somar. Mal sabia eu o que encontraria pelo caminho e que me encontraria nesse caminho.

Na Cátedra, entre outras ações, a essencial, foi a leitura e discussão do livro: Educação como Prática da liberdade (1967), que aconteceu entre agosto, setembro e materializou-se no dia 03/10/2017, dia da descoberta. Nesta manhã, penso ser marcada como elementar na minha vida profissional, o que no decorrer deste, deve clarear a vocês leitores. Mas, voltando à obra, analisemos a analogia: Educação – liberdade. A educação só ocorre se visar a liberdade e, na obra Freire traz isso muito evidentemente em algumas de suas abordagens, vejamos: traz ele que a sociedade brasileira passa pelo estado de trânsito e com presságio de esperança pela participação do povo. Traz o

homem na sua vocação natural de pessoa, para ser sujeito e não objeto, que a educação deve servir para ajudá-lo a ajudar-se e não a assisti-lo, pois, o assistencialismo é uma domesticação, sem responsabilidade, o que não é princípio da educação para a liberdade. A educação só cumprirá seu objeto fim se for instrumental para a liberdade do sujeito. Trata ainda que o existir é algo dinâmico e faz o caminho da ingenuidade para a criticidade. Que há necessidade da subversão, do rejeitar prescrições, para que a humanização ocorra, diferente da coisificação, realidade ainda presente em nosso tempo. No texto, Freire, em seu segundo capítulo, aborda o mutismo, não como falta de resposta apenas, mas como falta de criticidade à realidade imposta. Esse conceito fica mais aparente quando traz à tona o mutismo nacional, referindo-se à condição do Brasil escravocrata como terra de submissão, ajustamento, acomodação e acrítica. Reporta Freire sobre a necessidade de consciência do povo, para uma sabedoria democrática e que democracia, muito antes de ser política é uma forma de vida. Continuando, Freire traz em sua produção um conceito ‘atualíssimíssimo’ de Letramento, quando aborda, na página 119, que há necessidade de ser alfabetizado para: entender o que se lê e escrever o que se entende. Faz menção à escola usar-se de um método ativo de ensino, pois educar é um ato de amor.

Nessa contextualização da obra, que finda com o capítulo quatro, direcionado ao método, sob o título: Educação e Conscientização, é que vivo o espaço de autodescoberta que passo a narrar aqui.

Ao final de 2016, encerrando o ano letivo da escola em que atuo, sou convidada pela gestão escolar a escolher a turma que iria reger no ano seguinte, 2017, portanto. Havia duas possibilidades: duas classes de primeiro ano, ou uma classe de primeiro ano e uma de terceiro ano. Com terceiro ano, já havia trabalhado em outras escolas, anteriormente, mas com primeiro ano, nunca, assim como, havia em mim, um sentimento de negação ao suscitar a possibilidade ou necessidade

de iniciar o processo de alfabetização. Porém, não havia escolha, com uma ou com duas classes teria que realizar esse trabalho. Assim, analisando o fato de ter duas classes diferentes ou duas classes iguais, fiquei com a segunda opção. No ano de 2017, me desafiaria a trabalhar com os primeiros anos. Os meses que se seguiram, janeiro e início de fevereiro, foram de angústia, preocupação, medo, ansiedade, e nem mais sei que sentimentos relatar. Mas, estavam comigo, e eu precisava vencê-los para iniciar o ano da forma menos sofrida possível. E eis que o ano iniciou, e com o apoio e incentivo da coordenação e a gestão, planejo a semana inicial, que seria de conhecimento, troca, ajuste, adaptação, choro, tristeza, agonia, pais na porta da sala, materiais perdidos, esquecidos. Perguntas a meu ver sem cabimento como: terminou a linha, terminou a folha, perdi minha borracha, não sei o que fazer, não quero fazer, que hora vamos ao parque, que horas vou prá casa; quero beber água, quero ir ao banheiro... e tudo isso, regado a uns mil e tantos profes, chamados na manhã, ou na tarde. A turma da manhã, menor, uns 18 alunos, e a turma da tarde, um tanto maior, com 22 alunos, e uma aluna que só passaria a frequentar com o acompanhamento do segundo professor, devido sua dependência motora. E ao final de cada dia, reorganizava os materiais, par o início do outro dia. Com muito cansaço, e sempre avaliando o que foi bom, para repetir e o que não foi tão bom, na perspectiva de fazer diferente e melhorar. Mas, era hora de alfabetizar, e então? Que rumo tomar? Que método usar? Definitivamente eu não tinha método. Era necessário criar um, ajustar, organizar. Muitas tarefas dadas aos alunos, vinham com a seguinte resposta: - professora, esse trabalho eu já fiz lá na educação infantil, chamada por eles de creche. Aí, fazia, e tentava explorar de forma avançada, ou alguma vogal, ou consoante, relacionada ao nome de colega presente na sala. E assim, foram passando os dias.

Nas duas primeiras semanas percebi dois ou três alunos que tinham uma capacidade melhorada de apreensão das letras e seus fonemas, pois associavam com muita facilidade as letras, os desenhos que se apresentavam em dado contexto, fosse no alfabeto na parede, ou revistas e livros utilizados conforme a atividade. Também, nas tarefas de casa, logo foi possível perceber os que recebiam total ou parcial acompanhamento dos pais, bem como aqueles que nenhum acompanhamento tinha, e em cada um, os avanços ou não que esse acompanhamento lhes dava.

Conforme fui apresentando as consoantes, após ter explorado as vogais e os encontros vocálicos, fui criando com eles, tendo os registros no seu caderno, as famílias de cada consoante, juntando elas as vogais, e relacionando a nomes de colegas, familiares, cidade, palavras de seu contexto. Assim como, em atividades de casa, poderiam eles trazer palavras com essas letras. Diariamente, fazíamos o registro em fichas que iam para a parede, grifando colorido, as sílabas trabalhadas. Diariamente também, fazíamos a leitura do alfabeto, com as correlações que os alunos aos poucos iam trazendo. E dessa forma se desenrolou o primeiro semestre letivo. Sendo que, ao final do primeiro bimestre, foi possível perceber dos 52 alunos das duas turmas, 13, já estavam lendo e escrevendo palavras simples. Ao final do segundo bimestre, em julho, esse número era em torno de 27. Sendo que, dia a dia, percebia-se um descobrimento por parte dos alunos, que lhes proporcionava um encaminhamento para a alfabetização, leitura e escrita. Em exercícios de ditado, semanalmente crescia o número de alunos, que faziam relações grafema/fonema, e isso me mostrava que eles estavam se alfabetizando.

Mais realizador ainda quando seus pais ou responsáveis vinham à escola, por algum motivo que fosse: trazer as crianças, ou buscá-las, e podíamos conversar, onde esses próprios diziam: “meu filho, minha filha, está numa busca constante de leitura, quer descobrir o que está

escrito”. Em outras palavras, segundo Freire, quer ler o mundo. E segundo Freire, ler o mundo é anterior ao ler as palavras, letrar-se.

E, da mesma forma, quando no início da aula, traziam um cartão de desenho ou de escrita, para mostrar sua alegria de estar aí. Na busca por conhecimento.

Trago essa narrativa pois a considero de suma importância em minha carreira profissional. Deixei de estar com essas crianças em 19/08/2017, pois, na semana seguinte iniciam as aulas do Mestrado. Mas confesso que com essas alegrias vividas, após os primeiros momentos que foram muito angustiantes, gostaria sim, de ter concluído o ano com eles para ver a que nível seria possível chegar, com aquele ritmo de trabalho. Não consigo imaginar, apenas trago comigo frases que me foram ditas como: - *Você deu conta. Eles adoram estar na escola. Você se superou.* Isso foi realizador e compensador. E me sinto qualificada para atuar em qualquer turma que seja oferecida. O primeiro ano não é mais uma condição de medo, é sim de desafio, desafio esse, já vencido.

Torno agora, a falar porque me descobri em Freire. Me descobri em Freire, porque de forma similar ao método por ele utilizado, consegui alfabetizar várias das crianças de minha classe, usando as fichas, fazendo significações, relações necessárias para o dia a dia deles. Eles sugerindo, analisando, contribuindo, criando. Foi mágico, foi real, foi realizador. Em Freire, temos a organização do Círculo de cultura, que visa remodelar a escola tradicional, fazendo-a um lugar de convivência, encontro de saberes, momento em que eu, docente, sou a reorganizadora deste modelo, visto que, numa concepção primária, é o professor quem sabe, quem faz, mas, nesta dinâmica, ambos, professor e aluno são recolocados dada sua importância no processo educativo.

No método em si, encontramos quatro fases, onde a primeira, é o levantamento do universo vocabular. Os estudantes falam, e dessa

fala são anotadas as palavras geradoras, esse tempo serve para conhecer esse mundo, o lugar onde essas pessoas estão, e eles de uma forma contributiva mostram o que já conhecem do mundo. Na segunda fase, são retiradas as palavras mais importantes, com maior riqueza fonética e culturalmente, que darão sustentação para o desenvolvimento da alfabetização e aprofundarão o conhecimento advindo dos alunos. Na próxima fase, terceira, acontecerá a criação de situações existenciais, o que evidenciará palavras de maior ênfase naquele contexto, por sua significatividade, o quanto mais próxima do contexto, melhorará a aprendizagem do educando. Na quarta fase temos a produção das fichas de descoberta, onde imagem e sílabas, famílias fonéticas, fonemas, vão se multiplicando e desdobrando, e na problematização ocorrem situações próprias de aprendizagem: leitura, escrita, interpretação. O que, de forma simultânea trará ao momento outra fase, com a decomposição das famílias fonêmicas, esse momento é mágico, pois do exemplo trazido por Freire, da palavra TI JO LO, o aprendiz, acomoda e assimila, fazendo a sua aprendizagem com a expressão TU JÁ LE.

Tive momentos de dureza também, onde foi necessário, demonstrar descontentamento com alguns alunos, devido a atitudes que não são aceitáveis, quando se está num meio social como é a escola. Também, momentos de conversar com os pais, e pedir sua ajuda, demonstrando, que o aluno precisava de apoio ou organização melhorada. Conversas, que algumas surtiram efeito, outras nem tanto. Mas, todos os episódios vividos naquela sala de aula, ficaram registrados, como experiência para mim, enquanto docente alfabetizadora, e quero crer que para os alunos também, pois são eles, o fator determinante daquele espaço. Pois como Freire bem afirma, não há docência, sem discência, enquanto ensino aprendo, e enquanto aprendo, ensino.

Também na perspectiva Freiriana, é preciso considerar as diferenças, onde cada um aprende a seu tempo, a seu modo, aproveitando o que traz de sua cultura, vivência e experiência, trocando com seus pares, deixando de si, e buscando no outro, assim como, com seus professores, mediadores desse processo. Falo aqui, em especial, da aluna que passou a frequentar a escola após a chegada do professor co-regente, chamado em dadas situações de segundo professor. A aluna, portadora de deficiência múltipla, ainda não anda, ainda não fala, se comunica por gestos, e ainda muito confusos, e seu olhar sem um comando firme, que demonstre o que de fato está olhando ou percebendo. De uma família (mãe), muito presente, e na espera de um irmão, que chega ao quarto mês de aula, maio, mais precisamente. À professora co-regente, só posso dizer, obrigada por me acompanhar nesse trajeto. A aluna, obrigada por sem poder escolher, estar no nosso meio, mostra que teve avanços e significativos, seja no tempo de escuta, seja no prestar atenção ao que estava acontecendo. Mas, principalmente por trazer aos seus colegas o brilho de sua companhia, o que deu a eles, o privilégio de estar ao seu lado e mostrarem-se presertativos, companheiros, verdadeiros colegas, sempre prontos a te acompanhar. Isso é humanizar, e humanizar é Freire.

Na continuidade da disciplina, tivemos em 17/10, um encontro diferenciado de escola, quando vieram conversar conosco, três verdadeiros militantes da educação popular, não com a academia eminentemente freiriana, mas com uma prática nele muito eminente. A primeira a se expressar foi Marinês que, conta sua trajetória como educadora e depois como estudante no mestrado, da qual sua dissertação é a prática das mulheres trabalhadoras, trazendo com muita propriedade, as sementes, o início da agricultura, e história das mulheres camponesas. Enquanto educadora, traz fortemente o educar para a vida, nos diversos exemplos que expõe, nas andanças suas nas escolas. Com muita humildade e certeza, evidencia que as escolas preci-

sam “reinventar a realidade”, “desenhar seus caminhos”, “produzir seus mapas”. Dando continuidade, fez uso da palavra Ernesto, que é Assistente Social de formação acadêmica e militante do Movimento dos Sem Terra (MST). Em sua caminhada, traz uma identidade construída de sem-terra, para Sem Terra, conta dos assentamentos a que fez parte, conquistas, marchas, alegrias e tristezas, dos rompimentos com o medo, da ignorância para independência e autonomia. Com propriedade defende a causa que luta por: trabalho, moradia, saúde e educação, ou seja, a dignidade humana. Trouxe à tona, a caminhada do Brasil, deixando de fazer parte do mapa da fome, e que hoje, pelos desmandos, pela corrupção, pelo golpe, tem um retrocesso, que o coloca novamente na condição de terceiro mundo. Aposta na educação como o caminho para romper o processo milenar de desumanização, romper a Pedagogia do Opressor, na defesa de Paulo Freire como patrono da educação brasileira. Conta um pouco sobre sua mística de religiosidade e o porquê da simbologia do trabalho: facão, foice, enxada, o oposto da violência, que muitas vezes é retratada. E com muita ênfase traz o dizer: a Pedagogia no MST não cabe na escola, mas a escola, cabe no movimento, pois a educação é sentido de vida, de realidade, de sociedade. Conclui fazendo os questionamentos: Como se forma o ser humano? Quais estratégias ajudam a formar o ser humano como autônomo? Como terceira fala, tivemos Aline, que é militante da Pastoral da Juventude, trazendo um pouco de sua formação, e bem dizendo, que não poderia falar de Aline, sem trazer os diversos espaços nos quais está inserida, entre eles a PJ, e a contribuição para sua formação.

Continua fazendo as seguintes reflexões, que ao ser humano é possível: ver, julgar e agir; no entanto, tais verbos se efetivam, se passarem pela seguinte escala de valores, para definição da identidade pessoal: ser protagonista de sua história; participante de um grupo; ter suas crenças; ter consciência; capacitar-se; transformar a realida-

de. Aborda ainda que o ser humano, precisa ter sua vida organizada em quatro eixos, que são: Formação, ação, espiritualidade e organização, de tal modo que seu projeto de vida, traga claramente respondido, a seguinte questão: Vou gastar meus dias em que, ou a serviço de quem?

De uma forma muito simples, temos três exemplos de vidas completamente diferentes, porém com um item muito igual: o acreditar na vida, no ser humano. No que Paulo Freire traz com muita propriedade, Fé, Esperança e Amor, em todos seus escritos, que mesmo, quando de uma forma muito clara, e dicotomias da sociedade, como em Pedagogia do Oprimido, como fundo sempre presentes o acreditar no ser humano, para um mundo melhor.

E, nem com maior ou menor importância, na data de 14 de novembro, tive o prazer de conhecer a professora Maria Aparecida Lucca Caovilla (Cida, como é carinhosamente chamada), por seus colegas, e quem já a conhece. Vi nela uma entusiasta freiriana e ativista dos direitos humanos, pois, de modo exemplar, alia o Direito à Educação, coisa muito bem-feita por Freire. Traz ela, por sua experiência, que hoje temos, mais do que nunca a necessidade de evidenciar o sujeito latino-americano, para se ter a libertação do modelo de sujeito eurocêntrico que nos foi projetado. Exemplifica, a partir de seu livro, que as constituições da Venezuela, Bolívia e Equador, nos dão essa possibilidade, ou seja, libertam-nos disso, são marcos de uma nova postura, são frutos de um novo constitucionalismo, do povo, para ele mesmo, rompendo amarras do neoconstitucionalismo que é o retrato do poder do mais forte para o mais fraco, evidenciado totalmente nesse modelo capitalista que vivemos. Articula a necessidade do Bem Viver, exemplo modelo dos Zapatistas, que rompe os moldes positivistas e resgata as culturas originárias e seus costumes. Neste modelo, a educação valoriza as múltiplas sabedorias e rompe o modelo linear onde todos aprendem igual. Tem-se aí a quebra do paradigma

da educação bancária, que é regida pela lei do mais forte, do que sabe mais, que na verdade é um repasse de conteúdos, o que é fortemente discutido por Freire na Pedagogia do Oprimido. Na proposta do Bem Viver, o ponto central é amar a vida e a mãe natureza, essa como sujeito de direitos, pois é um ser vivo como nós. Traz em sua discussão o que Gadotti, com muita sapiência retrata de Eco pedagogia, visto que o Brasil é um mosaico cultural variadíssimo em todos os sentidos. E, nessa discussão, faz um apelo aos princípios de humanidade, onde a participação, democracia e cidadania estejam presentes, no exercício de problematização crítica da realidade. Isso leva à permanente aprendizagem entre os seres humanos, pois evidencia o saber originário das comunidades, respondendo as suas necessidades. Evidencia a urgência e necessidade da espiritualidade e Direitos Humanos, *pois a vida sem propósito não é vida, não tem graça*. Cita enfaticamente a necessidade da valorização da Pacha Mama (Pátria Mãe) e revigora Jacques Delors nos quatro pilares da Educação pela UNESCO para o século XXI: Aprender a Conhecer, Aprender a Conviver, Aprender a Ser e Aprender a Fazer. E nisso conclui dizendo: *Sou o que minha alma diz*.

Para finalizar, tento esclarecer o porquê de laços e entrelaços Freirianos: porque, jamais havia cogitado a possibilidade de alfabetizar e do nada me vi não apenas alfabetizando, e sim letrando, crianças de várias culturas, várias origens, vários níveis de saber, que somados uns aos outros, comungaram de uma experiência não experiente, e que ao final, enlaçou-os nesse devir que é o mundo letrado. Laços e entrelaços, porque essas crianças, mesmo sem ter a noção do que fizeram em minha carreira profissional, serão sempre lembradas, e que, tomara, possa reencontrá-las, ainda na escola, ou quem sabe por aí, na vida, nas andanças, deles e minhas, assim como, estará sempre comigo o aprendizado desse método que é sim, infalível, e que hoje embasa minha carreira docente. E que possa eu, que ainda

tenho alguns anos de escola, compartilhar com colegas, essa experiência, agora embasada na teoria freiriana, pois escola é partilha, e partilha é Freire.

Freire, na Pedagogia do Oprimido, cita o termo “hospedeiro”, em se tratando do oprimido ao opressor, é preciso sermos hospedeiros um do outro, para que firmemos laços de humanidade, aí sim, tornemo-nos humanos, ou humanizados, pois, como Saint Exupéry cita também: tu te tornas eternamente responsável pelo que cativas. Esse é o entrelaçar necessário, passar pela vida, pela história das pessoas, construindo-se, deixando o que podes e levando o que te acrescenta, essa hospedagem é sadia, é um laço necessário para a vida.

E, como Freire (1970, p. 96) bem afirmou: “se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça, nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar.”. Encerro temporariamente esta reflexão, com a poesia de Freire, de certeza, já conhecida, mas que precisa ser o hino das escolas, para que de fato, elas e o mundo em que estão sejam lugares de pessoas felizes:

A Escola

"Escola é...
o lugar onde se faz amigos
não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...
Escola é, sobretudo, gente,
gente que trabalha, que estuda,
que se alegra, se conhece, se estima.
O diretor é gente,
O coordenador é gente, o professor é gente,
o aluno é gente,
cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor
na medida em que cada um
se comporte como colega, amigo, irmão.
Nada de 'ilha cercada de gente por todos os lados'.
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir
que não tem amizade a ninguém
nada de ser como o tijolo que
forma a parede,
indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só
estudar, não é só trabalhar,
é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de
camaradagem,
é conviver, é se 'amarrar nela'!
Ora, é lógico...
numa escola assim vai ser fácil
estudar, trabalhar, crescer,
fazer amigos, educar-se,
ser feliz."



de Paulo Freire

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática pedagógica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

_____. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1982.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro, Editora Agir, 2009.

WIKIPÉDIA. *Cátedra*. Acessado em 04 out. 2017.

Síntese do Texto

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo



Ivanete Maria Weber. *Cidades*. Aquarela s/ canson. 29,7x42cm. 2017.
Foto: Amália Candiotto.

A força que brilha atrás dos nossos olhos³

Marcelo Schmitz dos Santos

Essa será uma carta destinada aos meus amigos, alunos e ocupantes das escolas e da UFFS aqui de Chapecó. Um agradecimento a todos aqueles que de alguma forma, me mostraram ou melhor, escancararam, uma forma diferente de ver a escola, de vivenciar a escola.

Diz Paulo freire em sua última entrevista, “como educador posso contribuir para uma assunção crítica da possibilidade da passividade, para que se vá além dessa passividade, aquilo que eu chamo de posturas rebeldes...”⁴. Ah! Se Freire estivesse vivo para vivenciar aqueles meses entre outubro de dezembro do ano de 2016, onde os alunos realizaram ocupações em mais de mil escolas e universidades pelo Brasil.

Em Chapecó foram 7 escolas e uma universidade. Destas 5 eram urbanas: EEB Antônio Morandini, EEB Tancredo de Almeida Neves, EBM Jardim do Lago, EEB Geni Comel e o IFSC/Chapecó, 2 escolas indígenas, EIEF Sape Tyko e EIEF Fennó, além da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Das quais estive presente em todas pelo menos uma vez⁵.

³ Título baseado na música: *The Promisses* – Chris Cornell

⁴ Entrevista disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=U190heSRYfE>

⁵ Todas as fotos são do acervo do SINTE e das redes sociais das ocupações. Disponível em: <http://sinteregionalchapeco.blogspot.com.br>



Foto: acervo do SINTE e das redes sociais das ocupações.

Esse, sem sombra de dúvidas, será um relato de agradecimento de alguém viveu em primeira pessoa as dificuldades, as angustias, as potências, a garra, a determinação dos alunos das ocupações realizadas em Chapecó. É difícil descrever todas as emoções, alegrias, risos, angustias e choros, encontradas pelos corredores das escolas, que naquele momento, proporcionaram uma outra vivência escolar, uma ressignificação do que é e pode ser um ambiente escolar.

Admiro, e muito, todos vocês que ali lutaram. Ah!, se em minha época de escola, eu tivesse a maturidade e politização que os alunos do ensino fundamental e ensino médio demonstraram durante as ocupações. Foi, sem sombra de dúvidas, um movimento recheado de potência e rebeldia, como Freire gostaria que fosse o processo educativo. Meus amigos, vocês ocuparam porque sentiram a necessidade de lutar, de brigar pelos seus direitos, não de forma egoísta, pois lutaram também pelos direitos de todos os brasileiros, os quais passarão 20 anos de congelamento dos investimentos públicos em todas as

esferas. Foram corajosos ocupando as escolas contra a PEC 241, por conta própria, por “um ano escolar em risco”, como muitas vezes ouvia dos diretores, como uma forma de pressionar os alunos para desistirem das ocupações.

Efetivaram aquilo que deveria ser a escola, um local de criação, de vivência, de singularidades, de partilha, de cooperação. Fizeram movimentos autogestionados, buscando sua organização pautada no debate das demandas, de uma colaboração mútua entre os alunos ocupantes, na busca de suprimentos para a manutenção da ocupação, na busca de oficinas para continuarem com os estudos mesmo durante a ocupação, no fomento e debate da política, em um ambiente que agora vem sendo pautado pelos governantes, como um espaço onde não se deve ter o debate político.

Infelizes desses políticos, medrosos em seus gabinetes, que sabem que a politização dos alunos pode acarretar em grandes mudanças no âmbito da política, que já anda há tempos em descrédito.



Foto: acervo do SINTE e das redes sociais das ocupações.

O debate sempre foi enriquecedor, tratando de temas como o preconceito, o racismo, a diversidade cultural, a diversidade sexual, a política como um campo maior do que a política institucional, o debate sobre ética, cidadania, etc.

Debates que deveriam fazer parte do cotidiano, mas que hoje tendem a se tornar proibidos, em virtudes de projetos de leis, que inviabilizam esses debates no ambiente escolar. Em uma contraposição genial, como consequência das ocupações, as escolas houveram esses debates organizados de formas participativas, com os alunos sendo ativos nesses processos, questionando, buscando conhecimento; eles queriam, eles pautaram, a escola era construída por eles e para eles.

Freire em toda sua sabedoria, parece profético quando realiza sua última entrevista, falando sobre as marchas do MST. Freire diz que gostaria de ver o mundo cheio de marchas, “as marchas dos reprovados”. Ora, as ocupações podem não ter sido uma marcha, mas foi um movimento de resistência, não dos reprovados, mas daqueles que reprovaram, reprovaram a escola em seu modelo tradicional, reprovaram a política brasileira pelo seu desfavor prestado a educação.

Das ocupações também resultaram marchas, houve marchas rea-



Foto: acervo do SINTE e das redes sociais das ocupações.

lizadas pelos estudantes, em Chapecó uma marcha até a gerência regional de educação – GERED, na busca por melhoras nas escolas do município. E não tem como esquecer que vocês, meus amigos, saíram de ônibus de Chapecó, para Brasília, marchar contra a PEC 241 (PEC 55), onde foram recebidos pelo golpista Temer, com balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo, cavalaria, e todo tipo de truculência que poderiam ser assujeitados, mas continuaram com a cabeça erguida e firmes na luta.

Sim, eu sei que Freire estaria cheio de orgulho vendo esses jovens rebeldes, lutando por uma educação que emancipe o sujeito, assim como Freire sempre almejou e lutou em toda sua vida. Saiba que esse orgulho que Freire sentiria, é o mesmo orgulho de muitos pais, professores, amigos, cidadãos que acompanharam a luta de vocês estudantes.

Claro que nem todos estavam orgulhosos desse processo, muitos lutaram contra. Como não recordar dos diretores, professores, pais e colegas de aula, que muitas vezes tentaram derrubar as ocupações, zombaram dos alunos ocupantes e encararam a luta como perda e desnecessária. Diretores que tentavam amedrontar os alunos com a ameaça de reprovação, que riam dos alunos na frente deles menosprezando suas buscas, em melhorar a escola ou, no caso extremo que foi a ocupação da escola Irene Stonoga, onde a diretora chamou os policiais na escola e manteve os alunos trancados dentro da escola na presença de policiais armados com fuzis.

Todas essas, entre outras tentativas de intimidação para com os alunos, fracassaram. Nenhuma inibiu ou acabou com as ocupações, mas sim, encorajaram cada vez mais vocês a continuarem com seus movimentos, suas resistências, na escola. Claro, cada escola teve suas vivências particulares, nenhuma ocupação foi parecida com a outra, por isso o relato de cada uma seria de extrema importância, como uma forma de registro e como um documento para ser estudado,



Foto: acervo do SINTE e das redes sociais das ocupações.

analisado, refletido, como a escola é recheada de potência para novos modelos, novas vivências e novas formas de ensino, desde que se torne participativa e inclusiva em seu planejamento e organizações de ideias.

Freire, continuando em sua entrevista, nos diz que “nenhuma realidade é assim mesmo, toda realidade está aí submetida a possibilidade de nossa intervenção nela”, ou seja, a escola que está aí não está acabada, não é fatalista em seu modelo, não está dada e acabada. Durante as ocupações, vocês nos demonstraram como Freire está certo, a vossa intervenção foi clara, a realidade foi alterada, foi mudada.

Sem sombras de dúvidas, o modo que se deu a gestão das ocupações em Chapecó, foi algo que chama muita atenção. Durante todo o período das ocupações, os alunos realizavam, o que eles chamavam de intercâmbios entre ocupações, que consistia em alunos de uma ocupação passarem alguns dias em outra ocupação e trocar experiências e ideias entre si.

Essas vivências demonstraram o quanto o espaço escolar pode ser também um espaço de trocas culturais e vivenciais, já que cada escola está inserida em um contexto social diferente, tem a suas particularidades. Os intercâmbios entre ocupações, serviram para os alunos vivenciarem essas diversidades.

As próprias oficinas realizadas nas escolas, foram facilitadas por alunos de outras escolas ou os alunos da ocupação da UFFS. O que demonstra que nossa universidade federal cumpriu seu papel, já que a mesma foi idealizada e efetivada através das lutas dos movimentos sociais. Agora, seus alunos, que serviram à luta, pois muitas vezes quem realizou a assistência na organização das oficinas nas escolas e os estudos para as provas dos secundaristas, foram os acadêmicos da UFFS.

Foram meses de luta, que culminaram em uma ocupação da entrada da GERED, e por consequência um encontro com a secretária



Foto: acervo do SINTE e das redes sociais das ocupações.

da GERED, que se comprometeu em atender às exigências específicas de cada escola. Uma grande conquista para quem estava há meses na luta, enfrentando o deboche de que em nada daria as ocupações.

Vocês, meus amigos, não foram levados a sério por alguns diretores, professores, pais e alunos, mas demonstraram que se todos estivessem junto desde o início, a força das ocupações seriam maiores, as conquistas mais expressivas, a mudança das escolas mais efetivas.

Mas isso não tira todo o brilho da beleza que foi esse movimento, do qual ainda hoje vai me mostrando novos ensinamentos. Com recorrência durante as aulas da cátedra Paulo Freire, mediadas pelo nosso mestre Ivo, as lembranças das ocupações vinham relacionadas com as ideias de Freire. Por isso, quando nos fora delegado a função de escrever uma parte do livro, logo pensei, será sobre as ocupações!

A última entrevista de Freire, foi um dos pontos que mais me marcou na Cátedra. Ver como um homem, em toda sua sabedoria e importância internacional, era um homem cheio de esperança e fé em seu país, nas nossas escolas, no nosso povo.



Foto: acervo do SINTE e das redes sociais das ocupações.

Freire traz uma fala na entrevista, que talvez resuma o movimento das ocupações aqui em Chapecó. Diz ele: “O que eles estão fazendo é mais uma vez provando certas afirmações teóricas de analistas políticos, de que é preciso mesmo, lutar para que se obtenha o mínimo de transformação”. E assim vocês fizeram meus amigos, demonstraram para todos que é preciso lutar para que se obtenha transformações, mesmo que elas sejam mínimas comparadas com o tamanho dos nossos sonhos.

O encerramento das ocupações se deu de uma forma memorável, talvez como deveria ser o fechamento de um movimento lindo, com muita união, exposição de ideias, afetos e partilha de sonhos. Alunos das ocupações reunidos no pátio da escola Tancredo Neves, conversando sobre suas ocupações, expondo seus aprendizados e diferenças.

Alunos das escolas da cidade e alunos das escolas indígenas, demonstrando o quanto é possível impactar na sociedade através da união. Os pais debateram as ocupações, a cidade debateu as ocupações, o estado debateu as ocupações de Chapecó. Eu, vocês, nós, nun-

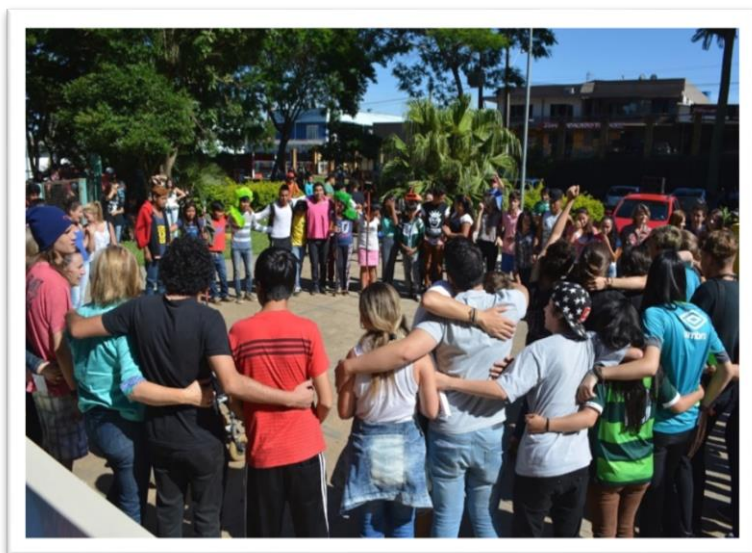


Foto: acervo do SINTE e das redes sociais das ocupações.

ca teremos a total noção do quão impactante foi esse movimento, o quão grande foi o impacto na noção e percepção do que é a escola, para nós e para os outros.

Para terminar essa carta para vocês, inspirado em Freire, quero levar a todos a seguinte reflexão, Freire nos diz em seus livros e repete em sua entrevista, que “Somos homens e mulheres, seres inacabados”, assim podemos nos inserir no movimento de transformação de busca, como diz Freire, a vocação do ser mais.

Logo, estamos sempre em transformação, em mudanças, nunca acabados, na busca de sempre melhorarmos, não em termos financeiros, mas na condição humana, naquilo que nos torna humanos. Sim! Vocês aprenderam cidadania, aprenderam respeito ao próximo, aprenderam a lidar com as diferenças dentro e fora das ocupações, aprenderam a debater diferenças ideológicas, até contra fascistas que ameaçavam vocês de agressões físicas.

Vocês foram monstruosos em garra, em organização, em empatia, vocês nunca mais serão os mesmos depois das ocupações. Parabéns e muito obrigado pelos aprendizados, daquele que foi muito mais aprendiz do que uma figura que tinha algo a ensinar. Obrigado amigos, essa luta reacende a esperança da educação freiriana, que a cada dia se mostra mais urgente no nosso cotidiano.

*E uma promessa sua
Uma promessa que sempre permanece
Não importa o preço
Uma promessa para sobreviver
Perseverar e prosperar
Como sempre fizemos*

*Os livros ainda abertos sobre a mesa
Os sinos ainda soando no ar
Os sonhos ainda grudados ao travesseiro
As músicas ainda cantadas em uma oração*

The Promisses – Chris Cornell

Carta aberta dos estudantes das escolas ocupadas à sociedade chapecoense⁶

Estudantes secundaristas das redes estadual, municipal e federal de ensino de Chapecó-SC, ao longo dos últimos 40 dias, estiveram ocupando as suas próprias escolas como forma de protesto contra os retrocessos que serão causados com as aprovações da PEC 55 (que prevê o congelamento dos investimentos públicos ao longo dos próximos 20 anos), a MP 746 (que precariza o Ensino Médio Público, através de uma ampla reforma em seu currículo e funcionamento) e a Lei da Mordaza (com o projeto Escola Sem Partido).

Diferentemente do que lideranças políticas locais, professores, pais e até mesmo colegas de turma pensam (ao nos chamar de “baderneiros”, “desocupados”, “manipulados” e até “acéfalos”, além de nos ofender e agredir de diversas formas), nós resistimos às pressões e reforçamos os nossos objetivos em defesa de uma educação pública e emancipatória, em que todos os estudantes sejam respeitados enquanto sujeitos de suas próprias histórias. É preciso destacar que, durante os dias de ocupação, nós organizamos aulas públicas, oficinas pedagógicas com estudos dos conteúdos escolares, rodas de conversa, atividades culturais e de formação política.

Reforçamos a nossa compreensão de que a escola pública não tem donos, pertence ao povo e é por excelência o espaço de formação para o exercício pleno da cidadania. Desta forma, a escola é sim o espaço de luta por direitos e emancipação. O movimento nacional das ocupações levou, por exemplo, os parlamentares a emitir cerca de 568 emendas para mudar o texto da MP 746, que voltou a incluir o ensino de artes e educação física como disciplinas obrigatórias; inseriu a língua materna indígena tam-

⁶ Para terminar minha carta, quero deixar registrado a carta que vocês escreveram para a sociedade chapecoense, uma forma de garantir que o registro das construções que vocês realizaram.

bém como obrigatória, conjuntamente com a língua portuguesa; ampliou o tempo de oferta dos componentes curriculares da Base Nacional Comum para 60%; expandiu os prazos para financiamento das escolas de tempo integral por parte do Governo Federal de 5 para 10 anos; entre outras alterações. Juntos, iremos atuar permanentemente para que todas essas medidas sejam respeitadas e continuaremos lutando para impedir todas as formas de precarização do ensino público.

Nesse tempo de ocupação, nos reunimos com a Gerência Regional de Educação de Chapecó, que se comprometeu a realizar reformas estruturais, conforme as demandas levantadas em cada escola ocupada. Acompanharemos de perto a efetivação deste compromisso registrado em ata e não vamos admitir nenhum retrocesso. Hoje, estamos desocupando as escolas. No entanto permaneceremos na luta pela manutenção e ampliação de direitos, por uma escola plena de conhecimentos e práticas éticas comprometidas com a transformação social, com a formação crítica e o protagonismo daqueles que são a essência da escola – os estudantes.

Assinam abaixo representantes das ocupações das seguintes escolas:

EEB Antônio Morandini
EIEF Sape Tyko
EEB Tancredo de Almeida Neves
EBM Jardim do Lago
EEB Geni Comel
EIEF Fen nó
IFSC/Chapecó⁷

⁷ Disponível em: <http://sinteregionalchapeco.blogspot.com.br/2016/12/carta-aberta-dos-estudantes-das-escolas.html> . Acesso em 07/11/2017.

Síntese do Texto

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo

Carta argumentativa sobre gênero na educação a Paulo Freire

Marta Zanette

Caro Freire,

Diante de um conjunto de normas impostas pelas ideologias hegemônicas em que estamos vivenciando nos dias atuais, com relação à igualdade de gênero na educação é que, caro Paulo Freire, devo dizer-lhe que este é um tema que remonta aos primórdios da instituição escolar brasileira. Faça-me as seguintes perguntas: por que trabalhar gênero na educação? Diante desse questionamento me deparo com falas de crianças com sentidos estereotipados que corroboram com a manutenção da opressão e das desigualdades sociais. Dizem: “meninos brincam de carrinho, meninas de boneca, ele não pode brincar na casinha”, essas e muitas outras são as frases ouvidas diversas vezes ao dia dentro das escolas. Diante disso, como nós educadores podemos, colaborar no espaço escolar para a construção da igualdade de gênero?

Baseada na convicção de que a educação consiste em direito público, subjetivo, libertadora, capaz de transformar o indivíduo e fazê-lo sujeito da história, e que a mesma não pode pertencer ao universo das normas meramente pragmáticas, inicio a minha carta pedagógica como contribuição para a cátedra de Paulo Freire da Unochapeco no 2º semestre de 2017.

Com você Paulo Freire, compreendi que “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio ho-

mem”, ou seja, compreendi e aprendi que a educação, como um processo construído pelo homem pode servir para sua dominação ou para sua libertação, processo esse contínuo, compartilhado, de modo a dialogar com as diferenças e não negá-las.

Paulo, “a perspectiva da educação em direitos humanos, que você defende é de uma sociedade menos injusta, para aos poucos ficar mais justa, uma sociedade reinventando-se, sempre com uma nova compreensão do poder, passando por uma compreensão da produção, uma sociedade em que a gente tenha gosto de viver, de sonhar, de namorar, de amar, de querer bem. Esta tem que ser uma educação corajosa, curiosa, uma educação que tanto quanto possível, vai preservando a menina(o) que você foi sem deixar que a sua maturidade a mate, é uma educação que tem de nos por, permanentemente perguntando-nos, refazendo-nos, indagando-nos, essa educação para a liberdade que tu falas, está ligada aos direitos humanos.

Nessa perspectiva tem que ser abrangente, totalizante, ela tem a ver com o conhecimento crítico do real e com a alegria de viver e não apenas com a rigorosidade da análise de como a sociedade se mexe, se move, caminha, mas ela tem a ver também com a festa que é a vida mesmo. Nesse sentido, dando continuidade às linhas que escrevo nesta carta, percebo que a igualdade de gênero quando tu falas em direitos humanos, não é possível, se sujeitos de direitos são tratados de forma discriminatória e preconceituosa.

Lendo seus escritos e ressignificando a questão de gênero percebo que uma educação pensada na igualdade é uma educação que visa combater a misoginia, o sexismo. Pode-se dizer que é uma educação para os direitos humanos, quando pensada de forma crítica, pois a construção da igualdade de gênero entra no âmbito de direitos de justiça. Educar para os direitos humanos evitando processos de discriminação, é necessário desde os primeiros anos da vida escolar.

Considero oportuno escrever, neste momento, que a grande responsabilidade para a construção de uma educação cidadã está nas mãos do educador (a), assim sendo a participação ativa do educador (a) é necessária para que a sala de aula não seja um espaço gerador e reproduzidor de uma educação discriminatória, mas um espaço de construção de igualdade. É preciso uma prática que testemunhe o que se diz, do contrário, a prática preconceituosa do educador ou educadora com relação há gênero, fere os direitos humanos negando desta forma a democracia.

Querido Paulo Freire, quero lhe contar que, em nossos diálogos da Cátedra, compreendi que a aprendizagem se dá ao longo de toda a vida; isso significa que não existe uma idade certa ou uma idade errada para aprender, nós aprendemos em todos os lugares, o tempo todo como seres humanos e no ato de ensinar, aprendemos.

A escola é uma instituição com grande importância na formação de valores de cada indivíduo, pois uma educação emancipadora como você Paulo Freire diz, é aquela que ajuda os educandos a caminhar por eles mesmos, a construir seus próprios conhecimentos, a dizerem a sua palavra, e a escola tem que realmente se posicionar, não podendo ser indiferente diante das injustiças do sofrimento humano.

Nós, educadores (as), temos o papel de mediar o processo de emancipação de nossos educandos, mas, primeiramente, precisamos superar o tecnicismo pedagógico que ainda não foi superado. Paulo, você defende uma escola cidadã que é una e diversa, igual para todos que respeita a diversidade.

Já se passaram vinte anos de seus últimos escritos, e ainda percebo que muitas crianças mostram no espaço da educação formal desde os primeiros anos escolares, as concepções estereotipadas que trazem de gênero, alimentada e construída pela classe hegemônica, no qual há muito tempo você já nos alertava sobre esta temática.

Vivemos em uma sociedade em que as relações sociais são diferenciadas pelos gêneros. O sonho de um mundo mais justo para todos ainda não foi superado, mas como você Paulo Freire acredita que é possível, eu também compactuo com esse sonho, pois a escola é um bom espaço para trabalhar essa desigualdade entre homens e mulheres.

A escola é um local para a ressignificação e apropriação de novos conhecimentos, dessa forma, necessita de práticas transformadoras e não da reprodução de práticas sexistas e hegemônicas. Ela não deve ser um espaço de reprodução de preconceitos, mas sim de tolerância à diversidade existente.

É nesse aspecto que se torna necessária a implementação de processos educativos que sejam críticos e ativos, que promovam a democracia, a cidadania, a interdisciplinaridade, que alinhavam propostas de emancipação dos sujeitos globais, para que se conceba uma nova educação que tenha a ver com a vida, com o direito de justiça para todos. Deve-se mostrar na escola, que convivemos com diferentes pessoas, que são diferentes, ensinar desde o primeiro contato com a convivência coletiva que devemos respeitar as diferenças, que não devemos ser todos iguais: devemos educar não apenas para evitar estereótipos, mas para não propagar discriminação desde os primeiros anos escolares.

Caro professor Paulo Freire, como você referendou há alguns anos, é possível observar as primeiras impressões que as crianças têm sobre gênero e diversidade na primeira infância, venho confirmando que essas impressões de gênero que os mesmos apresentam no espaço da educação infantil é resultado do que aprendem na convivência com as primeiras instituições que tiveram contato, como a família e a igreja. Essa é a essência da Educação Infantil, uma pessoa em desenvolvimento, aprendendo por meio das interações com pais, familiares, professores, colegas e comunidade.

É durante esse primeiro contato com o diferente, com o novo, que educamos para serem cidadãos que saibam fazer suas escolhas de acordo com o que verdadeiramente lhe agradam e saibam conviver com as escolhas que os outros fazem, não julgando a ação e a capacidade dos outros de forma sexista.

É oportuno, neste momento da carta, escrever o que você, Paulo, fala: de que a criança não deve ser simplesmente o objeto da história e sim o sujeito co-participante. Entende-se que a escola não tem o poder de mudar a sociedade, mas pode contribuir à reconstrução da mesma.

Nesta lógica, compreendo que o ambiente educativo escolar deveria proporcionar espaço para o pensamento, para o que não é dito, para a construção de contraculturas, culturas pessoais e comunitárias, para fazer perguntas e saber encontrar respostas nos processos dinâmicos de construção coletiva do conhecimento. É preciso mostrar a boniteza da vida para as crianças.

Concordo com você Freire, quando expõem a necessidade de uma educação que seja e que forme sujeitos críticos, que se desafiem a transformar a realidade onde vivem, que estejam comprometidos com a transformação da realidade de vida dos homens e do planeta. As salas de aula necessitam de educadores (as) reflexivos, o educador (a) deve estar atento às falas e atitudes sexistas no contexto escolar, ele deve propor atividades que vise à construção da igualdade de gênero, diálogos com os educandos.

Você, Paulo, em todo o tempo que escrevestes foi sempre muito crítico com você mesmo, e disse: “me resignifique”, por isso, ilustro nosso diálogo com os escritos de Saviani que diz que, “a educação sistematizada é uma ação planejada, que se busca intencionalmente alcançar um determinado fim. Logo a ação planejada do professor deve ocorrer para construir um espaço de reflexão dos educandos sobre a igualdade de gênero. Atividades onde os educandos se sintam

livres para verbalizar e demonstrar seus anseios quanto aos gêneros, tornando a sala de aula um espaço que supere a discriminação, que seja baseado em uma educação para os direitos humanos tolerantes à diversidade e reprodutor da igualdade de gêneros”.

Para finalizar a carta, concluo escrevendo que devemos mostrar aos nossos educandos desde a educação infantil, que o diferente não é sinônimo de errado, que as diferenças são benéficas e devemos respeitar a todos. Educar vai além de ensinar letras e números, é educar para a cidadania. Educar em e para os direitos é ensinar o respeito à diversidade e a participação ativa em busca dos direitos que acha necessário para a melhora da sociedade.

É necessário um trabalho conjunto para educar, a ação de educar nossas crianças não é tarefa apenas da escola, pois sabemos que não é o único lugar que aprendemos, aprendemos no cotidiano e nas diversas instituições que frequentamos: família, igreja e outros.

Abordar e discutir questões relativas ao gênero dentro do âmbito da educação escolar formal de maneira interdisciplinar é de extrema relevância, uma vez que tais questões podem perpassar por diversas áreas do conhecimento. Portanto, a interdisciplinaridade se faz imprescindível desde a Educação Infantil; é possível estabelecer diálogo entre os seus diversos eixos. Considerar os eixos da educação escolar formal, não como compartimentos ou conhecimentos independentes um do outro, mas como saberes que interagem entre si e que possibilitem que cada um possa enriquecer-se cada vez mais.

Desculpe-me, Paulo, por me prolongar, mas a admiração por você é muito grande.

Coronel Freitas, 07 de dezembro de 2017

Síntese do Texto

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo



Marta Zanette. *Ensinando e aprendendo*. Aquarela s/ canson. 29,7x42cm. 2017.
Foto: Amália Candiotto.

Carta do maravilhamento

Silvana Teresinha Bernieri

Caro Paulo Freire,

É com muito gosto, alegria, esperança e maravilhamento que inicio esta carta. Escrevo para reportar que, desde que entrei em contato com seus diálogos, Paulo Freire, nunca mais consegui ser a mesma, pois a cada dia que vivo, vivo para que seja um dia em que dou o melhor de mim como educadora, bem como vivo para ser mais utópica e crítica em relação à cultura e a civilização em que estamos vivendo.

Com o meu maravilhamento pela vida, mesmo vendo, convivendo e vivenciando um contexto “global” com tantas situações indignantes e injustas de saque dos bens comuns da humanidade, bens esses que todos, indistintamente, deveriam ter acesso, é que me percebo como um ser único. Falo dessa singularidade não de forma a privilegiar a individualidade, mas, como um ser único que, em minha experiência, sou capaz de me indignar e de reconhecer-me incompleta.

Justamente por me compreender inacabada, Paulo, visto que, em qualquer situação da vida eu ensino, aprendo, ensino e aprendo novamente, mesmo quando “quebro” meu coração diante das injustiças do mundo e, mesmo sem intenção, diante das próprias injustiças realizadas por mim, contra mim, contra a mãe-terra e contra as demais pessoas, é que tenho a coragem de me levantar. Coragem, como quero significar aqui, meu caro amigo, não é cunhada como o ser de uma heroína que se subtrai ao medo, mas sim como o atributo de

alguém capaz de enfrentar a dor dos percalços e continuar maravilhada com a vida.

Sentir-se maravilhada é esperar, é abrir-se ao incerto esperando pela mudança. Aliás, amigo, percebi que a mudança, que tem em seu ser o esperar, é o pressuposto de toda vida. Tal como uma flor que, a partir da semente (que é pura utopia), germina e transforma a paisagem do mundo vivido, o maravilhamento, que me fizestes experimentar, é o ápice de um esperar que, mesmo parecendo utópico, capacita a “apreender e ressignificar” uma nova realidade.

Aprendi e continuarei aprendendo com você Paulo, tal e qual com meus mestres do agora, por vias do diálogo contínuo com teus escritos, que não há um único mundo possível, mas sim há mundos possíveis desde que, humanos que nós nos pronunciamos ser, nos abrimos para o diálogo com esses mundos possíveis de justiça. Um mundo de justiça é um mundo produtivo e sustentável, um mundo fraterno e cheio de sororidade, bem como igual na diferença, pois do contrário, quanto mais fechados, quanto mais escuras forem nossas vendas, menos humanos somos e seremos, menos teremos a chance de termos um mundo, um planeta sustentável, vivo e vivível – em toda sua complexidade –, não é mesmo?

Quero lembrar um pensamento seu, amigo, que continuamente tem sido pronunciado pelo caro professor Moacir Gadotti.

[...] urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos fundamentais como o respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das floretas. Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornarmos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem que estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador [...]. Neste sentido me parece uma contradição lamentável fazer um discurso progressista, revolucionário e ter uma prática negadora da vida. Prática poluidora do mar, das águas, dos campos, devastadora das matas. Destruidora das árvores, ameaçadas, dos animais e das aves (FREIRE, 2000, p. 66-67).

Em vista disso, caro amigo, percebo que os movimentos sociais-políticos e ambientais são momentos interseccionados da existência. Aprender, ensinar e educar é, levando em consideração as suas palavras, lutar pela vida, lutar por dias melhores, bem como lutar pela possibilidade de ressignificar símbolos excludentes e humilhantes. Nessa lógica, aprendi com você Paulo Freire, a importância de ressignificar, de me ressignificar e de ressignificar as suas próprias palavras em e para uma hermenêutica do bem-viver. Não basta pensar no oprimido sem contextualizá-lo, não é mesmo? Não sei se concordará comigo, mas, entendo que é preciso pensar no oprimido na sua relação social, bem como na sua relação natural com a natureza não humana. Acredito que não era outra a sua intenção nos escritos inacabados, que levavam o nome de Pedagogia da Terra. É nessa seara, caro leitor, que aprendi e fico maravilhada com seu ser, especialmente quando nos ensina que nenhuma teoria é definitiva, que as leituras sobre o que escrevestes não devem ser dogmatizadas, nem seguidas ao pé da letra e fora do contexto. Penso, caro Paulo, ficaria muito entristecido em saber que, na atualidade, alguns acadêmicos o endeusam, portam-se como seus seguidores, como discípulos e distribuidores da “boa nova”. Lembrei-me disso e me senti à vontade para proferir esta crítica, pois sei que, em diversas passagens dos seus escritos, você faz críticas a si mesmo e percebe a incompletude de suas palavras.

Lembro-te que, há mais de 20 anos, já percebia a necessidade de diálogos mais profundos e imediatos com relação a experiência de nos considerarmos cidadãos defensores da terra e de todos os seres que habitam nela. Já escrevi acima, mas, acredito ser importante ressaltar, que não pode existir um único modo de produção e reprodução da nossa existência, pois, somos diversos, plurais e diferentes, assim como é plural o planeta terra. Não achas, Paulo? Se estivesse conosco fisicamente, por toda sua sensibilidade e rigorosidade cientí-

fica, creio que iria se questionar, bem como nos questionar sobre a educação do nosso tempo, fazendo no mínimo duas perguntas: O que estamos estudando nas escolas? Por que nos dias atuais estamos vivenciando a degradação do planeta terra e dos seres humanos?

Tais perguntas quando refletidas pela óptica da educação crítica, educação, que sem dúvida, fostes um dos primeiros a pensar, deixa transparecer a intencionalidade, assim como a dependência, do sistema capitalista de produção em manter vigente e velada opressão sofrida por nós e pelo planeta terra. Essa lógica, busca, em minha simples visão, unicamente explorar até a exaustão a vida do mundo, unicamente para lucrar. Silenciar a vida para nos roubar a vida, é isso que “eles” querem.

Diante dessa perspectiva, percebo uma “guerra” que favorece a história do vencedor, que degrada a mãe terra, os seres vivos que nela habitam, produzindo assim relações humanas degradadas e degradantes. Destarte, meu caro confidente e mestre, percebo que as aprendizagens e produções de saberes necessitam dialogar entre si, seja pela participação social em movimentos e ações coletivas, seja por ações ecológicas, sociais, sindicais, sócios ambientais e produções de saberes nos espaços educativos.

Interagindo e dialogando com você, Paulo Freire, nas aulas da Cátedra, na Unochapecó, que aconteceram no 2º semestre de 2017, percebi que sempre estive muito atento a essa discussão, pois sempre disseste que não basta só preservar as florestas, os rios, os mares, as aves, os animais, despoluir os rios, entre outras coisas, mas é preciso que vivamos em nosso cotidiano, em nossos espaços mais próximos, de forma sustentável, socialmente comprometida com a realidade contemporânea, que haja mais empregos, saúde, educação e segurança. Enfim, uma vida mais feliz e justa pra todos. Como você já deve saber, estamos passando, nesses dias, por uma profunda crise civilizatória de valores, na qual, enquanto educação, entendo que preci-

samos conceber uma ciência e uma cultura que assumam o dever de lutar pelos princípios éticos, que respeitem a vida de todos os seres vivos em oposição a uma civilização colonizadora.

Percebendo-nos como seres humanos históricos e sociais, com capacidade de nos construirmos enquanto sujeitos da história e produzimos cultura, apreendo do diálogo com você, Freire, que, enquanto educadores devemos, diante de uma crise ressignificar nossas propostas educativas, buscando novas alternativas, sempre com a tarefa de desafiar o educando, alcançar-lhe outras possibilidades, por intermédio de um dos nossos maiores bens, isto é, de intercomunicação dialógica. Essa ideia que concebestes, pra mim, é central, porque envolve um movimento dinâmico e dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer, interpretando o “mundo planetário, global, mundial”. Isso é de suma importância na atualidade, visto que estamos, como já comentei nas linhas anteriores, vivendo uma crise ambiental, uma crise econômica e política - sendo que não podemos ignorar o risco em que a civilização esta vivendo hoje.

Linha por linha, ponto por ponto, fui costurando, se repares bem, a mesma é uma diferente ideia. É assim que me sinto tranquila em afirmar que não há tempo para ser menos, não podemos ser menos. Na vida, enquanto vida que precisa e merece ser vivida, é preciso ser mais, precisamos ser mais, caro amigo, porque eu tenho, assim como você, e como já escreveu, a chance em nossas mãos, de no coletivo com o compromisso ético, optarmos pelo desenvolvimento de propostas que tenham como base a participação social, pelo protagonismo da sociedade civil, vontade política organizada, com o intuito de buscarmos uma vida mais sustentável, para tirar o planeta da arriscada exaustão, do esgotamento dos recursos naturais, da cruel diferença entre ricos e pobres, do extermínio dos povos, da exploração, da extinção das diversas espécies de vida, da degradação do planeta

terra, que vieram se delineando a partir de uma civilização colonizadora.

Essa civilização clássica, colonizadora, hegemônica e por fim neoliberal, que ainda estamos vivendo no Brasil e na América Latina, continua sendo antropocêntrica, vista sob o ponto de vista de um modelo de humanidade que é manipulável e que o agir é uma reprodução das ideologias capitalistas que vai inculcando nas gerações os mitos estruturantes de uma civilização perversa, do extermínio, da guerra, que promovem a competitividade ao invés de tornar os seres humanos mais solidários e mais compreensivos, bem como respeitoso com todas as espécies de vida do planeta. Imagine que essas notícias não vão lhe causar muita surpresa.

Sem me delongar em detalhes, preciso escrever um pouco sobre a formação do docente para este novo milênio. Sinto que é urgente e emergente, estimado amigo, a necessidade de ressignificarmos a nossa prática educativa, tal e qual são necessárias transformações significativas em nossos sistema escolar. O contexto educacional atual, caro Freire, exige-nos práticas competentes e atualizadas, pois, o reflexo das mudanças sociais, ambientais, políticas e econômicas se encontram no contexto da educação formal e é nesse espaço que o (a) educador (a) serve de referência, influenciando na formação de opinião de seus/suas educandos (as).

Assim, não sei se concorda comigo, Paulo, mas acredito ser imprescindível que os (as) educadores (as) contemporâneos se preocupem com a qualidade de sua formação, com a qualidade da produção dos saberes para este novo e conturbado milênio, pois, esta crise civilizatória que estamos vivendo requer maior engajamento e diferenciadas percepções de ensino, motivo pelo qual os educadores(as) devem perceber a importância de avaliar criticamente e continuamente suas práticas, dedicando-se mais à pesquisa.

Entendo, caríssimo, ser necessário que o educador se prepare de forma crítica e consciente, estimule seu/sua educando (a) a construir sua autonomia, desenvolvendo a capacidade criativa e crítica, identificando a partir de seu contexto social, político, econômico, histórico, ambiental, estratégias exequíveis para o enfrentamento dos desafios diários, pois, somente assim poderemos encontrar maneiras de intervir na realidade vivida e, nela, promover transformações justas do bem viver. Por mais que a educação seja permeada por aspectos ideológicos dominadores, esses aspectos não podem ser superiores à ação educativa, desde que o (a) educador (a) se envolva e esteja ciente de seu papel social e político. Não é mesmo? Lembro, quando tocou neste assunto, do nosso estimado amigo Moacir Gadotti, no curso *online* do Instituto Paulo Freire, ele comenta que:

[...] A ideologia não consegue dominar inteiramente o ato educativo; sempre fica um espaço livre. E é justamente esse canteiro que deve ser cultivado, esse espaço livre que o educador deve alargar. Mesmo numa educação de dominação, guiada por uma pedagogia opressiva, o educador ainda tem a chance de plantar neste espaço a semente da libertação”.

Paulo, compreendo que os espaços vazios deixados pelas ideologias dominadoras somente poderão ser preenchidos pela educação emancipadora e transformadora se os (as) educadores (as) buscarem a qualificação, a ressignificação de sua práxis pedagógica e se mostrarem dispostos (as) a transcender alguns paradigmas educacionais que não contribuem com a transformação, mas sim contribuem com a degradação humana e do planeta. Devo dizer a você, estimado Paulo Freire, que faz-se necessário perceber assim a complexidade do ato educativo em função da multiplicidade de fatores existentes nele.

Finalizo esta carta escrita a você, caro amigo, não como uma seguidora fiel e dogmática de seus escritos, mas como uma pessoa, uma educadora e comunicadora de rádio, que se encanta pelo maravilha-

mento da vida. Esse maravilhamento exposto em seu semblante que transfiro ao meu, me faz perceber que a sua pedagogia, que agora chamamos de Freiriana, é dialógica, dialética e não mecânica. De mais a mais, me faz entender que a educação exposta sob o signo da pedagogia não é apenas uma ciência, mas sim uma pedagogia que lida com a subjetividade humana e com a intersubjetividade, isto é, com o intercâmbio de saberes e de conhecimentos que nos permitem pensar, assim como nos capacita à consciência crítica, acreditando em uma proposta de educação sustentável que viabiliza para os sujeitos a ação reflexiva seguida de uma práxis conscientizadora.

Paulo, desculpe-me por me prolongar. Entretanto, são muitas as coisas que tinha a dizer, assim como é enorme a saudade e a admiração por você.

Coronel Freitas, 07 de dezembro de 2017

Síntese do Texto

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo



Silvana Teresinha Bernieri. *Dizer a sua palavra, a vida.*
Aquarela s/ canson. 42x29,7cm. 2017.
Foto: Amália Candiotto.

Relato da atividade da Cátedra Paulo Freire na FAMA: “vinte anos sem Paulo Freire”

Claudemir Stanqueviski

A educação nos proporciona momentos únicos em seus mais variados processos. Ela ocorre em distintos locais e situações e por vezes, nos faz a todos melhores. O relato que nos propomos agora é um desses momentos, que por sua intensidade e condições ecoou profundamente em todos os atores partícipes dessa experiência educacional vivida.

Por ocasião da Cátedra Paulo Freire, criada pelo professor Ivo Dickmann na Universidade Comunitária da Região de Chapecó, no Oeste Catarinense, procuramos desenvolver atividades que levassem o espírito e intenção do trabalho catedrático a distintos grupos. Assim, por conta da II Semana dos Acadêmicos do Curso de Pedagogia, na Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente, FAMA, em Clevelândia no Sudoeste do Paraná, onde trabalhamos com a disciplina de Filosofia da Educação, tivemos o espaço e a oportunidade de levar a palavra de Paulo Freire, no dia 21 de novembro de 2017.

Precisamos lembrar que nossa Cátedra tem por objetivos disseminar e difundir a vida e a obra de Paulo Freire, de forma didática e dialogada com a sociedade. Temos como marco para a Cátedra Paulo Freire da Unochapecó o fato dela se constituir também como uma disciplina do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação.

1. Contextualização

A Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente é uma instituição pública gratuita, mantida pelo município e pelos *royalties* vindos do ICMS ecológico. Encontramos com um grupo de aproximadamente 150 pessoas no auditório da Câmara Municipal de Vereadores de Clevelândia, município localizado no Sudoeste do Paraná. Os/as estudantes, na sua grande maioria, estavam começando os estudos de Pedagogia e tendo os primeiros contatos com a Pedagogia freiriana, propriamente dita. Todos e todas ansiosos por receber um grupo de catedráticos que vem se dedicando em grande escala ao estudo e discussão sobre os conhecimentos gerados por Paulo Freire. É necessário dizer também da precariedade das condições sociais que a maioria dos acadêmicos e acadêmicas vivem no município de Clevelândia, sendo que a grande maioria deles dividem seus estudos noturnos com o trabalho diurno, inclusive em cidades vizinhas, como o caso de Mariópolis, também no Paraná e no município limero de Abelardo Luz, já no estado de Santa Catarina, na maioria na própria educação como ajudantes de sala de aula ou em outras atividades administrativas. Igualmente urgente dizer que o município onde se encontra a referida IES é um dos municípios com menor índice de desenvolvimento humano (IDH) do estado do Paraná, classificado como “muito baixo”⁸, sendo que a IES só se sustenta pelo financiamento do ICMS ecológico, criado nos anos de 1990 neste mesmo Estado do Paraná, como forma de devolver aos cidadãos os serviços prestados em relação ao meio ambiente⁹, no formato de educação pública. Tal realidade faz com que a receptividade de todos e todas se faça numa grande ânsia por ouvir pessoas de grande significação no

⁸ Fonte: www.deepask.com. (VILLELA 2015)

⁹ Para maiores informações sobre o ICMS-e, acessar a página da internet www.icmsecologico.org.br

cenário acadêmico regional e até nacional, falando sobre um educador que buscou na população menos favorecida o incentivo para pensar a educação e criar toda uma Pedagogia Libertadora.

Estivemos presentes, o Professor Ivo Dickmann, a Professora Gina Zanini, a Professora Cleide Neumann Feil e este relator Professor Claudemir Stanqueviski. Abrimos os trabalhos com a apresentação do grupo catedrático, e já na sequência com a palestra do líder da Cátedra, Professor Ivo que, com grande conhecimento e domínio de grandes grupos, conduziu uma fala leve de vivências e incentivos a todos e todas. Em seguida a professora Gina Zanini e a professora Cleide complementaram, juntamente com nosso fechamento do trabalho. Foram quatro horas de profundo diálogo e sinergias entre todos, permeado pelo assunto principal, a marcante Pedagogia de Paulo Freire.

As situações particulares que se seguiram não poderão ser expressas aqui pela limitação que encontramos no âmbito da escrita e da narrativa, mas podemos afirmar, como educador da instituição em evidência, que todos e todas foram atingidos por esse momento de reflexão e troca de conhecimento. As ações dirigidas para se conseguir uma determinada resposta para esse momento foram da ordem de cartas, cartazes e até um jogral que refletem a forma como o trabalho teve ressonância na vida dos acadêmicos e acadêmicas.

As percepções, interpretações e intenções dos diferentes sujeitos que fizeram parte do processo são de ordem pessoal, mas os resultados esperados e inesperados que foram surgindo mereceram um momento de síntese nesse relato de experiências. As relações que tiveram início nesse encontro, entre os participantes, ecoam em forma de um maior entusiasmo pelo estudo da Pedagogia. Como nos diz Oscar Jara Holliday (2006, p. 21): “São processos particulares que fazem parte de uma prática social e histórica mais geral igualmente dinâmica, complexa e contraditória.” É, portanto, um momento edu-

cacional que extrapola as salas de aula e se torna uma experiência viva, sanguínea, de riquezas incalculáveis, pois carregam o inédito em cada uma de seus participantes. “É por isso que é tão apaixonante a tarefa de compreendê-las, extrair seus ensinamentos e comunicá-los.” (op cit. p. 21).

O princípio que nos coloca na aproximação do relato da experiência vivida a partir do que a própria riqueza das experiências pede que se faça: para melhor entendê-la e para nos apropriar da experiência vivida e dar conta dela, faz-se vital relatá-la, como forma de perpetuá-la aqui como um momento de crescimento. Uma forma de prestar contas das experiências vividas. Essa prestação é primeiramente para nós mesmos, integrantes do momento vivido, como um marco pessoal do que criamos e também para a comunidade, para que as memórias sejam refrescadas e permaneçam vivas as intensas relações criadas por meio da atividade desempenhada.

2. O ponto de partida.

A experiência vivida pelos catedráticos freirianos que buscaram dividir os conhecimentos que possuem com os acadêmicos de Pedagogia da Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente é o motivo para fazermos o relato que se apresenta. Nossa atividade foi desenvolvida ao longo de quatro horas num auditório lotado, onde todos e todas participaram desde às 19h até o seu término, às 23h, do dia 20 de novembro de 2017. Ter feito parte deste momento educacional nos habilita a fazer este relato.

Essa atividade marcou, além do início da semana de Pedagogia da FAMA, importante contato desta nascente IES, pois se encontra com apenas três anos de funcionamento sob a tutela do poder público, com outra, já fixada e renomada na região Oeste de Santa Catarina, a Unochapecó.

Nossos registros deste momento se encontram fixados na memória de cada um dos participantes deste encontro e foram devidamente expressos em forma de cartas e cartazes que iremos apresentar a seguir.

3. O trabalho.

Nosso objetivo foi o de atingir aos/as estudantes de Pedagogia, levando nossa experiência e contato com a Pedagogia Freiriana. Para isso, nos utilizamos de palestra e de conhecimentos de quatro membros da Cátedra Paulo Freire, da Unochapecó, em exposição dialogada.

Sistematizamos e apresentamos um conteúdo voltado para o conhecimento freiriano, começando com o professor Ivo Dickman com sua experiência de trabalhos com a educação e especialmente com a educação e formação popular. Transmitiu um pensamento freiriano com vistas à transformação da sociedade, problematizando a partir da observação do contexto que educadores encontram. Situou o pensador na história do pensamento brasileiro e mundial e despertou nos ouvintes a curiosidade por conhecer e querer saber mais sobre o pensamento e a práxis freiriana. Uma práxis, que por não se encontrar dissociada da realidade, se torna política-pedagógica.

Queremos trazer à discussão o engajamento de todos os participantes do momento. A professora mestranda Gina, especialista na área de Artes, chamou a atenção de todos e todas para sua pesquisa no artista local de sua cidade Chapecó, sendo fiel a que Paulo Freire dizia, “Quanto mais enraizado na minha localidade, tanto mais possibilidades tenho de me espriar, me mundializar”. (FREIRE, 2006, p. 25). Assim situada, a professora trouxe para compartilhar conosco sua obra sobre a artista Dalme Marie Grandó Rauen, que dá nome à Galeria Municipal de Arte de Chapecó, em Santa Catarina. Tamanha sua generosidade, sorteou entre os participantes da palestra dez li-

vros de sua autoria, intitulados: “Do Princípio: Dalme Marie Grando Rauen”.

A professora mestranda Cleide Neumann Feil, trouxe sua leitura freiriana bastante unida à sua trajetória de vida. Momentos de grande dificuldade que exigiram muita superação e a tornaram uma mulher forte, trabalhadora e comprometida com as causas educacionais, mas sem perder o carinho e a gentileza que marcam fortemente sua presença. Essa atitude de diálogo com que a professora colocou sua fala despertou a reflexão sobre a liberdade que, nas palavras de Freire (1987) a define como sendo “uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca”. (FREIRE, 1987, p. 34). Encorajou a todos e todas a continuarem essa busca da liberdade e autonomia por meio da construção de conhecimento.

4. O que vivemos.

Com um processo dialogado e aberto, fomos construindo todos nós as falas que constituíram esse encontro de almas ansiosas por descobrir temas novos. Tais temas foram, como Paulo Freire (1987) nos ensina, **geradores**, pois “contém em si a possibilidade de desdobrar-se em outros tantos temas que, por sua vez, provocam novas tarefas que devem ser cumpridas” (FREIRE, 1987, p. 93). E assim fizeram, gerando questionamentos e perguntas que se multiplicaram pelos nossos encontros subsequentes na disciplina de Filosofia da Educação.

Finalmente, nos aparece como justo relatar que houve uma conscientização do papel que todos e todas exercem como fundantes de suas próprias realidades, perpassando, conforme nos ensina Freire (1987), por dois momentos distintos:

O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que transformada a realidade opressora, esta pedagogia

deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia de homens em processo de permanente libertação. (FREIRE 1987, p. 41)

Esse movimento que podemos perceber, colocou educadores e educandos/educandas num contato de reflexão que gera alteração de suas realidades. Refletimos a práxis educativa, segundo a visão libertadora e comprometida de Paulo Freire, que torna a educação como um instrumento de libertação ao invés de domesticação, que emancipa os indivíduos. Esse momento de formação foi muito maior do que a apresentação de conteúdos numa aula foi uma “produção intersubjetiva deste (o conhecimento) na relação uns e outros (educadores e educandos)”. (DICKMANN; DICKMANN, 2019, p. 23), movimento que encontramos na criação dialógica de sujeitos comprometidos com a formação de conhecimento.

5. Os pontos de chegada.

Finalmente, queremos concluir com a certeza de que a esperança foi restituída, ou talvez criada, nos acadêmicos e acadêmicos da FAMA, bem como na desses educadores que se dispuseram a dialogar neste momento. A ação dialética não exclui nenhuma das partes envolvidas no momento de apreciação do conhecimento, tocando a todos e todas.

A esperança de ver uma educação feita nos princípios éticos, que surte a condição necessária para continuar a acreditar que podemos melhorar e **sermos mais**. Que não nos deixa acomodar em uma situação de apatia diante das dificuldades, mas antes, nos ensina que, devemos agir, com coragem e altivez na busca de melhorarmos.

Referências

DICKMANN, Ivo; DICKMANN, Ivanio. *Primeiras palavras em Paulo Freire*. 3 ed. Chapecó: Livrologia, 2019.

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'água, 2006.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOLLIDAY, Oscar Jara. *Para sistematizar experiências*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006.

VILLELA, Guy Bernardo. *www.deepask.com*. 15 de Jan de 2015. <http://www.deepask.com/goes?page=clevelandia/PR-Veja-o-IDH-Municipal--indice-de-desenvolvimento-humano--do-seu-municipio> (acesso em 05 de Maio de 2018).

Síntese do Texto

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo



Dialogando com os acadêmicos da FAMA.
Semana Acadêmica da Pedagogia, Clevelândia-PR. 2017.
Foto: Acervo pessoal.

Visita a Summerhill School: Leiston, Suffolk, Inglaterra

Harold Wentz Biasuz

Comecei a organizar a visita a Summerhill School, em março de 2017, quando entrei em contato através do e-mail da escola, solicitando maiores informações sobre uma possível visita. Fui informado na época pela funcionaria Lynn, em pronta resposta, que durante o ano são realizadas por volta de três dias de visita guiada da escola em meses distintos e que para estas visitas seria necessária a inscrição através de uma ficha e o preenchimento de alguns dados pessoais. Retornei o e-mail dizendo que gostaria de ir em outubro, pois seria um mês mais facilitado para a minha visita. Após a aprovação e aceite dos documentos preenchidos, comecei os preparativos para a viagem, pois envolveriam certos custos financeiros os quais deveria me organizar para tal.

No dia 17 de outubro de 2017, embarquei para Londres, na Inglaterra, para poder estar no dia 20 em Leiston, cidade onde está situada a Summerhill School. Esta cidade fica a 109 milhas ou 175 quilômetros de Londres, capital inglesa.

Logo cedo, no dia 20 de outubro, por volta das 5:45 hs da manhã, saí de Londres, de carro com um amigo e me dirigi a Leiston. O horário de visitação iniciava as 10:00 hs da manhã, mas em virtude do trânsito das rodovias, fui orientado a sair da cidade de Londres, bem cedo. Chegando numa das vias principais que me levariam ao condado de Suffolk, onde está localizada Leiston, devido à manutenção da pista, tivemos que fazer um desvio que prolongou nossa viagem em

40 minutos e acabamos por chegar a Leiston, com um atraso de 35 minutos.

Chegando à escola, logo estacionamos o veículo e meu amigo ficou me aguardando no carro. Fiquei um pouco preocupado, pois viajar de tão longe com dois dias de antecedência para não estar atrasado para o tão aguardado dia, me deixou um pouco desconfortável chegar com atraso, mas infelizmente, imprevistos acontecem.

Dirigi-me logo para a entrada principal e lá estavam Henry, filho de Zoe Readhead e alguns alunos que logo me receberam, perguntaram de onde eu era, se estava ali para a visita e se eu vinha de Londres. Após as devidas introduções e saudações deixei a eles um livro de Neill em português para que eles guardassem na escola uma obra em português como uma lembrança das traduções já feitas. Henry me disse que um grupo já tinha iniciado a visita e no momento estavam em uma roda de perguntas com Zoe em uma sala. Mas que eu poderia visitar a escola normalmente. Assim, Anna, uma aluna espanhola de Summerhill de 15 anos, se ofereceu para fazer um *tour* comigo na escola.

Logo no início, Anna me perguntou o que eu conhecia sobre a escola e de onde partiu esse interesse em fazer a visita. Expliquei sobre os artigos que li e as obras de Neill que eu conhecia e, enquanto isso, caminhávamos pelo gramado em direção a um dos alojamentos de Summerhill. Logo entramos na parte frontal de um dos alojamentos, e me foi explicado por Anna quais alunos ali ficavam e que sempre havia um líder responsável. Esse alojamento é para maiores de 13 anos, mas que eles tinham um representante, inclusive um professor que ficaria lá como corresponsável. Não entramos nos quartos propriamente ditos, mas fomos até a entrada principal e ela brevemente me explicou como funcionavam as coisas por lá. Em seguida, fomos à outra casa ao lado, onde tinha uma na sala de jogos e informática, esta sala estava repleta de jogos, alguns de tabuleiro, outros de mon-

tar e também com alguns computadores com jogos digitais. Em outra sala, logo próxima, era uma espécie de estúdio de música, vi teclados e instrumentos de gravação. Mas no momento também não tinha alunos praticando ou gravando música naquela sala. Na sala seguinte, já em outra estrutura, estava a sala de línguas, onde estavam inclusive um professor de idiomas; nesta sala particularmente, não pude entrar para ver, pois uma aula estava sendo realizada, apenas pude ver da porta que tinham algumas mesas e livros sobre elas.

Anna continuou me mostrando outro espaço, o espaço de marcenaria. Logo que entrei, fui saudado pelo professor responsável que estava com 4 estudantes. Neste espaço o próprio professor me mostrou onde estavam todos os materiais como madeiras, pregos e outros utensílios utilizados na oficina e me mostrou algo que me chamou atenção, o espaço de uma forja. Sim, uma forja, em um espaço mais restrito nesta sala, tinha um forno para metais, dizia o professor, que esta é uma aula 101 (*one on one*), que quer dizer que é o tipo de aula individual, pois demanda atenção especial e tem certo perigo seu manuseio. Agradei por terem me recebido e logo passamos para a sala de artes, agora já dentro da casa principal. A sala de artes estava repleta de pinturas em papel com desenhos diversos, coladas nas paredes, algumas mesas de canto com tintas e pinceis estavam apoiadas, mas no momento nenhum aluno estava ali. Em outra sala, logo próximo era outro espaço de música, vi um piano de cauda, teclados e instrumentos de sopro e corda. Mas no momento também não tinha alunos praticando música naquela sala.

Passamos para a cozinha e logo ao lado um refeitório com três mesas compridas. Na cozinha, estavam cozinheiras preparando o almoço. Notei que tinham inclusive receitas e tabelas coladas na parede com nomes de alunos que ajudariam em certos momentos e com propostas de aulas de culinária por professores e funcionários dedicados a este espaço.

Depois de Anna me mostrar estes locais, ela me relatou que eu deveria me juntar aos demais do grupo, pois uma reunião ou sessão de perguntas e respostas estava em andamento com a Zoe Readhead, filha de Neill e os demais visitantes. Ela me levou até o salão principal, onde me encontrei com outros nove visitantes, alguns inclusive de outros países que estavam ali. Peguei o momento já em seu encerramento, me sentei junto a eles, os saudei, e estavam Henry e Zoe Readhead bem em frente do salão, respondendo as perguntas. Algumas perguntas que pude acompanhar eram sobre se a escola estava com dificuldades financeiras e se Henry iria dar continuidade na escola no futuro. Depois de Zoe e Henry, responderem as perguntas, eles nos orientaram que iriam almoçar e que poderíamos almoçar na cidade e retornaríamos as 13:30 hs, para que as 14:00 hs participássemos de uma assembleia.

Junto com o meu amigo que me levou a Leiston, compramos sanduiches ali próximo em uma cafeteria e aproveitei para conhecer a parte externa de uma usina nuclear, que fica em Leiston e em seguida retornei a escola. Logo me encontrei com outros estudantes e conversamos um pouco antes de retornarmos a programação. Ficamos em frente ao acesso principal da casa central aguardando a chamada de Henry, para que pudéssemos entrar no salão de entrada, onde seria realizada a assembleia. Neste momento, algumas crianças abanavam das janelas superiores da casa para nós que estávamos ali em frente, retribui acenando de volta. Chuviscava um pouco e as folhas nas paredes da casa começavam a ficar em tom avermelhado devido ao frio, a casa em estilo vitoriano onde fica Summerhill é realmente muito bonita.

Henry junto a outro professor titular, logo fizeram o chamado para que pudéssemos entrar e participar da assembleia. Fomos orientados que estaríamos presentes na assembleia apenas como ouvintes, e que não deveríamos em hipótese nenhuma fazer perguntas e/ou

questionamentos durante a assembleia em curso. Fiquei em um canto da sala, logo ao lado da porta.

A guia da reunião que coordenaria as perguntas, era uma garota de aproximadamente 15-16 anos. Ela chamou a atenção de todos que a reunião iria começar e os assuntos já separados para serem abordados iriam ser “colocados em mesa”. Com calma, ela chamou o nome daqueles que se inscreveram no quadro para participar da reunião que tinham questões a propor ou questionar os demais colegas que convivem em Summerhill. Um deles fez uma colocação sobre o desejo de passar um final de semana próximo em sua casa com seus pais, pois fazia algum tempo que ele não saía da escola. E lhe foi concedido, a partir de voto unanimemente favorável. Um outro menino, falou sobre certa desordem em ambiente de convivência comum, em um dos corredores, fez apontamentos e disse que alguns colegas não estavam respeitando as suas coisas, pois tinha notado que tinham mexido em algumas delas. Foi questionado pela coordenadora sobre quais coisas eram e se sabia quem tinha sido, disse que não sabia, e pediu para que não mais mexessem nelas. Em outro momento, um professor falou sobre o cardápio das jantãs e sugeriu algumas mudanças. Em seguida, foram abordadas outras questões pertinentes às quais não compreendi bem, mas que geraram certa participação de outros estudantes, o inglês falado era bastante rápido. Foi perguntado se existia outra questão a ser abordada, mas nada foi apontado pelos demais. Logo a assembleia se encerrou e foi feito um agradecimento pela presença de todos. A assembleia teve duração de 35 minutos aproximadamente.

Henry nos levou para o centro externo da escola e agradeceu a presença de todos, pediu se mais algum de nós tinha alguma pergunta. Uma visitante perguntou sobre a frequência e/ou obrigatoriedade das assembleias e Henry disse que é uma das regras da casa, a participação de todos e que ela é realizada de duas a três vezes por sema-

na. Em seguida ele agradeceu pela visita de todos. Na saída, pedi seu autógrafo e perguntei sobre a Zoe, mas ele me disse que ela foi logo em seguida para casa pois não estava bem naquela tarde.

Fui até a secretaria e fiz uma pequena doação à escola e conversei com alguns visitantes professores ingleses. Na sequência, agradei pela recepção e acolhida de todos e retornei a Londres, com a sensação de um desejo realizado. Apenas fiquei sentido de não ter conseguido o autógrafo de Zoe, pois contei que ela estaria por mais tempo a tarde e não quis abordá-la pela manhã.

É difícil descrever a emoção de visitar a escola que representa não apenas um bastião da liberdade dentro das práticas educativas, mas um farol no escuro que guia uma embarcação em um porto neste navegar de possibilidades, pois pude perceber que é real, e está em pleno funcionamento. Naturalmente até quando, não se sabe, os problemas para a manutenção da escola existem e os desafios da mesma forma se renovam. Mas concluo que foi de extrema satisfação estar ali, presenciar aquele momento, viver aquele instante, afinal constatei que Sumerhill existe.

Síntese do Texto

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo



Harold Wentz Biasuz. *Summerhill School*. 2017.

Foto: Acervo pessoal.

Pedagogia da amorosidade: entrevista com Nita Freire¹⁰

Juliana Aparecida Giongo

Ivo Dickmann

01 – Seu nome é Ana Maria Araújo Freire. De onde vem o carinhoso apelido “Nita”?

R: (risos) É porque eu nasci muito pequenininha e minha madrinha, que é uma prima minha, dizia: “Ana Maria é um nome grande demais pra essa coisinha tão pequena. Vai ser Aninha”. Depois ela viu que Aninha também era grande, ficou Anita, mas ainda não era o ideal. Até que chegaram em Nita. Então, desde que eu nasci eu tenho esse apelido. O engraçado é que só as pessoas da minha família me chamavam de Nita. Mas como Paulo começou a me chamar de Nita no mundo todo, então, hoje eu sou mais conhecida por Nita do que por Ana Maria, que é meu nome oficial, verdadeiro.

02 - A Senhora escreveu no livro “Nós Dois” que Paulo era muito melhor como companheiro do que como educador e escritor. Pode nos contar um pouco mais sobre isso?

R: Com isso eu fiz um baita elogio a ele como homem. Realmente Paulo foi uma pessoa grande, generosa em tudo que ele fez. Paulo distribuiu seus escritos pelo mundo todo. Hoje fica difícil reunir esses manuscritos, poucos eu consegui. Paulo era generoso quando falava,

¹⁰ Entrevista realizada via Skype no dia 21/11/2017 na sala de videoconferência da Unochapecó, Bloco G3, às 10h.

foi um bom professor, um bom amigo. Como marido ele foi extremamente carinhoso comigo, então eu dizia: “Paulo, você como meu companheiro, como meu amante, é muito melhor do que como escritor”. E ele achava isso maravilhoso! Ele se iluminava quando eu dizia isso. É que Paulo fazia muito mais questão de ‘ser’ do que de ‘produzir’. O ser que ele foi... (pausa reflexiva). Então, fazer um elogio desse tamanho o deixava muito radiante, muito radiante mesmo. Uma vez eu disse isso para umas meninas em Mogi das Cruzes e elas ficaram invejando (risos). Invejando, digamos assim, essa minha capacidade de ceder também. Eu acho que tem muitas mulheres, senão a maioria, que não sabem receber o que os homens ofertam. Por exemplo, o meu nome. Eu já tinha sido ‘Ana Maria de Albuquerque Araújo’, depois passei a assinar ‘Araújo Rascher’, e o Paulo dizia: “mas você não tem o MEU nome”. Mesmo eu argumentando que já tinha mudado de nome tantas vezes, ele me assegurava que fazia questão de me dar o nome dele. Aí eu entendi o quanto é importante saber dar e saber receber. Foi aí que recebi o sobrenome ‘Freire’ de Paulo. Ele fez questão que eu aceitasse e eu acho que isso foi muito bom pra minha vida, especialmente depois que ele faleceu, por inúmeros motivos.

03 – Sobre as inúmeras viagens que vocês fizeram. Como era acompanhá-lo?

R: Você sabe de uma coisa? Fazia parte da sabedoria do Paulo. Eu fiz dezenas de viagens só para acompanhá-lo, mas ele nunca me colocou em uma situação de submissão ou de inferioridade. Essa era uma grande sabedoria de Paulo, saber colocar sua companheira, sua mulher, no mesmo nível que ele. Embora eu soubesse perfeitamente que eu não estava no mesmo nível dele (risos). Foi muito bom ter feito essas viagens com o Paulo. Algumas vezes eu falei, poucas vezes talvez, mas comecei a falar muito mesmo depois que ele faleceu. Eu passei a ser convidada a viajar o mundo todo, mas ter ficado ao lado

dele me fez aprender muito. Paulo nunca me deu lição em casa (risos). Ou eu aprendia ouvindo-o falar, ou lendo. Então foi muito, muito bom tê-lo acompanhado. Também porque eu tinha um cuidado especial com a saúde dele, principalmente. Desde que nós casamos em 1988, Paulo tinha uma saúde muito frágil. Quando a gente começou esse romance ele dizia: “Eu tenho dois motivos para não me casar. Um é por causa da idade e outro é que eu não vou viver muitos anos”. E eu dizia pra ele “vai sim, Paulo! Você gosta da vida, você ama a vida, e você trabalha muito. É muito criativo. E essas são as condições para que você se fortaleça e tenha vontade de viver mais”.

(eu vou beber um pouco d´água, já venho).

Olha, eu viajei muito com o Paulo, muito, muito, muito. Dentro do Brasil, na América Latina. Eu viajei muitas vezes para os Estados Unidos e para a Europa. Às vezes a gente ia, voltava, e quatorze dias depois já estava indo de novo. Eu cheguei a dizer: “Paulo, vamos ficar na Europa”. E ele dizia: “Não, Nita, nós nem temos dinheiro pra tanto, e eu tenho muito a fazer no Brasil”. Ele dizia que tinha obrigação de trabalhar pelo povo dele, pelas pessoas, pelos cidadãos e cidadãs do mundo. Ele se sentia convocado em contribuir em alguma coisa para o mundo ficar mais bonito, menos feio e menos anguloso, mais redondo, como ele mesmo falava. Fizemos muitas viagens, mas eram viagens de uma semana, dez dias, no máximo. Lembro uma vez que ele tinha compromisso em vários lugares, nós fomos para a Suíça, e depois fomos para a Alemanha onde ele trabalhou, e da Alemanha fomos para a República Tcheca. De lá fomos para Paris, onde Paulo julgava os projetos de alfabetização, os melhores do mundo, para a Unesco. Nessa viagem nós ficamos quase três semanas. Eu dirigindo o carro, já que Paulo nunca aprendeu a dirigir, e ele muito feliz. Aproveitamos muito. Vivemos muita coisa bonita. Paisagens lindas.

Paulo dizia: “Eu amo esses países todos”. Paulo tinha uma facilidade de amar e entender o outro, de ser tolerante com o outro, e isso tornava o clima entre nós muito ameno. Então, para mim, essa foi a viagem mais marcante que nós fizemos. Em Paris eu ficava solta. Ele ia pra Unesco e morria de ciúmes porque eu dizia: “até logo” (risos). Eu não tinha nada o que fazer lá, a não ser visitar os museus. Então eu saía, aprendi a ver o mapa do metrô, e saía para visitar os lugares. Gente, eu andei tanto por essa Paris! Possivelmente como uma boa parisiense. Fui descobrindo coisas, coisas e mais coisas. E todo ano eu ia e repetia o que eu tinha gostado. Foi assim, e foi muito bom. Paulo chegava e dizia: “Você fica o dia inteiro batendo pé por aí!” (risos). E eu dizia: “Você quer que eu fique presa no quarto do hotel só porque você está trabalhando!” (risos). Mas os outros dias na Suíça, em Praga, foram muito bons também. Paulo foi a Praga com a intenção de se encontrar com Karel Kosik, que era um grande filósofo naquela época (autor do livro *Dialética do Concreto*). Paulo tinha uma admiração enorme por ele. E foi uma coisa muito bonita, muito agradável. Ficamos de tarde até a noite com ele, um homem muito inteligente, muito solícito e nos deu uma amizade muito grande. E ele sabia os nomes dos jogadores de futebol da época no Brasil, e Paulo também gostava de futebol. Foi divertido.

04 – Em 2017 completam 20 anos da morte de Paulo Freire. Esse ciclo de homenagens mexe muito com a Senhora ainda?

R: Ah isso mexe, sim! Às vezes eu penso, quando estou adormecendo, que quando eu acordar Paulo vai estar ali, vai voltar. Aí me dou conta de que Paulo não volta mais. Eu penso comigo mesma... O Paulo que você conheceu, que você teve com tanta exclusividade, com tanta intimidade, com tanto amor – porque nós nos amávamos muito – ele não volta mais. Às vezes eu acho que o maior privilégio que Deus me deu foi ter tido esse homem solícito, carinhoso, coniven-

te, que dizia: “eu faço as coisas que minha mulher gosta”. Entende? Ele não ficava impondo a vontade dele. A gente combinava o que o outro queria. Às vezes ele me pedia para escolher o restaurante e eu dizia: “escolha você, porque se eu escolher uma pizzaria você não vai (risos)”. Ele era uma pessoa muito fácil de lidar, muito humilde, pé no chão. E ele dizia: “eu só posso ser feliz se eu faço minha mulher feliz”. Então, não há como ter antagonismos. Isso não significa que a gente nunca brigou. A gente teve algumas briguinhas, mas eram briguinhas bobas. Eu achava engraçado que ele sentava no sofá e eu me sentava ao lado dele à noite para ver o noticiário na televisão. Então, quando a gente estava assim, meio brigado, ele sentava no outro lado do sofá, no outro canto, e eu ia me arrastando no sofá, e chegava pertinho e falava com ele, e ele fingia que não ouvia (risos). Parecia criança! Era muito engraçado. Paulo era muito mais o homem do sentir. Se eu começava a tocar o ombro dele, o pescoço, o braço dele, aí pronto, desmanchava a raiva toda. Isso é o homem sensível, o homem que está mais preocupado em fazer o outro (no caso, o outro era eu) se sentir bem e nos fazer muito felizes. Essa generosidade dele era muito grande!

05 – O que irritava Paulo Freire no dia a dia?

R: Paulo não se irritava muito não. Mas ele se irritava com a falta de seriedade das pessoas. Paulo se irritava com a infidelidade entre amigos, entre conhecidos. Isso o deixava bastante abalado. Fora isso, não sei... Não sei o que te dizer. Eu acho que, basicamente, essas coisas.

06 – Qual o livro dele que a Senhora mais gosta?

R: O livro dele que eu mais gosto é a Pedagogia da Autonomia. Esse foi um livro-testamento. Foi o livro em que ele resumiu a pedagogia do oprimido. Não o título do livro, mas a criação toda, desde o

princípio, uma pedagogia para o oprimido, com o oprimido. Então, eu acho que ele chegou ao clímax com a Pedagogia da Autonomia. Embora eu reconheça que o livro que faz mais sucesso, que tem mais fama no mundo todo, tem mais adeptos, talvez não leitores, mais adeptos é a Pedagogia do Oprimido. Recentemente em 2016, na Inglaterra, mediram os intelectuais mais citados, mais indicados para leitura em língua inglesa e Paulo ficou em terceiro lugar. Acima de todos os filósofos alemães, franceses e norte-americanos. Nos Estados Unidos, como educador, Paulo ficou muito acima do John Dewey, que é um grande ídolo deles. Então, pra vocês verem esta questão da grandeza de pensamento de Paulo, embora no Brasil o pessoal ainda ache que ele nunca foi um pensador. O que foi Paulo, então? Paulo foi um pensador, ele criou teorias novas, ele criou práxis novas, ele criou uma maneira de ser e compartilhar com os outros que ninguém conhecia antes. E ele partiu do que? Do óbvio! Do cotidiano. Ele não foi buscar coisas na estratosfera, como alguns filósofos, às vezes, fazem. Coisas tão longe que não chegam até mim. Por mais que, às vezes, o leitor precise ler mais de uma vez para entender o que Paulo disse, ainda assim é uma leitura confortável.

07 – Sobre a tentativa de tirar de Paulo Freire o título de Patrono da Educação Brasileira, o que você tem a dizer?

R: Olha, sabe como eu vejo isso? Essa extrema direita está querendo arrasar o Brasil. Está querendo arrasar! E pra fazer isso, você tem que arrasar os seus grandes pensadores, seus ídolos, seus ícones. E essa questão nada mais é do que uma iniciativa dessa extrema direita periférica, querendo se alojar no governo central, e tem várias ligações com governos centrais e municipais, como é o caso de São Paulo, do Bolsonaro, como é o caso do Frota. Então, eles começaram com esse Movimento Brasil Livre (MBL), que iniciou com os meninos na rua de São Paulo pelo ‘passe livre’. Só que eles são absolutamente

equivocados, eles são agressivos, e eles estão se empenhando junto com políticos de meia tigela. Inclusive o deputado Marinho do Rio Grande do Norte está com eles na ‘pedagogia do fracasso’. Não tem justificativa. Eu lamento muito, pois quem é nordestino deveria ter no Paulo uma pessoa da família. Paulo escreveu sobre esta realidade. Agora, inventar essas coisas de Escola Sem Partido, que já foi um pouco anterior a essa ameaça. Como assim uma escola sem partido? Talvez a coisa não vingou como eles queriam, como eles esperavam, e eles então entraram com isso. Já fizeram uma petição no Senado com 20 mil assinaturas. Nós estamos tendo um movimento muito grande a partir de São Paulo. Luiza Erundina, ex-prefeita de São Paulo e eu, mais outros 20, 30 que apareceram, criamos um movimento e estamos distribuindo um manifesto pedindo, solicitando que quem acredita na palavra do Paulo, no que Paulo fez, se engaje numa corrente contra essa posição de querer tirar o título do Paulo de Patrono da Educação Brasileira, já que é uma ação maldosa, escandalosa, de mau caráter. Inclusive, não podemos acreditar no caráter dessas pessoas que estão chefiando esse movimento. Não posso respeitar essas pessoas. Luiza Erundina diz que esse foi o segundo exílio de Paulo. Eu digo que foi o terceiro, porque Paulo falava que o primeiro foi quando ele saiu do útero da mãe dele. Veja como a coisa em Paulo, do corpo, era tão radical. O primeiro exílio foi ter nascido, o segundo ter sido mandado embora pela ditadura militar por quase dezesseis anos, e o terceiro agora, quando querem tirar dele esse título.

08 – Qual notícia sobre educação a Senhora gostaria de ver na mídia brasileira?

R: Primeiro eu gostaria que a mídia no Brasil fosse mais verdadeira. Parece que agora existe um certo medo da imprensa, de sair dizendo tudo o que quer e o que pensa. Parece-me que a gente pode enveredar por caminhos mais verdadeiros. O que eu gostaria, real-

mente, é que se consagrasse Paulo como um homem que amou essa pátria, essa nação, que amou diferentes povos, e que trabalhou por eles, incansavelmente durante sua vida toda. Quer dizer, o maior desejo de Paulo era ver sociedades democráticas onde fosse mais fácil amar.

Síntese do Texto

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo

Sobre as autoras e autores

Alcione Ziliotto

Graduada em Filosofia (2003) e Direito (2010) e especialização em Ética e Filosofia Política, na modalidade Formação para o Magistério Superior (2004), todos pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Unochapecó. Atualmente atua no Núcleo Permanente de Regulação e Avaliação na função de Pesquisadora Institucional na Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Desenvolve atividades de tutoria (orientadora de aprendizagem) em cursos da modalidade EaD, nas seguintes áreas: Crimes Virtuais, Rotinas Trabalhistas, Noções de Direito Previdenciário e Teoria e Elaboração de TCC.

Altair Antunes do Nascimento

Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pelo Centro Universitário da Grande Dourados (2014) e graduação em Teologia pela Filemom Escola Superior de Teologia (2015) e pós-graduação em Literatura Brasileira pela Universidade do Contestado UNC (2015) e Mestrado em Teologia pela Faculdade e Seminário Teológico Nacional FSTN (2016) e doutorado pela Filemom Escola Superior de Teologia FEST (2017), cursando Pós-graduação em Gestão Escolar da Educação Básica pela Universidade da Fronteira Sul UFFS. Atualmente é Guarda Municipal da Prefeitura Municipal de Chapecó-SC. Tem experiência na área de Segurança Pública. Professor de Língua Portuguesa na Secretaria de Estado da Educação-SC.

Claudemir Stanqueviski

Mestre em Educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). Pós-graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste - Campus de Toledo). Faço parte do Palavração - Grupo de Pesquisa em Educação. Tenho experiência no trabalho e gerenciamento da educação, bem como na Administração das relações envolvidas e planejadas, produção de textos, monografias e trabalhos de conclusão de curso, com suas devidas apresentações e avaliações. Profissional com facilidade na comunicação verbal, escrita e flexibilidade

em todos os níveis hierárquicos. Habilidade em prospectar, identificar e realizar as melhores oportunidades de ensino e suas consequentes sinergias. Agregado a elaboração de estratégias e desenvolvimento de políticas de produções necessárias ao desenvolvimento educativo, criando as condições para o aprendizado. Também possuo formação e experiência no ensino na área de Línguas Estrangeiras Modernas - Espanhol. Trabalho também como professor na modalidade de Ensino a Distância (EaD).

Cleide Terezinha Neumann Feil

Mestra em Educação. Formação Acadêmica Inicial Licenciatura em Geografia pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (2003). Especialização em Geografia e Gestão Ambiental, Municipal e Regional pela Unochapecó 2003-2004, e Especialização em Gestão de Pessoas pela UCEFF, 2009-2010. Experiência Gestão Escolar, como Diretora de Escola Pública, em Assessoria Pedagógica para Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na organização curricular, planejamento e avaliação. Experiência na Gestão Pública da Educação como Secretária Municipal de Educação do município de Águas de Chapecó/SC de 2012 a 2016. Experiência na área da educação, com ênfase na Educação Infantil, Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos, em Conferências Municipais de Educação, Plano Municipal de Educação, Formação Contínua para docentes, Escola, Currículo, Gestão Pública da Educação, BNCC, PDDE, PAR e PNAE. Mestre em Educação, Pesquisadora CAPES, FAPESC/SC em Avaliação Formativa.

Cleonice Lazzarotto

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó (2003), Curso de Aperfeiçoamento em Teoria e Técnica Psicanalítica pelo Instituto Gepa (2007) e Pós-Graduação em Docência na Educação Superior pela Unochapecó (2012). Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Unochapecó. Possui experiência profissional nas áreas de psicologia escolar, clínica e organizacional.

Cristiana Padilha

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (2013). Curso de especialização pós-graduação: estudo da infância com ênfase nos anos iniciais e na educação infantil. Mestre em

Educação. Experiência de 12 anos na área de Educação, como professora de educação infantil e anos iniciais.

Gina Zanini

Escritora, Ilustradora e arte educadora. Mestre em Educação pelo PPGE da Unochapecó. Possui graduação em Licenciatura Plena em Educação Artística - Habilitação em Artes Plásticas (Universidade do Oeste de Santa Catarina/Unoesc - Campus Chapecó); Especialista em Estética; (Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó); Especialista em Design Industrial de Móveis; (Universidade do Oeste de Santa Catarina/Unoesc - Campus São Miguel do Oeste); Especialista em Arte e Educação (Centro Universitário Leonardo da Vinci - Uniasselvi). Membro pesquisadora nos Grupos de Pesquisa: Arte, Visualidade e Cultura e Palavrasão (ambos Unochapecó).

Ivanete Maria Weber

Mestra em Educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), em 06/08/2019. Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade de Amparo- São Paulo (1999), Especialista em Educação à distância pela Educon (1999), Especialista em Gestão Escolar pela UFSC (2008), e Especialista em docência na Educação Superior, pelo Senac (2015). Graduada em Pedagogia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (1996), e Bacharel em Serviço Social pela Unitins (2010). Com experiência na área de Educação, como gestora do Ensino fundamental, regência dos anos iniciais e atuando como analista pedagógica do ensino superior no Senac. Faz parte do grupo de Pesquisa Desigualdades Sociais, Diversidades Socioculturais e Práticas Educativas.

Ivo Dickmann

Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação - Unochapecó. Pós-doutor em Educação. Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Bacharel em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier. Principal foco de atuação e pesquisa: Educação (perspectiva crítica e libertadora), Educação Ambiental (formação de educadores ambientais, ambientalização curricular, educação ambiental freiriana escolar e Pedagogia do Meio Ambiente Oprimido), Educação Popular (metodologia e epistemologia de Paulo Freire) e Universidades Comunitárias. Líder do Palavrasão - Grupo de Pesquisa em Educação. Entre as principais obras publicadas estão artigos em revistas científicas e

os livros: *Primeiras Palavras em Paulo Freire* (2008; 2016; 2019), *Pedagogia da Memória* (2017), *Dinâmicas Pedagógicas* (2017), *Educação Ambiental na América Latina* (2018), *365 dias com Paulo Freire* (2019).

Juliana Aparecida Giongo

Mestra em Educação, especialista em Gestão de Pessoas com graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Unochapecó. Possui experiência profissional como Repórter de TV, Editora, Apresentadora, Radialista, Assessora de Imprensa, Gestora de Equipes e Docente no ensino superior nas áreas de Comunicação Social e Educação; coordenou o Núcleo de Produção de Conteúdo da Diretoria de Marketing e Comunicação da Unochapecó. Atualmente é Coordenadora da TV Uno, televisão universitária da Unochapecó.

Marcelo Schmitz dos Santos

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Unochapecó. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (2016). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social, atuando principalmente nos seguintes temas: psicologia, subjetividade, orientação profissional, educação, ética e política.

Marta Zanette

Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário da Grande Dourados (2011- 2015). Curso de Pós-graduação Lato Sensu Em Educação Especial e Inclusiva (2015). Atualmente é professora da Educação Infantil no Centro Educativo Municipal Mediação em Cordilheira Alta-SC. Coordenadora e orientadora de aprendizagem no polo interativo da Fael EAD, no município de Coronel Freitas-SC. Mestranda em Educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó-Unochapecó. Membro do Palavração - Grupo de Pesquisa em Educação.

Silvana Teresinha Bernieri

Cursando Mestrado em Educação na Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Possui graduação em Pedagogia - Educação Infantil e Ensino Fundamental, pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó em (2001) e Especialização em Teorias e Metodologias da Educação: Área de concentração: Educação. Infantil e Ensino Fundamental pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó. Concluiu o Ma-

gistério no Colégio Normal Neusa Massolini no ano de 1985 e Estudos Adicionais no Colégio Bom Pastor de Chapecó (1992). Trabalha com mediação e orientação para professores da Educação Infantil. Atua como professora da educação infantil, ensino fundamental I (anos iniciais), gestão escolar há 32 anos e atualmente é professora da Infância na Escola Municipal Coronelzinho. Locutora e Operadora de Áudio na Rádio ONE FM. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem, Gestão Democrática, atuando principalmente nos seguintes temas: Desenho e Educação Infantil, Experiências Significativas da Infância e Espaços de Aprendizagem, Gestão Democrática. Coordenadora e orientadora de aprendizagem no polo interativo da FAEL Faculdades EAD, no município de Coronel Freitas-SC. Membro da OMEP - AROC e Grupo de Estudo sobre Infância na Região da AMOSC.

Índice remissivo

A

alfabetização, 34, 42, 46, 77, 79,
96, 97, 99, 159
alunos, 11, 31, 34, 36, 43, 46, 47,
96, 97, 99, 108, 109, 110, 111,
112, 113, 114, 115, 116, 150, 151
América Latina, 14, 15, 20, 26,
134, 159, 169
amorosidade, 5, 8, 9, 11, 58, 59,
60, 61, 130, 157, 175

B

bem viver, 16, 135

C

Carta, 7, 8, 52, 89, 118, 121, 129
Cátedra Paulo Freire, 5, 7, 8, 9,
13, 14, 16, 19, 21, 22, 23, 24, 25,
29, 41, 52, 59, 64, 139, 143, 175

Ch

Chapecó, 4, 5, 23, 24, 31, 41, 66,
76, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 89,
108, 109, 111, 113, 115, 116, 118,
119, 139, 143, 146, 166, 167,
168, 169, 176

C

compromisso, 10, 42, 44, 60,
63, 72, 77, 119, 133, 159
contra-hegemônica, 16
críticidade, 45, 46, 48, 70, 76,
78, 95
cultura, 15, 16, 17, 24, 25, 30, 32,
36, 43, 45, 47, 48, 49, 61, 64,
71, 98, 100, 129, 133

D

democrática, 18, 33, 34, 35, 70,
95
diálogo, 9, 10, 14, 15, 32, 34, 45,
47, 48, 53, 59, 62, 65, 69, 70,
72, 77, 78, 79, 85, 125, 126,
130, 133, 141, 144
Didática Freiriana, 22
direitos humanos, 33, 102, 122,
123, 126

E

educação, 8, 9, 10, 11, 13, 16, 17,
18, 21, 25, 26, 29, 30, 32, 33,
34, 35, 36, 42, 43, 44, 45, 47,
48, 53, 54, 59, 60, 61, 62, 63,
65, 70, 71, 72, 76, 77, 78, 79,

80, 81, 82, 83, 86, 93, 94, 96,
100, 102, 111, 112, 117, 118, 121,
122, 123, 124, 125, 126, 132,
134, 135, 136, 139, 140, 143,
145, 163, 166, 167, 168, 169,
170
educadora, 7, 31, 58, 59, 60, 62,
63, 64, 65, 76, 78, 85, 100, 123,
129, 135, 168
educadores, 9, 22, 33, 43, 45, 47,
66, 72, 76, 83, 121, 123, 125,
133, 134, 135, 143, 145, 168
encontros, 17, 21, 30, 52, 97, 144
escola, 26, 31, 34, 42, 47, 62, 72,
76, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85,
93, 95, 97, 98, 99, 100, 103,
108, 109, 110, 111, 112, 113, 114,
116, 118, 119, 123, 124, 125, 126,
149, 150, 152, 153, 154, 163
escola pública, 26, 93, 118
experiência, 25, 26, 37, 47, 62,
64, 99, 100, 102, 103, 129, 131,
139, 142, 143, 166, 167, 168,
169, 170
experiências, 7, 17, 41, 42, 45,
48, 60, 63, 79, 85, 93, 113, 141,
142, 146

F

FAMA, 8, 139, 142, 145
filosofia, 13, 16, 48, 60

Freire, 5, 7, 8, 9, 10, 14, 16, 19,
20, 21, 22, 23, 25, 34, 35, 36,
41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48,
58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 69,
70, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 79,
85, 89, 94, 98, 99, 100, 102,
104, 108, 109, 111, 112, 113, 115,
116, 121, 125, 133, 134, 144, 157,
158, 169, 175

H

história, 7, 13, 16, 26, 30, 32, 42,
43, 71, 76, 77, 78, 80, 82, 83,
85, 89, 90, 93, 100, 101, 104,
121, 125, 132, 133, 143

I

ideológicas, 116
interculturalidade, 16

L

liberdade, 10, 19, 20, 26, 45, 48,
49, 55, 59, 63, 66, 72, 73, 81,
90, 94, 105, 122, 144, 154
libertação, 15, 16, 17, 24, 34, 43,
44, 46, 48, 66, 102, 122, 135,
145

M

metodologias, 17, 36
mídia, 163

Moacir Gadotti, 130, 135
Movimento, 20, 31, 33, 101, 162
mundo, 11, 18, 30, 34, 35, 37, 41,
42, 45, 46, 48, 52, 53, 54, 55,
59, 60, 63, 64, 65, 69, 70, 71,
72, 73, 76, 78, 79, 80, 81, 84,
86, 89, 90, 98, 99, 101, 102,
103, 104, 111, 124, 129, 130,
132, 133, 144, 157, 158, 159, 162

P

palavra, 7, 27, 36, 37, 39, 50, 53,
54, 55, 56, 61, 67, 69, 70, 71,
72, 73, 74, 87, 91, 99, 101, 106,
120, 123, 127, 137, 139, 147,
155, 163, 165
palavras, 13, 24, 32, 36, 45, 47,
54, 55, 69, 70, 71, 73, 76, 77,
81, 83, 84, 86, 89, 90, 97, 98,
99, 131, 144, 146
partilha, 20, 32, 47, 104, 110, 116
Paulo Freire, 5, 7, 8, 10, 11, 14,
15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24,
25, 26, 29, 30, 32, 34, 35, 41,
43, 48, 52, 53, 62, 64, 66, 76,
77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84,
86, 94, 101, 102, 115, 121, 123,
124, 129, 131, 132, 135, 139,
140, 141, 143, 144, 145, 146,
160, 161, 162, 168

Pedagogia, 8, 11, 15, 16, 20, 22,
23, 24, 25, 26, 29, 32, 35, 41,
42, 43, 45, 49, 52, 60, 61, 63,
66, 69, 73, 81, 93, 101, 102,
103, 104, 105, 131, 139, 140,
141, 142, 143, 146, 157, 161,
167, 168, 169
pesquisadoras, 9, 23
pesquisadores, 23
política, 9, 11, 15, 25, 30, 33, 42,
44, 45, 48, 59, 62, 70, 95, 110,
111, 118, 133, 143, 169
político, 15, 18, 20, 23, 33, 34, 36,
45, 72, 110, 135
PPGE, 9, 14, 19, 22, 23, 59
práxis, 14, 19, 44, 54, 69, 93, 135,
136, 143, 144, 145, 162
professor, 11, 13, 14, 22, 33, 41,
43, 44, 45, 47, 48, 49, 52, 59,
63, 71, 81, 94, 96, 98, 100, 124,
125, 130, 139, 143, 150, 151,
152, 153, 158, 167

R

realidade, 15, 18, 30, 31, 34, 37,
43, 53, 54, 61, 62, 63, 64, 71,
76, 77, 78, 79, 81, 95, 101, 102,
103, 113, 125, 130, 132, 135,
140, 143, 144, 163

reflexão, 18, 19, 29, 36, 46, 60,
61, 63, 64, 76, 78, 104, 116,
121, 125, 141, 144, 145
resistência, 10, 11, 15, 33, 111

S

ser humano, 32, 54, 61, 65, 101,
102
social, 10, 14, 30, 33, 36, 42, 48,
53, 62, 70, 71, 72, 76, 79, 99,
113, 119, 131, 132, 133, 135, 141
sociedade, 9, 10, 11, 15, 18, 20,
29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 43,
45, 46, 71, 78, 89, 90, 94, 101,
102, 116, 118, 122, 124, 125,
126, 133, 139, 143
stricto sensu, 17, 18

Summerhill, 8, 149, 150, 152,
153

T

transformação, 18, 29, 31, 36,
61, 62, 63, 70, 71, 78, 116, 119,
125, 135, 143, 144

U

Unochapecó, 7, 9, 11, 13, 14, 15,
17, 19, 23, 52, 59, 94, 132, 139,
142, 143, 157, 166, 167, 168,
169, 170

V

vivência, 85, 100, 109, 110
vivências, 20, 53, 60, 61, 62, 76,
79, 85, 113, 141

Editora Livrologia
www.livrologia.com.br

Título	Freire e nós: pedagogia da amorosidade
Organizadores	Ivo Dickmann, Gina Zanini Juliana Giongo, Cleide Neumann
Coleção	Cátedra Paulo Freire
Assistente Editorial	Ivanio Dickmann
Assistente Comercial	Julie Luiza Carboni
Bibliotecária	Karina Ramos
Projeto Gráfico	Ivo Dickmann
Arte da Capa	Gina Zanini
Diagramação	Equipe Livrologia
Preparação dos Originais	Gina Zanini e Juliana Giongo
Revisão	Cleide Neumann e Juliana Giongo
Formato	14 cm x 21 cm
Tipologia	Andada, entre 8 e 14 pontos
Papel	Capa: Supremo 300 g/m ² Miolo: Offset 90 g/m ²
Número de Páginas	176
Ano da Publicação	2019
Impressão e Acabamento	META – Cotia-SP

Queridos leitores e queridas leitoras:

Esperamos que esse livro tenha sido útil para você e seu campo de leitura, interesse, estudo e pesquisa.

Se ficou alguma dúvida ou tem alguma sugestão para nós,
Por favor, compartilhe conosco pelo e-mail:
franquia@livrologia.com.br

PUBLIQUE CONOSCO VOCÊ TAMBÉM
ENCONTRE UM FRANQUEADO LIVROLOGIA
MAIS PERTO DE VOCÊ
www.livrologia.com.br

Trabalhos de Conclusão de Curso
Dissertações de Mestrado
Teses de Doutorado
Grupos de Estudo e Pesquisa
Coletâneas de Artigos
Poesias e Biografias

EDITORA LIVROLOGIA
Rua Vicente Cunha, 299
Bairro Palmital - Chapecó-SC
CEP: 89.815-405
(49) 98916-0719
franquia@livrologia.com.br

Esse livro é a sistematização de três anos de atividades. Cumpre a função de registrar as ações da Cátedra Paulo Freire na Unochapecó, com a esperança que ele fomente práticas, leituras, dinâmicas, oficinas ou qualquer ação pedagógica que tenha sintonia com o legado freiriano, contribuindo para a transformação da sociedade em um mundo cada vez mais justo e solidário.

O principal desafio da Cátedra Paulo Freire da Unochapecó é extrapolar as atividades desenvolvidas dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGGE, ir além da disciplina e articular um conjunto de ações e sujeitos que se identifiquem com o legado filosófico-pedagógico-político de Paulo Freire, construindo uma rede de pesquisadores e pesquisadoras que se comprometem com a disseminação e reinvenção dos princípios e pressupostos do educador brasileiro.

